

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE INTERCULTURAL INDÍGENA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E  
TERRITORIALIDADE

Sandra Ventura Domingo

**Levantamento e registro do comportamento socioambiental Terena por meio de marcadores espaço-temporais: aproximação aos conhecimentos dos troncos velhos**

DOURADOS

2022

Sandra Ventura Domingo

**Levantamento e registro do comportamento socioambiental Terena por meio de marcadores espaço-temporais: aproximação aos conhecimentos dos troncos velhos**

Dissertação/Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) para a obtenção do título de mestre em Educação e Territorialidade.

Orientador(a): Prof. Levi Marques Pereira

Área de concentração: Desenvolvimento e Políticas Públicas.

Linha de Pesquisa: Território e Sustentabilidade.

Dourados

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

D6711 Domingo, Sandra Ventura

Levantamento e registro do comportamento socioambiental Terena por meio de marcadores espaço-temporais: aproximação aos conhecimentos dos troncos velhos [recurso eletrônico] / Sandra Ventura Domingo. -- 2022.

Arquivo em formato pdf.

Orientador: Levi Marques Pereira.

Dissertação (Mestrado em Educação e Territorialidade)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2022.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:  
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Marcos temporais Terena. 2. Marcos territoriais Terena. 3. Cultura Terena. 4. Troncos Velhos. 5. Identidade. I. Pereira, Levi Marques. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE INTERCULTURAL INDÍGENA –FAIND  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E  
TERRITORIALIDADE



## SANDRA VENTURA DOMINGO

*Levantamento e Registro do Comportamento Socioambiental  
Terena Por Meio de Marcadores Espaço-Temporais:  
aproximação aos conhecimentos dos troncos velhos*

Esta dissertação foi julgada e aprovada pela presente banca examinadora para a obtenção do título de Mestra em Educação e Territorialidade pela Faculdade Intercultural Indígena da Universidade Federal da Grande Dourados.

Dourados, 02 de setembro de 2022.

**Prof. Dr. Eliel Benites**

Diretor da Faculdade Intercultural Indígena/FAIND

### BANCA EXAMINADORA

**Prof. Dr. Levi Marques Pereira**  
Orientador/PPGET/UFGD

**Prof.ª Dr.ª Grazielle Accolini**  
Membro externo/PPGAnt/UFGD

**Dr. Luiz Henrique Eloy Amado**  
Membro externo/APIB

**Prof.ª Dr.ª Laura Jane Gislotti**  
Membro Interno /PPGET/UFGD

Dedico esta pesquisa em especial à memória do meu pai, Paulo César Domingo “Pancho”, e a todos que de forma direta e indireta contribuíram para que esta pesquisa acontecesse.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus acima de tudo, o Dono do meu deitar, levantar, do meu respirar, o dono das minhas entranhas, o dono da minha vida e que me dá sabedoria.

À Missionária Hilda Maidana que tem orado por mim e que me amparou como filha após a morte do meu pai, a criatura terrena responsável por eu nunca desistir, que me ajuda e me fortalece com suas orações.

À minha filha Bruna Eduarda Ventura Domingo, que amorosamente procurou ouvir e aprender todos os ensinamentos do meu pai e que pacientemente tem aceitado tudo aquilo que proponho e tenho repassado a ela sobre nossa cultura.

Ao meu companheiro Arilson Cândido que muito me ajuda com o Terena, pois ele é bilíngue, falante da Língua Terena.

Aos meus colegas de Mestrado, em especial á uma candidata Sabrina Nogueira, que acredito que participou da seleção apenas para me abençoar, à mim e à minha filha.

À Mirta, uma amiga que fiz no Mestrado e vou levar para toda a vida.

Aos professores que muito contribuíram nesta caminhada.

Ao meu orientador professor Dr. Levi Marques Pereira, pela sua serenidade e me passar segurança e me fazer sentir orgulho dos meus conhecimentos orais e ter a coragem de relatá-los em minha pesquisa.

Aynapo yakue!

Muitas vezes eu ia na frente pra levar a tropa, ou às vezes eu subia sozinho pra buscar a tropa que tinha ficado pra trás. Porque muitas vezes, a gente ia pra levar uma boiada de uma fazenda para a outra que estava na Serra, então a comitiva era contratada e o condutor me mandava na frente levando a tropa e a turma ia só depois, de ônibus. Às vezes, a gente saía daqui do Pantanal levando gado e quando chegava no destino, a peonada voltava de ônibus e eu voltava sozinho trazendo a tropa de volta. Meu medo era até eu dormir, depois que eu dormia eu não tinha mais medo. Muitas vezes eu anoitecia aonde não tinha pouso, aí eu toldava a cerca de arame com minha capa e dormia embaixo. Quando tinha pouso, eu armava minha rede. Medo de onça eu nunca tive! A gente enfrenta frio, chuva, isso não é problema, o que me fez sofrer muito foi uma vez que me deu dor de dente, mas chegando na primeira cidade eu arranquei e acabou o problema. Já viajei sozinho levando tropa e já viajei sozinho mesmo, só o animal e eu, pra buscar uma tropa. A gente vai de vagar pra não judiar o animal e na volta não montava mais ele. Pra aguentar viagem longa tem que ser burro, cavalo não aguenta.

(“Pancho”, peão Terena, 2014)

## KALIHUTI YUTOETI

Enepora ituketi hara koyuhu, kixoku itukeovo enepora meun enepo essaíkovo kixoku itukeovo ya xoko Terêna. Motovâti vexea hunokoku vemeuxa, kixoaku vêxea kuanemaka vexokea xapakuke inamati xâne, motovati xunaiyea xoko emeuxa. Enepora exetinati hara koyuhu exôneti ya emo'utike yoko kamone ûti iyonopatike ya kuatike kanauti vítukeovo, kuane kuati kixoku yonea, ivavakea enepo'oxo vexea apeinoviti ya xapakuke ho'í, kîxoku itukeovo Têrenoe. Enepora exôneti hiko hara omoto'uxo poí'hiko apeyati, motovâti akoyea aueke'e vexêa, yoko vivavakea vemeuxa, yoko vipuxovoku ûti Têrenoe. Enepo'oxo, exokovea kanauti exetina xanehiko, kuteati enepone inuxinuviti, xuve'einoviti yoko pîtivokona ûti, ya xoko vexea ku unatiyea óvea. Motovâti vexea kuati vekeku ra'a ituketi. Konoko veiyoponea kuxoti exoneti, kuanemaka inamati issoneuti, kuanehiko exôneti ya xoko kûxoti xâne pihotinehiko, exonetihiko, ya xoko kuxotihiko xâne, pohutineke ya koyuhó kuati, xapa viyêno, kuteati hâ'á-xe'exa, oxûti-amorití. Enepora issoneuti enomone yutoxeovo ra'a exoneti motovâti akoyea auke'é vo'oku ra'á essaíkeovo kueku ra'a meun, kuanemaka epora kixoku itukeovo inamatihiko Têrenoe. Enomone, konokino yutoxeovo, vo'oku enepone Têrenoe ya koyuhu kuetike unakea ne êxone. Veyopônokono exôneti ya koyuhopetike yoko ya xâne, ya koyuhó kuetike. Motovâti exeamaka enepone inamatihiko xâne. Eneponehiko kuati nokone vexeahiko ainovo motovâti vihikaxopeovó kueku Têrenoe pihotihiko kaxe. Kuteatihiko: a) ukeaku, ya kîxoku simea yara ipuxovoku ko'oyene; b) exoneti xoko kixoku itukeovo kaxe pihotihiko; c) Kixoku nika yoko ukeaku nîka; d) kixoku yonea ya emeuxake; e)kixovoku itukeovo ya xapakuke ho'openohiko; f) Ko'inikoneya po'inuhiko xâne; g)Kixoku noemexea meun; h)Kixoku hoenaxea akotine vakueneye, yoko akoti kurikâ; i)Kixoku itoponea, koukoponea yoko essaíkeovo exonetihiko xoko hunokoku vemeuxa. Enepora exoneti kuati nokoneti yutoxeovo yoko vivavakea kuane exoneti kîxoku vítukeovo ya xoko vovoku. Kuati nokone ûti Têrenoe motovâti vexea ra'a vapeiyea yara vitovokune, enepora exoneti ukeati ya xoko xuve'einoviti, vihau, xuveinoviti. N'za a ra'a itukovo kayumakinonoatí, ivokovone, enemone itukonovó exone po'í xâne, akotimeku itukâ seno, exôneti yara kuveu ihikauti. vêxea enepora kixokú vítukeovo yoko vapeyeya yara meun.

**Xunatihiko Emoûtihiko:** Hoinaxope kuveu xoenâe ne xâne. Hoinaxope êmeuxa ne xâne. Kixoku itukeovo ne xâne. Xuve'einoviti. Itukeovo ne xâne. Emêuxati. N'generu. Po'í apeyatihiko.

## RESUMO

Este trabalho tem por objeto caracterizar e registrar os marcadores espaço-temporais terena utilizados como referenciais territoriais. A narrativa conecta a memória social ao sistema de conhecimento, práticas, formas de mobilidade e a identificação e uso de recursos existentes no ambiente, típicas da formação social terena. Tal sistema de conhecimentos e práticas conecta gerações, assegurando a continuidade dos modos de apropriação do espaço e da territorialidade terena. Ao mesmo tempo, explicitam os vínculos históricos e sociais de determinados coletivos, como os troncos e aldeias, com espaços territoriais específicos. Para compreender como esse processo ocorre, fez-se necessário um levantamento dos conhecimentos atuais e saberes antigos, aprendidos, durante gerações, exclusivamente de forma oral, entre parentes próximos, como pais-filhos ou avós-netos. O objetivo é registrar estes conhecimentos para que não se percam com o tempo em função da mudança de hábitos e costumes dos jovens terena. Diante deste fato, faz-se necessário o registro escrito, uma vez que se tem conhecimento que o Povo Terena é de tradição oral. Foi realizado levantamento bibliográfico e uma pesquisa de campo por meio de conversas para caracterizar estes conhecimentos e como são repassados às novas gerações. Os principais pontos abordados levantados constituem em estudar o passado Terena, tais como: a) sua origem, como chegou até este território atual; b) suas memórias, hábitos e costumes; c) forma de alimentação e obtenção de alimentos; d) formas de se movimentar no território; e) relação do Terena com os animais; f) alianças firmadas com outros povos; g) formas de observação da natureza; h) identificação de quais costumes estão em desuso e quais persistem ainda hoje; i) formas de aquisição, transmissão e transformação dos conhecimentos associados aos marcos temporais. Considero que o registro e análise do sistema de conhecimento e práticas associadas aos referenciais espaço-temporal se faz fundamental para entender a vida que nós Terena levamos na atualidade, e a pesquisa de campo foi orientada pelo diálogo com os mais velhos, que denominamos de nossos troncos. O principal interlocutor foi meu próprio pai, já falecido, o que situa a pesquisa no viés geracional, mas também de gênero, temas que perpassam a presente pesquisa.

**Palavras-Chaves:** Marcos temporais Terena. Marcos territoriais Terena. Cultura Terena. Troncos Velhos. Identidade. Territorialidade. Gênero e geração.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Aldeia Ipegue.....	29
Figura 2 - Ilustração do Ypeákaxoti.....	31
Figura 3 - Desenho da Fazenda Jequitibá.....	36
Figura 4 – Festa de fim de ano na fazenda Jequitibá, década de 80. ....	38
Figura 5 - Foto tirada na Fazenda Água Doce, em 1987. ....	39
Figura 6 - Foto tirada na Fazenda Água Doce, década de 80.....	40
Figura 7 - Foto de Paulo César Domingo “Pancho”. ....	41
Figura 8 - Década de 80, foto tirada na Fazenda Água Doce.....	45
Figura 9 - Pé de algodão.....	58
Figura 10 - Foto da Kuxa e do Kuxo .....	70
Figura 11 - Rota Aldeia Ipegue à Dourados.....	83
Figura 12 - Dentre os peões, está “Pancho”, peão Terena. ....	88
Figura 13 - Peões da fazenda Jequitibá, dentre eles “Pancho” década de 80.....	91
Figura 14 - Foto tirada na Fazenda Jequitibá, década de 70. ....	95
Figura 15 - Dobro de peão.....	101
Figura 16 - Bruna Eduarda, neta do Pancho e Técnica em Agropecuária. ....	102
Figura 17 - Trabalho com o gado na retomada Poko'ó. ....	103

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estações do ano relacionadas à época de plantio Terena da Terra Indígena Taunay-Ipegue, município de Aquidauana (MS).....	112
Quadro 2 - Calendário agrícola Terena.....	114

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Estações do ano relacionadas à época de plantio Terena da Terra Indígena Taunay-Ipegue , município de Aquidauana (MS). .....	112
Tabela 2 - Calendário agrícola Terena. ....	114

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CDI	Centro de Desenvolvimento à Informação
FAIND-UFGD	Faculdade Intercultural da Universidade Federal da Grande Dourados
FUNASA	Fundação Nacional de Saúde
MS	Mato Grosso do Sul
PPGET	Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidades
PROLIND	Projeto de Licenciatura Intercultural Indígena Povos do Pantanal
SPI	Serviço de Proteção ao Índio
SRAG	Síndrome Respiratória Aguda Grave
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TI	Terra Indígena
UCDB	Universidade Católica Dom Bosco
UEMS	Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UNIFIL	Centro Universitário Filadélfia

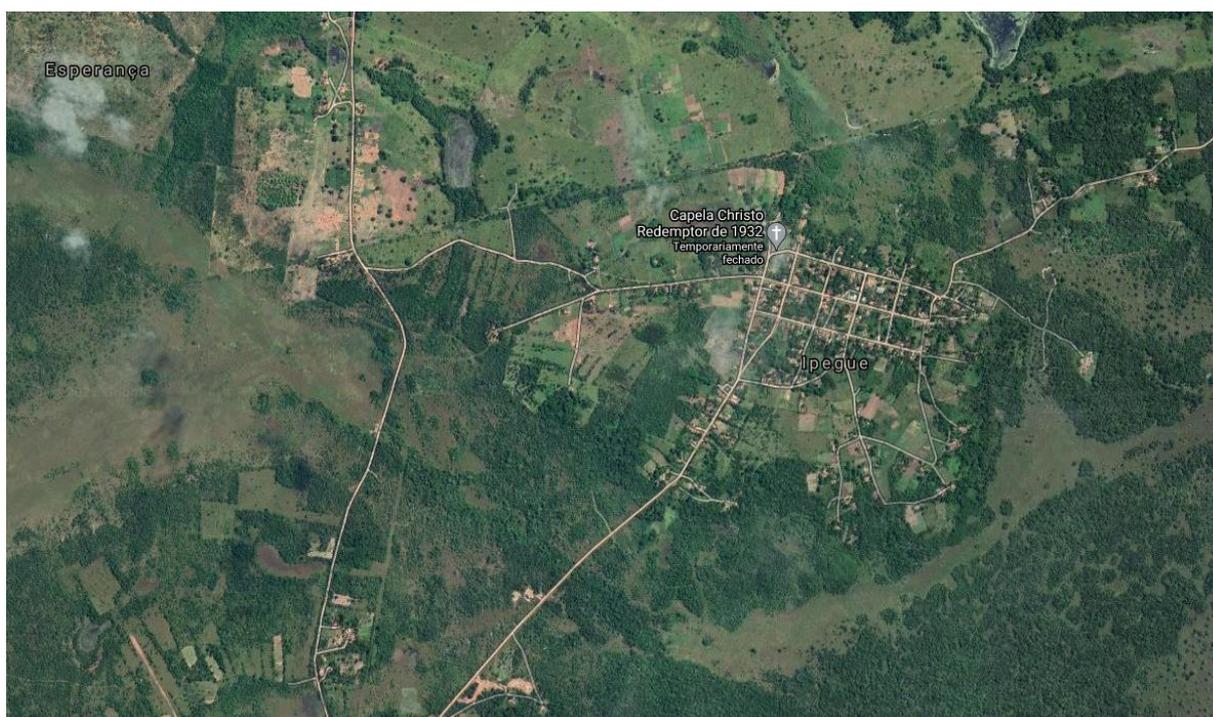
## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	<b>29</b>
Contextualização do meu projeto de pesquisa.....	34
<b>1 OS TERENA: BREVE CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA E ETNOGRÁFICA</b> .....	<b>49</b>
1.1 SITUAÇÃO HISTÓRICA DOS TERENA .....	51
1.2 OS GUANÁ NO CHACO/LAGUNA DE XARAYES .....	52
1.3 A CHEGADA DOS NÃO ÍNDIOS E SUA RELAÇÃO COM OS INDÍGENAS	55
1.4 OS TERENA NA GUERRA COM O PARAGUAI.....	60
1.5 TEMPOS DE SERVIDÃO .....	62
1.6 OS TERENA E O S.P.I.....	65
<b>2 OS TERENA E AS RELAÇÕES COM AMBIENTE E COM SERES VIVOS E MITOLÓGICOS</b> .....	<b>68</b>
2.1 POVOS INDÍGENAS E ECOLOGIA.....	73
2.2 A MEMÓRIA BIOCULTURAL TERENA.....	76
2.3 SOCIOLOGIA ENTRE OS TERENA E OS ANIMAIS.....	80
<b>3 TERRITORIALIDADE NO “ESTRADÃO”</b> .....	<b>83</b>
3.1 CULTURA, CULTURAS, IDENTIDADE E TERRITORIALIDADE .....	85
3.2 O PEÃO DE BOIADEIRO DE MATO GROSSO DO SUL .....	88
3.3 A PECUÁRIA NO MS E NO PANTANAL.....	90
3.4 MARCAS TERRITORIAIS PRESENTES NA CULTURA DO ESTRADÃO ...	92
3.5 MEMÓRIAS TERENA .....	104
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>116</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>122</b>

## INTRODUÇÃO

A pesquisa ocorreu dentro dos limites sanitários impostos pela Pandemia do Covid-19<sup>1</sup>, na aldeia Ipegue, localizada na Terra Indígena do Distrito de Taunay/Ipegue, município de Aquidauana, estado de Mato Grosso do Sul (MS). A princípio, seria um trabalho realizado a partir de pesquisa com os anciãos da comunidade, mas em função do contexto sanitário do momento, a pesquisa tornou-se uma autoetnografia na qual o principal interlocutor foi meu próprio pai. A aldeia Ipegue já existia antes mesmo da Guerra com o Paraguai e fazia divisa com a antiga aldeia Naxe Daxe, hoje denominada fazenda Esperança, retomada pelo povo Terena, desde 2013. A aldeia Naxe Daxe, por seu turno fazia divisa com a aldeia Cachoeirinha, esta já no município de Miranda (MS) (AMADO, 2020).

Figura 1 - Aldeia Ipegue.



Fonte: Google Maps (2022a).

De acordo com relatos dos anciãos e profissionais da Educação, o nome inicial da aldeia era Ypeákaxoti, que na tradução dos anciãos significa cemitério. Ypeákaxoti, no entanto, para os Ipeguianos está associado a um lugar, mais precisamente à região ao entorno do córrego

---

<sup>1</sup> Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG).

perene Vonikóe<sup>2</sup>, repleto de árvores que serviam de abrigo, pouso e frutos de alimento para as aves. Esta região era repleta de penas das aves que ficavam no chão em função da troca de penas e revoadas das aves e era um local que servia de reprodução para as aves, uma espécie de ninhal.<sup>3</sup> Por esse motivo, os antigos chamaram este lugar de Ypeákaxoti – o que, posteriormente, deu nome à aldeia. Ipegue é a abreviação do nome original em função do fato dos não índios não conseguirem pronunciar o nome antigo da aldeia. A ilustração abaixo representa a origem do nome da aldeia Ipegue e foi pintada exclusivamente para a minha dissertação pela aluna Ludmila Constantino Eloi, ganhadora do 3º lugar do Concurso Artístico e Literário do Município de Aquidauna, edição de 2021.

---

<sup>2</sup> Barulho da água, som das águas ao correr pelo leito.

<sup>3</sup> Conjunto de ninhos que estão próximos uns dos outros (Ninhário).

Figura 2 - Ilustração do Ypeákaxoti.



Fonte: Ludmila Constantino Eloi Borges.

A principal fonte de renda da aldeia Ipegue é a *changa*. Antes da primeira retomada, em 2013, muitas famílias se empregavam nas fazendas circunvizinhas e, às vezes, de lá seguiam para outras fazendas do mesmo proprietário ou algum outro proprietário de fazendas: aconteceu com o meu pai, como veremos adiante. Hoje, ainda há um ou outro empregado nas fazendas, mas essa prática se tornou mais escassa depois das retomadas, que geraram conflitos envolvendo proprietários e indígenas, dificultando o acesso aos postos de trabalho. Hoje, porém, a *changa* se dá nas áreas de retomada entre os próprios trabalhadores Terena e nas aldeias.

Eu sempre observei e fui aprendendo com o meu pai a observar a natureza, o meio ambiente à nossa volta e sempre estava atenta às práticas agrícolas do meu pai. Ao observar os diálogos dele com os companheiros, amigos e até mesmo colegas de trabalho, sempre tive o desejo de registrar esses conhecimentos, porque eu sempre os admirei. Meu pai era um grande conhecedor tradicional, um dos troncos velhos da minha família, pelo qual sempre nutri grande admiração, sendo uma referência na instrução e orientação de como proceder como Terena.

Interessante como esse ensinamento fluía naturalmente da parte do meu pai: quando eu não entendia algo eu naturalmente perguntava e ele respondia, mas isso antes de eu ingressar na universidade, porque a primeira vez que cheguei perto do meu pai e pedi para ele repetir os seus conhecimentos para eu anotar, ele reagiu asperamente e me mandou deixar de ser boba. Então o único jeito foi ir registrando aos poucos mesmo, de acordo com os ensinamentos dele que ocorriam de forma natural e corriqueira. Eu ouvia com atenção e só depois anotava no meu caderninho. A reação de meu pai, se recusando narrar para que eu anotasse no caderno, manifesta recusa a se reduzir a posição de informante. Hoje, considero que ele queria ser meu interlocutor e mestre, alguém com quem se dialoga, em um esforço compartilhado de ampliação da compreensão do mundo, implicando no meu comprometimento com a perspectiva e a cosmologia Terena. O conhecimento não é apenas transmitido de pessoa a pessoa: ele deve produzir vínculos e compromissos.

Eu ingressei na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) já sabendo qual seria o tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC): eu queria registrar esses conhecimentos passados pelo meu pai. Desta forma, após seleção da professora Elisângela Maria Castedo, pela coordenação do meu curso - Ciências da Natureza e Educação Intercultural

para orientação, eu li e pude descobrir que estes conhecimentos são chamados, pela Literatura Ocidental, de marcadores espaço-temporais<sup>4</sup>.

Fiquei ainda mais encantada pelo tema ao descobrir que os conhecimentos do meu pai e do seu ciclo de amizade desenvolvidos e aplicados por eles no dia a dia, fosse no trabalho nas fazendas, nas viagens de comitiva de peão de boiadeiro, nas *changas*, ou no trabalho coletivo por rodízio são caracterizados como marcadores espaço-temporais. A partir daí, eu poderia caracterizar os marcadores espaço-temporais Terena.

Eu venho desenvolvendo este tema desde a graduação, especialização e agora no mestrado. A minha preocupação na época era apenas registrar estes conhecimentos para que eles não se perdessem ao longo de nossa história, mesmo porque hoje meu pai já não se encontra mais presente neste plano espiritual. Então, eu notei que havia poucas roças na aldeia Ipegue e logo deduzi que restavam poucas pessoas, praticante, como detentoras destes conhecimentos.

Para a minha surpresa, após as retomadas, houve um aumento considerável das pessoas que voltaram a plantar, tanto a roça no formato da agrofloresta, quanto nas hortas e nos cultivos de quintais familiares. Eu observei que os pais estão indo para as retomadas cultivar seu roçado e que têm levado seus filhos para ajudar. Desde a minha graduação, em 2015, a minha concepção destes marcadores tem mudado. No início, havia preocupação em registrar esta bela prática, usada pelo pai no decorrer de sua breve vida de apenas 62 anos e depois das retomadas. Depois das retomadas, eu observei que estas práticas não haviam caído no esquecimento, pois apenas não estavam sendo repassadas por uma questão de falta de oportunidade, de espaço. Assim que a oportunidade apareceu com o espaço das retomadas, muitas práticas foram reativadas, numa espécie de revigoramento cultural Terena.

Após ingressar no mestrado com este tema, eu observei que estes marcadores não servem apenas para ajudar os trabalhadores no dia a dia nas fazendas ou mesmo nas aldeias, ou em suas viagens temporárias para outros municípios, mas que estes marcadores são práticas territoriais, fundamentais para garantir o território e a continuidade de um povo com seus costumes, rituais, modos próprios de organização social, cultura, enfim, estes marcadores são decisivos para a continuidade de um povo.

O contato com a humanidade ocidental impactou de forma negativa os hábitos, costumes, culturas, tradições e mobilidade social dos povos indígenas, impossibilitando que nos movimentássemos nos nossos territórios originais, coletando, plantando e caçando, pois

---

<sup>4</sup> De acordo com Loiola, Oliveira e Ratts (2011), marcadores espaço-temporais são marcas inscritas nas paisagens, na memória e interferem nas ações atuais, de modo que a compreensão da dinâmica socioambiental impõe tratar simultaneamente o presente e as heranças do passado, sobretudo as implicações dessa interação.

estes se encontravam ocupados por proprietários que compraram os títulos das Terras Indígenas vendidas pelo próprio governo, no passado. Para melhor entender o momento em que o Terena vive hoje, é necessário fazer uma releitura da nossa história.

Neste sentido, este trabalho tem por objeto caracterizar e registrar os marcadores espaço-temporais Terena como forma de apropriação do espaço e demonstrar que os conhecimentos atuais e saberes antigos, anteriormente aprendidos, durante gerações e exclusivamente de forma oral, não se perderam com o tempo em função da mudança de hábitos e costumes dos jovens Terena: se mantiveram vivos por meio da “brasa viva” ou tronco velho presente nas famílias.

### Contextualização do meu projeto de pesquisa

Eu nasci aos nove dias de novembro. O ano era um mil novecentos e setenta e nove, na cidade de Naviraí, estado de Mato Grosso do Sul. Tenho algumas poucas memórias do meu pai nessa época e agora sei que é porque ele saía para trabalhar de madrugada, quando ainda estávamos dormindo, e retornava quando já era noite, quando novamente já estávamos dormindo. Além disso, eram raros os finais de semana em que ele não trabalhava. Meu pai era Terena da aldeia Ipegue localizada na Terra Indígena do Distrito de Taunay/Ipegue, município de Aquidauana (MS). Meu pai foi uma evidência da arbitrariedade cometida pelo antigo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), ao demarcar uma área muito menor do que a original Terra Indígena (TI) Taunay/Ipegue, não dando alternativa aos povos originários a não ser continuar se empregando nas fazendas como mão-de-obra (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000).

Da fazenda Jequitibá me lembro perfeitamente e não raras vezes me pego com os olhos marejados por doces lembranças da minha infância, nas quais volto para um lugar em que era feliz junto do meu pai: é para lá que vou todas às vezes que a saudade aperta. A fazenda! A fazenda era dividida em setores: no centro estavam a sede da fazenda, a garagem, a câmara fria, o escritório, uma bomba d'água tocada a diesel e um grande pomar. Havia uma casa grande dividida em duas partes conectadas por uma grande varanda coberta e com portas. Na parte dos fundos, ficavam os quartos das empregadas domésticas, uma grande sala de televisão, cozinha, banheiros e área de serviço. Na parte da frente, depois da varanda, totalmente proibida para os empregados da fazenda e crianças, raras vezes eu entrei: ficavam os quartos dos patrões, do administrador com sua família, uma enorme copa com grandes móveis de pura madeira, duas salas com sofás grandes e o escritório. Uma vez na vida eu vi o dono da fazenda e sorratamente eu o espiei pelo canto da porta. Ele me olhou por cima dos óculos e eu gelei e

corri. Quando ele estava na fazenda, a gente não podia passar nem na calçada da casa, conversar, ou pegar frutas no pomar. Eu tinha medo dele, mas, ao mesmo tempo, tinha vontade de ver o rosto, de saber quem era. Quando ouvia o ronco do avião que vinha chegando, a gente corria para espreitar de longe e sabíamos que não poderíamos nos aproximar da sede, nem para buscar o leite de manhã: aí era minha mãe que ia.

Atrás da sede havia uma pequena casa, onde morava o filho e homem mais novo do administrador. Do lado de baixo da sede, ficava a colônia de casas mais próxima, onde moravam os outros filhos do administrador e parentes próximos. Em frente à sede ficava o galpão dos peões e lá também ficava a oficina, serraria, lava jato e o paiol de milho. Do lado de cima do galpão, estava o mangueiro para trabalhar o gado e, atrás do galpão, a leiteria. Ainda mais na baixada, ficava outra colônia de casas: nesta eu morava com meus pais e irmãs. Depois da minha casa, havia a escola da fazenda e, em frente à minha casa, a turbina que gerava energia para a sede e a colônia onde moravam os filhos do administrador. Ao lado da turbina tinha a casa do capataz e, mais acima, a última colônia de casas.

Figura 3 - Desenho da Fazenda Jequitibá.



Fonte: Ludmila Constantino Eloi Borges.

Todas as casas eram de madeira. A nossa era de assoalho e composta por dois pisos: na parte de cima ficavam os quartos e, na de baixo, mais um quartinho, cozinha e banheiro. Ao lado da casa havia um poço de boca no qual eu adorava brincar. Ainda posso lembrar a voz da minha mãe me advertindo:

- Cuidado com poço!

Certa tarde, penso que fosse um final de semana (pois meu pai estava em casa recebendo uma visita, um colega de trabalho que morava na mesma fazenda). Estávamos todos sentados em latas de óleo e eles conversavam animadamente sobre algo que não me interessava a princípio, quando começaram a cair muitas formigas tanajuras ao ar livre. Meu pai olhou e comentou abstraído:

- É! Esse ano vai ser bom de chuva.

Continuaram a conversar naturalmente sobre outros assuntos que para mim não diziam nada, mas achei encantador, mágico aquele momento: parecia mágico surgirem tantas formigas. Pensava comigo: Como o meu pai sabe? Como ele sabe que formigas são essas? Como ele sabe que vai chover por um bom período? Contudo, estas indagações ficaram por muitos anos silenciosas em meus pensamentos, porque jamais eu ousaria questionar o meu pai sobre alguma afirmação que ele fizesse ou interromper alguma conversa dele entre adultos.

Desta época ainda me lembro de, no pasto ao lado da nossa casa, pastarem búfalas leiteiras. Às vezes minha mãe pedia para que eu fosse buscar o leite na sede e, logicamente, eu tinha medo das búfalas que pastavam. Provavelmente, nos fins de semana ela me incumbira de tal tarefa, porque o meu pai sempre estava em casa e me observava na travessia. Às vezes ele dizia:

- Pode passar, não tem perigo! Essas aí são mansas.

Ele estava falando das búfalas. Outras vezes, ele advertia:

- Passa por baixo, corta volta, [pois] essa aí é brava!

Eu me indagava como ele sabia qual era mansa e qual era brava! Lembro-me dele me dizer para não demonstrar medo, para eu me posicionar firme e passar pelas búfalas! Ele me dizia que o animal conhecia, que sabia diferenciar nossos sentimentos e atitudes. Então eu me enchia de uma falsa coragem, porque eu precisava me convencer de que não estava com medo e convencer as búfalas de que eu não tinha medo! Então eu confiava somente no meu pai e ia, o percurso todo deveria ter uns 400m, mas para mim era longo demais!

Ao final do ano, as festas de Natal e Ano Novo eram garantidas pelo patrão, geralmente regadas a muita carne, cerveja e refrigerante para as crianças. O momento era de relaxamento

e descontração e o gerente da fazenda, neto do dono, confraternizava conosco, comia, bebia e dançava.

Figura 4 – Festa de fim de ano na fazenda Jequitibá, década de 80.



Fonte: arquivo pessoal.

Na foto, da esquerda para a direita, Izaltino Ornelas “Giral”, peão Terena da aldeia Ipegue; Paulo César Domingo “Pancho”, peão Terena e meu pai; marceneiro da fazenda, também peão Terena e capataz da fazenda Jequitibá na década de 80; Elízio Lipú “Cabeça”, também da aldeia Ipegue: todos em confraternização de fim de ano oferecida pelo dono da fazenda.

Certo dia, me lembro do meu pai conversar com minha mãe e arrumarem nossas coisas. Não nos disseram nada, de modo que apenas os acompanhamos: estávamos de mudança para outra fazenda, a qual era herança de um dos filhos do patrão, a fazenda Água Doce. Chegamos e a mudança foi descarregada: era uma casa muito grande de madeira, com cômodos enormes e um lindo jardim, com quintal enorme! Eu corri pelo corredor e pelas varandas, que pareciam parte do paraíso. Nesta fazenda, meus pais moraram por trezes anos, da luz de lamparina passamos para a luz pela energia de motor, depois para turbina e, quando saímos, ainda não havia energia elétrica industrializada. Contudo, isso nunca foi problema para nós: ali vivi os

melhores anos da vida, os mais encantadores e os anos de maiores aprendizados ao lado do meu pai.

Figura 5 - Foto tirada na Fazenda Água Doce, em 1987.



Fonte: arquivo pessoal.

A foto em questão foi tirada pelo gerente da firma agropecuária na fazenda Água Doce e retrata a hora do nosso almoço. Da esquerda para a direita está minha irmã caçula, depois a terceira, a segunda e eu. Na ocasião almoçávamos arroz, feijão, mandioca e carne de queixada, que era frita e armazenada na lata de 20L na banha de porco, porque não tínhamos geladeira e nem energia elétrica.

Figura 6 - Foto tirada na Fazenda Água Doce, década de 80.

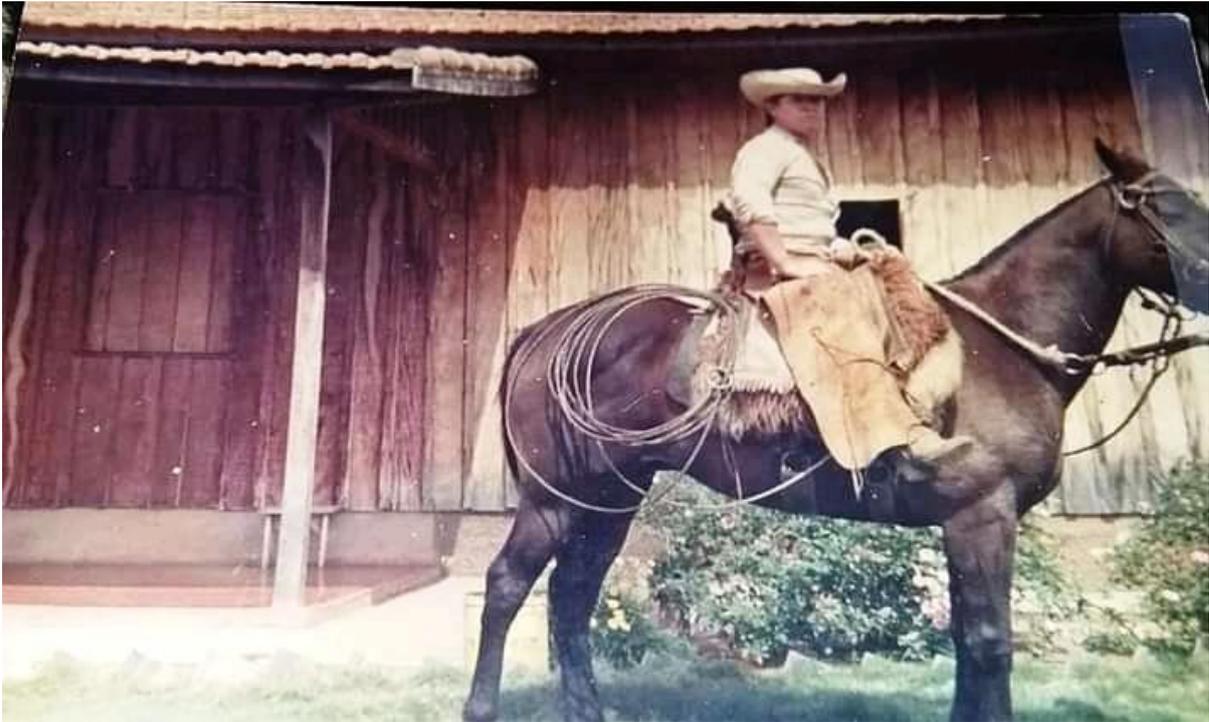


Fonte: arquivo pessoal.

A foto em questão foi tirada na década de 80. Na ocasião, nós tínhamos ido ao galpão dos peões para “filar uma bóia”. Meu pai sempre permitiu que convivêssemos no universo masculino, onde havia toda uma atmosfera de respeito e ensinamento, sempre convivemos com os peões da fazenda.

A fazenda ficava a 60 km da cidade mais próxima e ali havia só estradas de chão, sem transporte, sem luz elétrica, sem comunicação alguma com o mundo externo ao nosso. Desta forma, íamos vivendo segundo os ensinamentos do meu pai, de acordo com as orientações da natureza e do ambiente que nos cercava. Uma vez por mês, o administrador ou um dos seus filhos ia buscar a lista de compra, a qual era feita na cidade de Glória de Dourados: para roupas, calçados, tudo era feito uma lista. Uma vez por mês, aparecia alguém para levar um pedaço de carne de vaca, mas carne, essa nunca nos faltou: a fazenda Jequitibá tinha uma reserva de mato de 2000 alqueires e no fundo da reserva passa o rio Curupaí. Lá, tinha quase tudo que precisávamos: alimento, remédio, lazer.

Figura 7 - Foto de Paulo César Domingo “Pancho”.



Fonte: arquivo pessoal.

A foto tirada a cavalo ao lado da casa onde moramos na fazenda Água Doce, década de 80, retrata meu pai, o “Pancho”, todo trajado e equipado para mais um dia de trabalho árduo com o rebanho bovino nos campos da fazenda. Ele mesmo tecia o seu laço de couro, reio ou Pirainho, o bursal, as rédeas, o cavo, o loro e a barrigueira. Depois de tirar o couro da reis, ele estaqueava para secar e, depois de seco, para amaciar e deixar maleável colocava o couro para curtir com água e casca da árvore chamada Barbatimão, dentro de um cocho de madeira que ele mesmo fabricava. A cada dois dias no máximo, ele manuseava esse couro, batendo o couro no batedouro e trocando a mistura de água e Barbatimão.

Na fazenda Água Doce, minhas irmãs e eu sobrevivemos à epidemia de sarampo, rubéola, catapora, caxumba e coqueluche. A mata, o rio, nos forneceu os remédios para nossas enfermidades. Muito marcante para mim foi quando ficamos doentes com tosse cumprida<sup>5</sup>, pois meu pai chegou com uns dois anús pretos que minha mãe depenou, limpou e ferventou<sup>6</sup>, deixou esfriar e serviu para nós que, sem dificuldades, comemos tudo. Eu queria mais, mas meu pai explicou que não podia comer mais, porque era remédio e, assim, saramos da tosse cumprida.

---

<sup>5</sup> Coqueluche.

<sup>6</sup> Breve cozimento com no máximo sal de tempero.

Meu pai tirava do mato remédio tanto para nós como também para os animais e, também do mato, tirava a matéria prima para fabricar seus utensílios de roça e para curtir o couro cru para fazer laço, arreio para cavalo e para concertos da traia de cavalo. Eu estava sempre observando meu pai e ficava fascinada com o saber dele, porque ele tinha tempo e sabia o período, o procedimento e a época para tudo. O dono da fazenda autorizou meu pai fazer um pequeno roçado para plantar. Lá me lembro do meu pai cultivar milho, feijão miúdo, feijão rasteiro, melancia. No quintal de casa, que era muito grande, meu pai cultivava cana-de-açúcar, arroz, rama e banana.

As minhas brincadeiras de criança se estendiam pelos córregos, pastos e reserva de mato da fazenda. Quando andávamos pelo mato, meu pai ia me ensinando a observar as trilhas, chamadas popularmente de trieiros, e me instruía para me precaver de animais rastejantes peçonhentos. Também me ensinou a observar as pegadas e fezes de animais. Ensinou-me a observar os pássaros nas copas das árvores, a reconhecer quando emitem sinal de alerta. Eu sempre ia com meu pai levar o trato na ceva. Lá, ele construía o giral<sup>7</sup> para esperar os animais para abatê-los, local que ele chamava de Espera.

Todas às vezes que íamos à Espera levar a comida para os animais, chamada de trato por ele, sempre me dava um friozinho na barriga e meus ouvidos e olfato ficavam bem aguçados para ouvir todo barulho na mata e cheiros. Meu pai me ensinou a reconhecer o cheiro de onça e a distingui-lo do cheiro de lobinho. A onça-pintada era uma forte concorrente do meu pai, pois quando a pintada descobria a Ceva, aí não tinha mais jeito: tinha que trocar o lugar da Ceva. Mesmo não encontrando as pegadas, meu pai sabia quando a onça-pintada estava frequentando o local. Várias vezes a gente chegava no local e ele falava:

- Hum! A onça tá batendo aqui!

Todas as vezes em que eu ouvia meu pai dizer isso, eu tremia, porque temia a visita do maior felino das Américas bem quando estávamos lá. Macacos também gostam de frequentar a Ceva para roubar o trato que geralmente eram para queixadas, cateto, paca e anta. Esta última meu pai só abatia se realmente estivesse sem carne, porque a anta, mesmo nas décadas de 80 e 90, já era mais escassa que os outros animais: é um animal cuja gestação demora mais de ano. Quando abatia a anta, meu pai a dividia com dois amigos que moravam em retiros da fazenda Jequitibá, distantes 6 km de onde morávamos, para não desperdiçar a carne, porque não tínhamos energia elétrica e não podíamos guardar toda a carne e ele não admitia que ninguém caçasse por ganância. Cada espécie de animal tem uma diferente forma de se caçar. Eu caçava

---

<sup>7</sup> Uma espécie de abrigo suspenso na copa das árvores.

capivara com meu pai, porque era excelente nadadora e sempre tirava o bicho da água depois de morto. O modo de caçar o veado mateiro se chama fachear e geralmente ocorre na beira de cercas, onde o bicho sai para pastar de noite. A paca é um animal muito apreciado por nós, porém, muito difícil de abater, porque é muito arisco e só se encontra em um período de ano, no inverno. Todas as vezes que meu pai saía para a Espera para caçar a paca, era um evento: minha mãe acendia o fogão à lenha e não raras vezes adormecia esperando meu pai chegar. Eu acordava ouvindo ao longe o trote do cavalo que trazia meu pai e todas as vezes eu acordava ansiosa para saber se a espera havia sido bem-sucedida. Muitas vezes, ouvi meu pai dizer que a onça estava por lá também, aí ele tivera que descer e vir embora, porque depois que a Pintada chega bicho nenhum mais chegava à Ceva. Eu perguntava se ele havia visto a onça e ele respondia que não, então eu pensava como ele sabia então que a rainha das nossas selvas estava por lá.

Quando a pintada não aparecia e meu pai conseguia abater a paca, eu e minha irmã Nelita ajudávamos meu pai a limpar, pelar a paca. Minha mãe se encarregava de jogar a água fervente e minha irmã e eu segurávamos as patas. A paca meu pai dividia no máximo em duas bandas, porque paca a gente só comia assada. Outros animais meu pai nos ensinava como corear<sup>8</sup> e dividir as partes. Animais como o queixada e o cateto tem a caatinga<sup>9</sup> e ele nos ensinava a tirar o couro sem encostar as glândulas na carne, porque se encostasse, perderia todo o animal, porque o cheiro é muito forte e fica impossível de comer. Ele nunca perdeu uma caça por ter encostado a carne na caatinga.

Ao hábito dos animais de ir até a Espera para se alimentar meu pai chamava de “sair”: ele dizia que cada bicho sai em hora diferente da noite e o que sai mais tarde é a paca. Anta, cateto e queixada não têm hora, podendo ser encontrados na Ceva até mesmo durante o dia. Catetos emitem sons que parecem latidos bem fino de cachorro, mas não batem os dentes, os queixadas emitem sons também, porém batem os dentes. Os queixadas são muito perigosos e eu tenho até mais medo deles do que da onça, porque eles andam em bando e atacam em bando. Se você fizer barulho alto, os queixadas fazem um cerco ao seu redor e vão fechando o cerco, pois são extremamente agressivos.

Meu pai também tinha ceva de peixe no rio Curupaí. Por essa região, havia três represas muito grandes e estas já não mais na Fazenda Água Doce, mas na Jequitibá: eram conhecidas como a Represa do Curimbão e lá meu pai tinha ceva também. A Curimba raramente

---

<sup>8</sup> Escalpelar.

<sup>9</sup> Glândulas que emitem odores.

se pega no anzol, então tinha que armar a rede de pesca no entardecer e desarmar no outro dia cedo. A maioria dos peixes que meu pai pescava, ele pegava mais a noite. No rio ele armava os anzóis.

Foi na fazenda Água Doce que meu pai me ensinou a andar, ou montar a cavalo. Para mim era só uma diversão, mas para meu pai era coisa séria. Ele nunca aceitou a gente usar a expressão “andar a cavalo”: ele dizia que nunca havia andado a cavalo, mas sempre trabalhado a cavalo. Eu amava ir ao campo a cavalo com meu pai e ajudar no manejo com o gado no mangueiro. Brincar no mangueiro escondido do meu pai era a maior aventura. Meu pai não gostava que ficássemos sós no mangueiro de gado porque lá tinha muitas ferramentas de trabalho e remédios para o gado que geralmente são tóxicos para nós humanos. O mangueiro, assim como a roça, nós podíamos frequentar apenas em determinadas ocasiões, pois funcionava como um local sagrado e erámos sempre acompanhados de adultos, fosse em ocasiões de trabalho, fosse em festas denominadas Soltas<sup>10</sup>. A fazenda Água Doce era uma fazenda de cria, recria e engorda e todo bezerro macho precisa ser castrado para engordar.

E assim eu fui crescendo até chegar o dia em que tive que me separar dos meus pais para estudar: foi em 1988 e foi uma morte para mim, só não mais dolorida do que a morte do meu pai, em 2019. Nas proximidades da fazenda naquela época não tinha escola e a solução encontrada pelos meus pais foi me deixar na casa de conhecidos deles na cidade para eu estudar. Não suportando a dor da separação eu adoeci e não tendo uma alternativa, meu pai precisou me levar de volta para a fazenda e até hoje me lembro o dia que retornei, eu ia com a rosto na janela do Jipe do fazendeiro, e era o dia mais lindo, com o vento mais suave. Como eu estava feliz! Então, por mais um ano, eu fui tão feliz como nunca mais viera a ser na minha vida.

---

<sup>10</sup> A Solta era uma festa que juntava o útil ao agradável e ocorria na época da desmama dos bezerros, às vezes, outras fazendas traziam suas desmamas machos apenas para participar da Solta. A Solta era também uma prática esportiva, na qual os participantes participavam em dupla e o objetivo era correr a cavalo atrás do bezerro que era solto de um brete e laçar, manear e castrá-lo no menor tempo possível. Era uma competição entre peões para ver quem ou qual dupla era a mais ágil.

Figura 8 - Década de 80, foto tirada na Fazenda Água Doce.



Fonte: arquivo pessoal.

A foto acima retrata um final de semana de muito trabalho para os adultos e aprendizado, descontração e brincadeiras muito prazerosas para mim. Na ocasião, nossos vizinhos da fazenda Jequitibá que moravam em um retiro à 6km de distância de nós, tinham ido até a Fazenda Água Doce para trabalhar na roça com meu pai, pois plantavam e limpavam o roçado no regime de mutirão.

No ano seguinte, a minha segunda irmã já tinha idade para entrar na escola, então fomos morar com uma tia minha na cidade. A presença da minha irmã me acalmava, mas não supria a falta dos meus pais e da fazenda. Eu chorei por 1 ano na escola, acreditem, por 1 ano! Eu estudei com afinco, porque meu pai dizia que eu tinha que passar de ano. Eu acreditava que se passasse, não precisaria mais voltar para a cidade. E eu fui para o segundo ano, na época segunda série, e chorava ainda, ainda que não o tempo todo: às vezes me apertava a saudade dos meus pais, dos carneiros, dos porcos, das galinhas, das minhas arapucas, até pela falta do estilingue eu chorava. Teve greve na escola e para mim foi a glória, porque pude ficar na fazenda. Eu estava convencida de que não precisaria voltar, porém a professora colocou anúncio na rádio pedindo para o meu pai nos levar de volta porque tínhamos notas muito boas. Voltei contrariada, mas sempre estudando para passar de ano e esperando o dia que não precisasse mais voltar. Em conversa com meu orientador ele me disse que o pesquisador Bartomeu Melià costumava dizer que a escola rouba o tempo das crianças e essa parecia ser minha sensação na minha infância: forçada pela escola a ficar longe das coisas que para mim faziam mais sentidos e me davam mais satisfação.

A terceira série eu cursei na fazenda Passarada, vizinha 8 km de onde morávamos: era Multisseriado. Acordávamos, todos os dias, às 4hs da manhã e às 5hs partíamos a cavalo para a escola, agora já estudávamos minhas três irmãs e eu. Estudamos por um ano e nunca faltamos um dia sequer. Um primo nosso nos guiava: ele levava uma das minhas irmãs na garupa e eu ia com as outras duas no outro cavalo ou burro. Havia um burrinho muito manso, chamado Tesourinho, e nós o montávamos também. Burros são hostis e é necessária grande habilidade para montá-los, mas isso nunca foi problema para minhas irmãs e eu. Este foi o melhor ano escolar da minha vida, porque todo o percurso era um novo aprendizado a cada dia. Dependendo do tempo, apertávamos ou não o passo do cavalo: se fosse chover, calculávamos o tempo e apressávamos o animal, ou então a gente falava: “vai dar tempo” e desacelerava o cavalo. Errávamos também, muitas vezes tomamos chuva, outras saíamos com chuva, mas tínhamos capa de chuva.

No inverno, mesmo aos finais de semana, eu acordava cedo para olhar a geada e brincar no frio. Gostava de ir cedo ao mangueiro quando meu pai estava leitiando<sup>11</sup> as vacas para tomar leite com conhaque São João da Barra e açúcar. Brincávamos fazendo a nossa Espera e arapucas para os passarinhos. Quando pegava algum, a gente depenava, limpava e cortava. Minha mãe dava um pouquinho de óleo, arroz e sal e nós improvisávamos o fogo e preparávamos o nosso almoço e quando minha mãe chamava para almoçar, respondíamos que já tínhamos comido. Eu apreciava a farofa da Pomba do Ar, mas meu pai não gostava muito. Agora, acho que é porque ele tinha dó da ave, ainda que de vez em quando ele matasse para minha mãe fazer para minhas irmãs e eu; ele particularmente não comia. Eu também gostava de comer perdiz e nambu.

No ano seguinte precisamos voltar para a cidade para estudar, porque por algum motivo não teve mais escola na fazenda Passarada e, assim, os anos foram passando, às vezes na casa de um, às vezes na casa de outro, até que em 1993 meu pai fez o sacrifício de sair da fazenda Água Doce para trabalhar em um sítio em Glória de Dourados, em uma leiteria. Meu pai nunca gostou de leiteria, porque antigamente era muito sacrificante, devido ao trabalho manual. Contudo, ele fez isso por nós, porque nos sítios em Glória de Dourados naquela época já tinha ônibus escolar. Ficamos um ano em Glória e ele retornou para a fazenda Água Doce e nós novamente fomos para casa de conhecidos para estudar, até que, em 1997, meu pai vendeu tudo que conseguira juntar durante toda sua vida de trabalho até aquele momento e comprou uma casa na cidade de Naviraí para nós morarmos para estudarmos.

---

<sup>11</sup> Ordenhar.

Com apenas quinze anos de idade, eu precisei gerenciar uma casa e cuidar das minhas irmãs mais novas. Eu, porém, aproveitei o máximo que pude o esforço do meu pai, estudava o Ensino Médio de manhã, à tarde fazia curso de informática no Centro de Desenvolvimento à Informação (CDI) e à noite cursava Técnico em Contabilidade, em outra escola estadual do município de Naviraí. Os livros nesta época eram todos comprados, lembro do meu pai vender gado para comprar livro para nós e os livros a gente ia repassando de uma para as outras.

Ao terminar o Ensino Médio, não conseguia emprego porque não tinha experiência. Já com 19 anos e por falta de oportunidade de cursar um curso superior, em 1999 eu fui morar em uma outra fazenda com meus pais que ficava no município de Jateí (MS). Era um arrendamento da mesma agropecuária que meu pai trabalhava desde que saíra da aldeia Ipegue, na década de 70. Nesta fazenda eu trabalhei no campo com o meu pai ajudando no manejo do gado e foi nesse período que aprendi muito com meu pai em como “lidar” com o gado bovino.

Na década dos anos 2000, o prédio que abrigaria a Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS) estava sendo finalizado em Naviraí, porém nesta época meu pai mudou-se para o município de Taquarussu, uma cidadezinha próxima a Nova Andradina. Em 2002, eu passei no vestibular para Letras-Habilitação em Inglês e Literatura, logo após engravidei da minha única filha e por ter sido uma gravidez de risco precisei parar a faculdade, retornando depois que ela nasceu.

Desde criança, eu sempre ouvira meu pai dizer à mãe que voltaria para morrer na aldeia dele e assim ele fez, em 2004 após 34 anos meu pai retornou para a Aldeia Ipegue no município de Aquidauana, de onde saíra na década de 70 como peão boiadeiro. Tinha apenas 13 anos de idade e saiu apenas com a roupa do corpo, descalço e com arreo de cavalo emprestado por alguma boa alma. A botina ele comprou no caminho quando já tinha saldo para pegar o adiantado.

Quando meu pai se mudou para a aldeia eu já trabalhava concursada como Assistente Administrativo na prefeitura municipal de Taquarussu (MS) e continuava cursando Letras na UEMS, porém não aguentei a distância do meu pai e da minha filha que viera junto para a aldeia, pedi exoneração do concurso e vim embora para a aldeia também. Fiquei por um ano na aldeia, trabalhando na escola lotada como Atendente Materno Infantil. Não havendo perspectivas, fui para Campo Grande trabalhar e tentar terminar o curso de Letras, desta vez na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), onde conheci a professora Rosa Colman e também o professor Levi Marques. Estando de recesso na aldeia no final do ano, fiz o vestibular do Projeto de Licenciatura Intercultural Indígena Povos do Pantanal (PROLIND) e passei em segundo lugar. Cursei a primeira etapa quando o meu pai me disse que este curso não teria

futuro, voltei para Campo Grande para trabalhar. Em 2011, vim para Aquidauana trabalhar no setor administrativo do Polo Base quando ainda a Saúde Indígena era assistida pela Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) e de lá retornei para a aldeia. Estava trabalhando da Educação, pelo estado e pelo município, quando recebi com muita alegria a notícia de que poderia retomar o curso no PROLIND-Povos do Pantanal.

Em 2015, me graduei no curso Ciências da Natureza e Educação Intercultural pela UFMS e no mesmo ano iniciei a pós em Educação, História e Cultura Indígena ofertado pela Centro Universitário Filadélfia (UNIFIL), sediada em Londrina-PR. Em 2018, já estando em área de retomada e morando novamente com o meu pai, eu retornei para graduação para terminar o curso de Letras e comuniquei ao pai que retornaria para a aldeia por causa o transporte coletivo para a universidade. Meu pai, todo animado, me disse que toda noite me buscaria na porteira, mas que eu ficasse com ele na retomada. Eu fiquei emocionada com o empenho do meu pai em me manter por perto e ao mesmo tempo em impulsionar o meu voo. Então eu disse a ele que por uma semana ele até aguentaria, mas que, por um ano, seria muito cansativo para ele e ele então concordou.

Meu pai recebeu com entusiasmo a notícia de que minha inscrição havia sido aceita para o processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidades (PPGET) e quando viajei para Dourados para realizar a prova, ele se sentou junto de mim e me ensinou cada quilômetro do percurso que eu faria até chegar a Dourados, porque, afinal, era a primeira vez que eu viajaria sozinha como motorista e o caminho, ah! o caminho, este ele conhecia muito bem, por anos fez esse trajeto a cavalo, subindo a Serra como ele dizia levando boi do pantanal para o sul do estado.

Foi com brilho no olhar que meu pai recebeu a notícia que eu tinha sido aprovada em 2019, mas ele não soube que naquele ano não passei dentro das vagas, pois faleceu em 04 de março de 2019. Para ele e por ele que não desisti: frequentei por ano como aluna especial e refiz todo o processo seletivo e desta vez, consegui entrar no mestrado da Faculdade Intercultural da Universidade Federal da Grande Dourados (FAIND-UFGD).

## 1 OS TERENA: BREVE CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA E ETNOGRÁFICA

O povo Terena constitui um grupo étnico pertencente à família linguística Aruák. Embora desde o período colonial estes povos venham sendo citados em relatos escritos, textos produzidos por viajantes, cronistas, missionários, militares dentre outros, estes textos apresentam lacunas, sejam elas cronológicas ou relacionadas ao modo de vida (OLIVEIRA; PEREIRA, 2012).

Estudiosos contam que a ocupação do território americano pelos grupos indígenas é anterior à chegada dos europeus no continente e foi feita lentamente, por migrações de populações indígenas diferentes, que estabeleceram contato entre si e trocavam experiências, estabelecendo alianças que diversificavam heranças culturais ou por meio de guerras, no intuito de dominar áreas mais férteis ou de fácil comunicação (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000).

No entanto, a partir da invasão europeia ao continente americano, estes deslocamentos geralmente culminavam em expulsão e perda do território por parte dos povos indígenas, ou seja, culminavam com um processo de desterritorialização. A perícia de Jorge Eremites de Oliveira e Levi Marques Pereira (2012) cita que há vários estudos sobre a região platina, incluindo o nosso atual estado de Mato Grosso do Sul, que comprovam que, a partir do período colonial, o deslocamento por esta região de vários povos indígenas, os quais estão incluídos povos indígenas da família linguística Aruák<sup>12</sup>.

Os Terena são descendentes dos diversos povos que habitavam a região do Chaco e Pantanal, denominados por viajantes e cronistas antigos Guaná-Txané, conhecidos também como Guaná, Chané e Chané-Guaná, que pertenciam ao grupo linguístico étnico Aruák. Até a Guerra com o Paraguai (1864-1870), os Terena estavam divididos em diversos grupos e, no período pós-guerra, estes grupos fundiram-se em uma só denominação geral, os Terena. (OLIVEIRA; PEREIRA, 2012). Entretanto, em várias terras indígenas existem troncos que se identificam como Laiana e Kinikinau, existindo inclusive demandas territoriais próprias a esses povos.

A região do Chaco e Pantanal também era habitada por outros povos, dentre eles os Mbayá-Guaicuru, dos quais descendem os Kadiwéu. Este povo era tido como extremamente hostil e guerreiro pelos viajantes e cronistas da época da conquista. Em função dessa índole do Mbayá-Guaicuru, os ascendentes dos Terena viram na aliança com os Mbayá-Guaicuru uma

---

<sup>12</sup> Povos Indígenas genericamente chamadas de Guaná, Chané, Chané-Guaná ou Guaná- -Chané (Guaná-Txané), das quais os atuais Terena descendem (OLIVEIRA; PEREIRA, 2012).

oportunidade de aliança para se protegerem contra os invasores, uma estratégia de sobrevivência. Os Terena desenvolveram com os Kadiwéu uma relação de troca: enquanto os Terena forneciam subsídios do gênero alimentício, como grãos, para os Kadiwéu, estes ofereciam objetos metálicos, tais como machado, além de proteção aos Terena. Para firmar esta aliança, os dois povos realizavam casamentos entre si. Esta aliança perdurou até o contato com o não índio, quando a autonomia dos territórios Kadiwéu ficou ameaçada. Os Terena, então, passaram a firmar esta aliança com fortificações militares e missões religiosas do império português, que começaram a se instalar na região (OLIVEIRA; PEREIRA, 2012).

Os Terena ocupam várias regiões do Brasil, podendo ser identificados por meio de pontos marcantes de sua cultura, tais como artesanato, cerâmica, tecelagem, instrumentos musicais e agricultura. Todos esses elementos culturais eram praticados a partir dos saberes tradicionais, advindos de observações feitas sobre a natureza e marcadores espaço-temporais, foco principal deste trabalho.

De acordo com Amado (2020), os Terena já estavam na região que antigamente era chamada de Pantanal pelos portugueses e Laguna de Xarayes pelos espanhóis, ou seja, nós Terena não viemos do Paraguai, mas já estávamos nesta região mesmo antes da guerra, pois somos anteriores ao estabelecimento dos estados nacionais e suas fronteiras. O doutor Luiz Henrique Amado (2020, p. 48) chama a atenção para três aspectos que confirmam essa tese:

O primeiro diz respeito à constatação de que, mesmo antes desse imenso território ter sido definido geopoliticamente como pertencente ao Brasil ou ao Paraguai, o fato é que já era território indígena. O segundo aspecto nos remete a reconhecer que o que hoje consideramos chaco não corresponde ao chaco dos séculos XVI a XVIII. Isso nos remete ao terceiro aspecto, pois, assim como a indefinição do território chaco, as fronteiras entre os impérios Português e Espanhol, não tinha definição. Assim, o que hoje conhecemos como Pantanal sul-mato-grossense, no passado estava integrado ao território *chaco*.

Os Terena possuem uma estreita ligação com a terra, uma relação de respeito por ver na terra sua provedora, tanto dos costumes, quanto dos hábitos e tradições, pois a partir do meio natural, esse povo estabelece laços e estreita relação com os diversos elementos que constituem a sua cultura. De igual forma, os Terena se socializam com os animais e seus hábitos e estas observações geram subsídios que os ajudam na prática da agricultura. Todo o sistema de conhecimento tem centralidade na observação, tanto dos processos climáticos, quanto das reações e comportamentos específicos de cada espécie animal.

Ao longo do seu contato com os povos ocidentais, foi se estabelecendo uma relação de assimetria com os Terena, cujas consequências têm impactado seus hábitos, costumes,

culturas, tradições e mobilidade social. Durante muito tempo, os Terena não puderam se movimentar pelos seus territórios originais coletando, plantando e caçando, pois estes territórios se encontravam e, em sua maioria ainda se encontram, ocupados por proprietários que compraram os títulos das Terras Indígenas vendidas pelo próprio Governo no passado. Para melhor entender o momento em que o povo Terena vive hoje, é necessário fazer uma releitura da nossa história.

Para contextualizar o povo Terena da aldeia Ipegue, eu ouvi as histórias do seu Anacleto Lulu, Justo Vicente e Paulo Domingos, além de relatos e lembranças que tenho do meu pai sobre seus ensinamentos. Seu Anacleto Lulu, falecido em 2022, é ex-cacique, assim como seu Justo Vicente, que ainda vive. Usei como apoio bibliográfico a pesquisa de Bittencourt e Ladeira (2000), que faz uma cronologia da nossa história, o que facilita a compreensão da nossa contemporaneidade, do momento atual que vivenciamos um novo tempo. Esse tempo foi denominado por Amado (2020) como Vukápanovo<sup>13</sup>, o tempo do direito e da busca da reconquista dos territórios expropriados. Utilizo também a perícia de Olivera e Pereira (2012), que faz um estudo mais profundo e atualizado dos povos do Chaco.

## 1.1 SITUAÇÃO HISTÓRICA DOS TERENA

Dentre fatos marcantes na história do povo Terena, podem-se destacar três grandes momentos: a saída do Chaco, a Guerra com o Paraguai e a e o terceiro foi a delimitação das terras indígenas, fato que impactou de forma negativa a cultura Terena.

Todo povo tem sua história, seus marcos, que são repassados de geração em geração de maneira secular. O povo Terena também viveu momentos marcantes em busca da conquista do seu território, momentos marcados hora por alianças, hora por guerras, momentos e fatos fundamentais para entender a cultura do Terena hoje (ASSIS, 2014).

O grande primeiro momento foi a saída do Êxiva<sup>14</sup>, onde os Terena ao transporem o Rio Paraguai, ocuparam a região oeste do atual Mato Grosso do Sul. Este período foi longo, caracterizado por migrações que ocorreram no decorrer do século XVIII. Nesta época os Terena ocupavam um vasto território, dedicando-se à agricultura itinerante no sistema de agrofloresta. Foi neste período que importantes alianças foram estabelecidas com os Guaicuru e os

---

<sup>13</sup> Avançar.

<sup>14</sup> Pantanal que abrange a Argentina, Bolívia, Paraguai e as regiões do pantanal do Jacadigo e Nabileque, conhecido como Chaco pelos ocidentais (AMADO, 2000 apud OLIVEIRA; PEREIRA, 2003 [2012], p. 270).

portugueses, período esse denominado pelo doutor Amado (2020) de Os terena no sistema indígena no chaco/pantanal.

Segundo Ladeira e Bittencourt (2000), a guerra com o Paraguai (1864-1870) estabeleceu outro grande marco na história, sendo considerado o momento mais significativo para os Terena, pois este período foi um divisor de águas na vida deste povo, pois em consequência da guerra, muitas mudanças ocorreram com relação ao território, determinando o início do chamado “Tempo da Servidão” para os Terena.

De acordo com Bittencourt & Ladeira (2000), o terceiro grande marco foi a delimitação das reservas indígenas, impulsionada com a chegada da Comissão Construtora das Linhas Telegráficas, chefiada pelo Marechal Mariano Cândido Rondon, momento marcado pela proximidade na convivência com o não índio, o que acarretou sérias mudanças nos hábitos e costumes, principalmente aos ligados à agricultura. A reserva representou a possibilidade de os Terena disporem de um espaço exclusivo, onde podiam interagir entre parentes e produzir seu modo próprio de ser, mesmo com as limitações impostas pelo ordenamento político imposto pelo SPI, além de se libertarem do terrível sistema de camaradagem ou “servidão”, que preservavam muitos aspectos do sistema de trabalho escravagista. Mas a reserva também impôs o confinamento para comunidades ou troncos que ainda logravam manter o controle de parte de seu território de ocupação tradicional, nesse sentido, a população terena recolhida em reservas passou a disputar os poucos recursos disponíveis nos espaços diminutos das reservas e a se submeterem ao sistema de chefia de posto e capitania, cujos efeitos duram até os dias de hoje.

## 1.2 OS GUANÁ NO CHACO/LAGUNA DE XARAYES

Naqueles tempos, os Guaná<sup>15</sup> viviam no Êxiva, atual Chaco, região que compreende os pantanais da Argentina, Bolívia e Paraguai – conforme descrito pelos espanhóis em suas várias excursões pela região (AMADO, 2020). Quanto aos Guaná, “Em várias partes do Paraguai católico se tem notícia da nação chamada Guaná. Nome que engloba todos os subgrupos. Estes subgrupos usam nomes para se distinguirem entre si”. (LAVRADOR, 1767 apud LADEIRA; BITTENCOURT 2000, p. 35).

---

<sup>15</sup> O povo Guaná descende da família linguística Aruak, que habitavam a região das Guianas, próxima ao norte do Brasil. Os povos que descendem do Aruak e vivem mais ao sul do Continente, são os Terena, antigos Guaná.

Todavia, os Terena não eram os únicos ocupantes daquelas terras, pois havia os M-baya Guaicuru e os Guarani. Merece destaque, aqui, dizer que a convivência entre Guaná e Guarani não era amistosa, o que levou os então Terena (Guaná), a se aproximar dos então Kadiwéu (M-baya Guaicuru), estabelecendo laços de aliança fundamentais para a sobrevivência das duas etnias, que viviam em conflitos tanto com outros povos indígenas, quanto com os portugueses e espanhóis.

Os Chaná mantinham com os Mbayá uma relação de aliança interétnica, marcada pela troca de proteção e vassalagem. Há relatos de guerras empreendidas pelos Guaycuru contra outras nações indígenas, inclusive contra os espanhóis. Nesses empreendimentos bélicos, os Guaycuru sempre contavam com seus servos Guanás. Labrador (p. 164, Tomo III) relatou um desses empreendimentos militares que, conforme a interpretação do padre, Deus não havia favorecido os Guaycuru e os Guaná. Foi no ano de 1764 que uma milícia formada por Guaycurus e Guanás atravessou e marchou em direção aos Chiquitos no intuito de obterem gado, mulas, cavalos e escravos. No entanto, acabaram presos em gaiolas. Após cinco ou seis meses, apareceram dois Guanás, informando que alguns fugitivos apareceram nas aldeias dos Montes Terenas, trazendo a notícia de que o cacique do povo Chiquito iria libertar os prisioneiros após um período de três anos (AMADO, 2020, p. 55).

Sob este prisma, foi possível a aliança, graças às diferenças culturais entre Guaná e M-baya Guaicuru. Em uma ponta, estavam os Terena (Guaná), exímios agricultores e, na outra, os Kadiwéu (M-baya Guaicuru), excelentes nas habilidades com arco e flecha e exímios cavaleiros, habilidade conquistada com a utilização de cavalos trazidos da Europa pelos espanhóis.

A nação Guaná sempre ocupou vastos territórios, em função dos seus hábitos e costumes, dentre os quais, o que predominava era a agricultura, caracterizada no relato a seguir:

Meu sogro, pai de minha mulher... ele contou a história do Êxiva, de onde eles vieram fugindo. Meu sogro também veio de lá. Eles não sabiam falar o português, só falavam o Terena e não sabiam nem ler nem escrever... não sabiam nada, mas sabiam o tempo em que as árvores florescia todos os anos. No mês de agosto começavam a derrubar o mato para plantar. Plantavam só um pedacinho de terra, mas dava produção grande, com fatura... Não faltava nada para o índio comer. Tinha bastante peixe e caça. E muita mandioca para comer (MARTINS “MENOOTO” apud BITTENCOURT; LADEIRA, 2000, p. 37).

É perceptível neste relato a íntima relação dos Terena com a natureza, utilizando marcadores espaciais e temporais nos seus hábitos diários ligados à agricultura. Notem que a derrubada começava num período específico que compreendia o mês de agosto. Meu pai me explicou que é melhor preparar a terra no final do inverno, pois a vegetação está menos densa, em função de longos períodos de estiagem, pois é necessário roçar, queimar e destocar os troncos que sobrarem para depois arar e esperar as chuvas. Esse procedimento é importante,

também, porque as culturas do período de inverno, como o milho e o feijão rasteiro, até o mês de agosto já foram colhidas: geralmente no mês de Agosto não se planta nada, pois é um mês reservado quase que exclusivamente para o preparo da terra para os cultivos do período de verão. Exceção é a rama de mandioca, que deve ser plantada até o mês de Agosto, porque depois disso o clima se torna muito quente e inapropriado para o cultivo de rama: o solo muito quente acaba “cozinhando” a rama, segundo meu pai. Como se vê, dentre os Terena há consciência sobre o uso da terra de forma sustentável e o entendimento sobre a fertilidade do solo.

O povo Terena (Guaná) sempre foi articulado e político, de acordo com Labrador (1767 apud BITTENCOURT; LADEIRA 2000, p. 37): “este povo ofertava ao povo vizinho, grãos para viagem, bolo de Nibadana, manta de algodão branca ou listrada em várias cores que com gosto os próprios Guaná teciam, dentre outros artigos”. Evidenciam-se, aqui, as habilidades e técnicas Terena com relação ao artesanato e à agricultura: uma estreita ligação com a terra.

Quando morávamos na fazenda Água Doce, meu pai sempre dizia à minha mãe para cozinhar sempre mais do que o necessário para o quantitativo de pessoas para comer, porque como morávamos em um local “fim de linha”, como dizia ele, caso chegue alguém fora de hora, precisa ter comida para oferecer. Por orientação do meu pai, sempre havia brasas no fogão à lenha, de forma que a comida estava sempre quente: como não havia energia elétrica, o fogo precisava sempre estar aceso para aquecer a água do banho que passava por uma Serpentina dentro do fogão à lenha. Meu pai plantava horta; cultivava um roçado no quintal de casa e outro mais longe, denominado por ele de Rocinha; criava galinhas, porcos e ovelhas, em consonância com Labrador (1767) e Bittencourt e Ladeira (2000): ele sempre estava presenteando nossos visitantes, fosse com melancias, arroz, feijão, ovos, galinhas, queijos fabricados artesanalmente pela minha mãe, por mim e minhas irmãs e até mesmo com cordeiros. Quando ele dava algum porco, ovelha ou cordeiro, ele mesmo carneava o animal e a visita já levava o bicho limpo; quando o presente era uma galinha, minha mãe matava e nós, ainda crianças, ajudávamos a depenar.

### 1.3 A CHEGADA DOS NÃO ÍNDIOS E SUA RELAÇÃO COM OS INDÍGENAS

Os *purutuyé*<sup>16</sup> chegaram ao Êxiva por meio de navegações no Rio Paraguai, atraídos pelas riquezas das minas de ouro e prata que existiam na região dos Andes, atual Bolívia, antiga Potosí, que possuía a mais rica mina de prata. A navegação por meio do Rio Paraguai era o percurso mais viável para chegar à “mina do tesouro” e, em função disto, os ocidentais organizaram, na época, várias expedições para chegar até o local:

Neste caminho achamos roças cultivadas com milho, raízes e outros frutos [...]. Quando eles colhem um roçado, outro já está amadurecendo e quando este está maduro, já se plantou o terceiro, para que em todos se tivesse alimento novo nas roças e nas casas (SCHIMDEL, sec. XVI apud BITTENCOURT; LADEIRA, 2000, p. 38).

Na fazenda Água Doce, como já mencionei anteriormente, meu pai tinha duas áreas de cultivo: o quintal de casa, na qual ele plantava arroz, rama e cana-de-açúcar para fazer melado e rapadura; havia também a Rocinha, longe de casa a média de um quilômetro e meio, na qual ele cultivava feijão, milho e melancia. Lá, sempre havia um pedaço cultivado e o outro em descanso, como dizia ele.

Percorrendo o rio Paraguai, os navegadores avistam, ao longo das margens, várias roças do povo Terena plantadas com técnica de agrofloresta, ou seja, a plantação era diversificada, contendo grãos, raízes e árvores frutíferas.

Registram-se, a partir do século XVI os primeiros contatos entre autóctones e europeus e, conseqüentemente também os primeiros conflitos, motivados pelo anseio de conquista das terras ricas em ouro e prata próximas ao Rio Prata. Além das disputas entre as primeiras nações e os europeus, havia também os conflitos envolvendo espanhóis e portugueses, em função de disputas para dominar as regiões ricas em minério. Os primeiros a chegarem foram os espanhóis e, depois, vieram os portugueses. Ambos edificaram vilas inteiras, trazendo consigo instrumentos de ferro para plantar e animais diferentes.

Em contato com o não índio, os povos originários viriam a mudar radicalmente seus costumes e religiões. Nesta época, chegaram os padres missionários, que criaram as primeiras aldeias para que os nativos aprendessem a religião e a língua dos forasteiros. De acordo com Amado (2020), este projeto colonial fica evidente nos relatos de Sánches Labrador:

---

<sup>16</sup> Não índio.

O projeto colonial fica explícito nas anotações do jesuíta Sánchez Labrador, quando registra que a missão de San Juan Nepomuceno, fundada junto aos Chanás, foi uma porta aberta para a entrada de numerosos indígenas que seriam catequizados, tornando-se “filhos de Deus”. Assim, deixou-se a qualidade de infiéis, que é maneira como eram designados e, ao mesmo tempo, tornando-se vassalos do monarca católico. O intuito maior das visitas dos jesuítas era induzir os indígenas a se converterem ao cristianismo. Os Chanás eram muito receptivos. Sempre recebiam os visitantes com boas-vindas. Tingiam seus corpos com *notique*. Na cabeça, traziam penas brancas de avestruz em forma de guirlanda e, nos punhos, algemas de penas de papagaios (AMADO, 2020, p. 56).

Bittencourt e Ladeira (2000), asseguram que os conflitos violentos entre os portugueses e espanhóis na disputa pelas terras que possuíam as minas de metais preciosos envolvia também os povos originários, momento em que vários povos foram extintos ou quase que exterminados totalmente.

Os Terena tinham uma estreita ligação com os M-Baya Guaicuru e viviam se deslocando, em função dos conflitos entre portugueses e espanhóis que disputavam a região com minas de metais preciosos próxima ao Êxiva, o que afetava estes povos. Acompanhando seus então aliados, os M-baya-Guaicuru, este movimento foi feito no sentido a ocupar a região que hoje é o MS, fato ocorrido no século XVI.

A partir do contato com os *purutuyé*, subindo o Rio Paraguai, os Terena construíram suas aldeias junto ao forte Coimbra e Vilas das Serras do Albuquerque, em função da aliança com as fortificações militares e missões religiosas: “O foco das alianças terena passou a ser direcionado para esses novos ocupantes da região e, assim, tem-se o surgimento das grandes aldeias terena nas proximidades de fortes e missões” (OLIVEIRA; PEREIRA, 2012, p. 216).

Os Terena se adaptaram melhor com a presença do homem ocidental, ao contrário dos seus antigos aliados Kadiwéu: enquanto a população Terena cresceu a partir do contato com as fortificações militares e missões religiosas, a população Kadiwéu reduziu, só retomando o crescimento demográfico no Século XX (OLIVEIRA; PEREIRA, 2012).

Nas perspectivas dos cronistas e viajantes já mencionados neste trabalho, os Terena foram os primeiros habitantes da região de Miranda e da região do T.I. -Taunay/Ipegue. Viviam até então isolados, não mantinham contato com o não-índio e, somente após o século XVIII, começaram a estabelecer os primeiros contatos com os não índios e relação de comércio com estes. Este contato se deu a partir da descoberta do ouro na região de Cuiabá; várias vilas foram fundadas ali pelos portugueses, a partir de 1727, incluindo a Vila Maria, em 1778, povoando a região, o que proporcionou ao povo Terena o contato com os ocidentais, estabelecendo uma relação de comércio (FLORENCE, 1825-1829 apud BITTENCOURT; LADEIRA, 2000). De acordo com registros historiográficos, à época:

Os Guaná moram na margem oeste do rio Paraguai, um pouco acima da vila de Miranda: acham-se todos juntos e aldeados numa espécie de grande povoação. Usam de uma língua própria, mas em geral sabem alguma coisa de português, que falam à maneira de quase todos os índios ou dos negros nascidos na cota d'África. De quanta tribo tem o Paraguai, é esta que mais em contato está com os brasileiros. Lavradores, cultivam o milho, o aipim e mandioca, a cana-de-açúcar o algodão, o tabaco e outras plantas do país. Fabricantes, possuem alguns engenhos de moer cana, e fazem grandes peças de pano de algodão com que se vestem, além de redes e cintas. Industriais, vão, em canoas suas ou nas dos brasileiros, até Cuiabá para venderem suas peças de roupa, cintas, suspensórios, cilhas de selim e tabaco. (HERCULE FLORENCE, 1825-1829 apud BITTENCOURT; LADEIRA 2000, p. 43).

Os Terena são acostumados a percorrer grandes distâncias, desde os tempos mais remotos, fosse no transporte de suas mercadorias para a venda ou troca, fosse se deslocando pelo território à procura de terras mais férteis para o roçado. À medida em que iam se deslocando, iam se apropriando do território por meio de marcas territoriais como o roçado, o cultivo de grãos e raízes comestíveis também utilizadas como remédio, dentre outros.

Ainda é bastante comum o cultivo do algodão na aldeia Ipegue, como se pode ver na foto abaixo. Hoje, porém, cultivamos o algodão para consumo próprio e porque é bonita a flor do algodão. Além do algodão, cultivo em meu quintal algumas plantas que nos servem de remédio, como a maria-preta, quebra-pedra, carrapichinho, etc. Gosto de ter no quintal e deixo crescer no meio do roçado plantas que nos servem de remédio.

Figura 9 - Pé de algodão.



Fonte: arquivo pessoal.

Após a fundação das vilas de Santa Maria e Cuiabá, no século XVIII, em função da descoberta de minério e ouro na região da atual capital do estado de Mato Grosso, desenvolveu-se o comércio e foi neste período que os Terena começaram a se deslocar em suas próprias canoas ou pegando carona nas embarcações dos não índio por meio do Rio Miranda, que desemboca no Rio Paraguai, até Cuiabá, para venderem seus produtos.

Para efetivar a posse das terras, os portugueses construíram o Forte Coimbra, em 1775, o Forte Dourado e o Presídio de Miranda, em 1778 (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000). Os espanhóis, por sua vez, para efetivar a posse das terras, instalaram fazendas de gados procurando expulsar os indígenas, enquanto os portugueses procuram fazer acordos com os primeiros habitantes.<sup>17</sup> De acordo com Amado (2020), os povos indígenas, dentre eles nós, Terena, fomos drasticamente impactados com a política colonial:

Os povos indígenas foram drasticamente impactados pela política colonial durante os primeiros anos do processo de colonização portuguesa. No primeiro momento, a Coroa Portuguesa e, depois, o governo Imperial interferiu na organização territorial dos povos indígenas no sul do Mato Grosso. A política de aldeamento e a catequização foram os instrumentos implementados para subjugar os povos indígenas ao controle

---

<sup>17</sup> Povos indígenas.

do Estado que se desenhava ao mesmo tempo que as terras originárias eram ocupadas pelos não indígenas. Ao tempo que a máquina colonial se enraizava no território, por meio de ações estatais e religiosas, expedientes normativos eram “fabricados” no intuito de legitimar a posse de não indígenas, garantindo o “sucesso” do empreendimento colonial (AMADO, 2020, p. 58).

A Coroa Portuguesa decretou uma lei que proibia a escravização dos povos indígenas, não porque os portugueses eram bonzinhos, pois o fizeram agindo de acordo com seu próprio interesse: em troca de uma suposta proteção dos indígenas, os portugueses garantiram mão-de-obra barata nas fazendas de gado, nas minas e plantação de cana-de-açúcar:

Na metade do século XVIII, foi implantado o Diretório dos Índios (1757), que foi a primeira agência estatal indigenista, gestada ainda no período colonial. Criada num contexto de reforma administrativa, levado a cabo pela Coroa Portuguesa, implicou a expulsão de ordens religiosas, o rigoroso controle dos agentes que estavam em contato com os povos indígenas e o confisco de propriedades privadas. Segundo Pacheco de Oliveira e Freire (2006, p. 70), o Diretório, além de dispor sobre a liberdade dos indígenas, modificou administrativamente a organização das aldeias, após o afastamento das diversas missões religiosas (AMADO, 2020, p. 59).

Depois que o Brasil se libertou de Portugal, estabeleceu-se o regime de Monarquia e o país abriu as portas aos visitantes estrangeiros. Pesquisadores, antropólogos, visitantes ou apenas curiosos, que faziam excursões no Brasil naquela época, são unânimes em relatar a habilidade dos Terena com a agricultura.

Essa relação entre indígenas e ocidentais impactou a cultura, modificando-a, isso porque a cultura é dinâmica importando e incorporando, através dos tempos, novos hábitos e costumes, deixando alguns de lado ou resignificando os antigos. O contato com a cultura ocidental tem modificado a cultura indígena, porém, o hábito festivo tem sobrevivido, com um novo formato, uma nova roupagem e até mesmo outros motivos, como a festa junina na aldeia, apesar de não fazer parte da cultura, foi incorporada com características da cultura terena, como descreve Oliveira e Pereira (2012, p. 72): “Nas festas de São João, os Terena levavam uma imagem do santo para batizá-lo às margens do córrego da Veada, cerimônia que lembra os tradicionais *banhos de São João* que ocorrem no mês de junho na cidade sul-mato-grossense de Corumbá”.

Os Terena cantavam para que houvesse uma boa colheita e para chover: eventos sagrados que foram sendo deixados de serem praticados em função da incorporação de religiões ocidentais, como aponta Taunay (1935 apud Ladeira; Bittencourt, 2000, p. 60), os indígenas “cantavam para as colheitas, para a chuva parar, para a chuva cair, para o milho pendoar. Cantavam a noite inteira, fazendo previsões e conversando com o macaúã”.

No velório do meu pai, em quatro de março de 2019, minha tinha avó Lucinda, irmã do meu avô Paulo, chamado de Apapa ou Papão carinhosamente pelos familiares e amigos próximos, aproximou-se do caixão do meu pai, deu um grito longo, bateu nos pés do caixão do meu pai e disse:

- Ikénokoixoa ra yôko kalivonó!<sup>18</sup>

Apapa começou a entoar um longo canto em Terena que contava a história do meu pai, de como ainda menino ele havia deixado a aldeia e foi para longe buscar recursos com os *purutuyé* e como ele era sábio, pois voltou para a aldeia e construiu casa grande! Cantou como ele era bonito e galante montado no seu burro que usava grande pelego vermelho, cantou como ele deixaria saudades.

Quando criança, toda vez que vínhamos visitar meus avós paternos, minha finada avó Lucia Pio, ia nos receber na cimbra, cantava e dançava balançando a saia, cantava como ela estava feliz em rever o filho, a esposa e netos. Ainda é costume das anciãs cantar em momentos alegres ou tristes.

#### 1.4 OS TERENA NA GUERRA COM O PARAGUAI

O Brasil declarou sua independência de Portugal em 1822. Na região sul do continente, as colônias portuguesas se tornaram um país, porém o mesmo não ocorreu com as colônias espanholas que, ao se tornarem independentes da Espanha, formaram quatro novos países: Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia. Estes novos países conflitavam entre si a fim de estabelecer suas fronteiras e territórios e o direito de navegar os Rios Paraná e Paraguai, por se tratar de importantes pontos fluviais para o comércio.

O Paraguai, em plena ascensão político-econômica, teve problemas com a Argentina e o Brasil, pois pretendia controlar a navegação do Rio Paraguai e este, na época, era o principal ponto de ligação do Mato Grosso com o litoral brasileiro. Em 1864, Solano Lopez invadiu o Mato Grosso, sob o pretexto de que o Brasil havia ajudado a destituir o presidente do Uruguai, seu aliado.

A invasão do território brasileiro pelos paraguaios foi feita por dois grupos de soldados: um transpondo o rio Paraguai, em direção ao Forte Coimbra, e o outro transpondo o Rio Apa, em Bela Vista, em direção à Miranda e Aquidauana.

---

<sup>18</sup> “Você assustou titia, guri!”

Parte do exército brasileiro foi composto por negros e pelos povos originários. Aos negros, o Imperador D. Pedro II havia prometido a liberdade ao término da guerra e aos Guaná, o direito à posse de suas terras. Os Guaná-Txané tiveram participação fundamental na Guerra com o Paraguai e a Tríplice Aliança (1864-1870):

A presença dos Terena junto aos fortes desenvolveu um complexo sistema de interação e colaboração entre o exército e esse grupo indígena, baseada na proximidade, intimidade e identificação de propósitos comuns: por um lado os Terena recebiam proteção do exército, tendo ali um mercado onde podiam comercializar ou trocar produtos agrícolas por outros gêneros que não produziam, a exemplo de ferramentas diversas; por outro, o exército contava com o suprimento constante e seguro de alimentos para o destacamento militar. Este sistema de interação foi fundamental para a colaboração dos Terena durante o referido conflito bélico, uma guerra considerada como das mais sangrentas na história da América Ibero-americana (OLIVEIRA; PEREIRA, 2012, p. 217).

Alfredo de Taunay, engenheiro e escritor, escreveu textos que constituem uma das mais importantes fontes escritas sobre a Guerra com o Paraguai e desta forma descreveu os Terena que encontrou:

O Terena é ágil e ativo: o seu todo exprime mobilidade [...] e conserva arraigados os usos e tradições e de sua raça, graças talvez a um espírito mais firme de liberdade. São as mulheres geralmente baixas, têm cara larga, lábios finos, cabelos grossos e compridos [...] e expressão de inteligência. Trazem comumente parte do busto descoberto e uma julata, tanga ou avental de algodão, cinta abaixo dos seios, com uma das pontas passadas entre as coxas e segura à cintura. Raras dentre elas sabem falar o português: todas, porém o compreendem bem, apesar de fingirem não o entenderem. (TAUNAY, 1935 apud BITTENCOURT; LADEIRA, 2000, p. 58).

Os Terena já habitavam a região entre Miranda antes da guerra e, somente no decorrer desta, é que vieram a ocupar a região do Limão Verde em Aquidauana, justamente por se tratar de um lugar de difícil acesso na época, propício para se refugiar:

Os Terena se escondiam nos matos e outros fugiam para região de Bananal e Limão Verde. Durante a guerra é que foi fundada a aldeia de Limão Verde. “Na área de Cachoeirinha existia um povoado chamado “Pulóvo’uti” e está localidade servia de esconderijo durante a guerra porque era de difícil acesso por ser cercada de mata muito fechada” (BITTENCOURT; LADEIRA 2000, p. 64).

Este período de guerra foi chamado por Amado (2020) de “esparramo terena”. Sobre este período, Rondon fez o seguinte comentário ao demarcar a reserva da região de Ipegue e Cachoeirinha: “[...] depois a linha divisória da área de Ipegue cortou um capão com taquara, entrou novamente no cerrado, até uma lagoa seca onde começavam os Campos do Ipegue,

vendo-se à esquerda 1.000 m, a tapera do Ipegue, antiga aldeia destruída pelos Paraguaiois” (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000, p. 65).

Este trecho, escrito por Rondon, mostra as consequências da guerra para o povo Chané. É importante esclarecer que até a guerra do Paraguai com a Tríplice Aliança, o povo Terena não vivia apenas em grandes aldeamentos junto às fortificações e missões religiosas, mas em pequenas aldeias dispersas por um vasto território. Juntar o povo Terena em grandes aldeias foi um projeto dos militares e missionários religiosos. (OLIVEIRA; PEREIRA, 2012).

A guerra com o Paraguai impactou profundamente o modo de vida Terena, influenciando de forma direta, na sua organização social. Nas conjecturas de Altenfelder Silva (1949), Roberto Cardoso de Oliveira (1968) e Gilberto Azanha (2001) (apud OLIVEIRA; PEREIRA, 2012), até a guerra os Terena viviam em grandes aldeias no sistema de clãs. Esta complexa organização social teria entrado em colapso em função do fato das famílias terem fugido para áreas isoladas até então não alcançadas pelos colonizadores e grande parte também teria se empregado nas fazendas. Com a criação do SPI, estas famílias foram reorganizadas em grandes aldeias, estabelecidas nos territórios demarcados pelo SPI, todavia, sem a mesma organização social de antes.

## 1.5 TEMPOS DE SERVIDÃO

Em 1850, foi decretada a “Lei de Terras” com a intenção de acelerar o desenvolvimento e garantir as fronteiras. Esta lei assegurava que as terras poderiam ser vendidas e compradas sem precisar da aprovação do governo. Esta lei inflacionou o comércio de terras e autorizou a venda das terras devolutas. Na realidade, muitas eram dessas terras eram indígenas, entanto se alegava que os povos originários já não viviam mais em aldeamentos.

Ao término da guerra com o Paraguai, em 1870, ao retornarem para suas terras, os Guaná a encontraram sob posse dos seus novos donos que, em geral, eram oficiais do exército brasileiro e comerciantes. As terras indígenas foram vendidas e transformadas em fazendas de gado e plantações, resguardando, assim, as fronteiras.

Ao voltarem da guerra e terem encontrado suas terras ocupadas por não índios que nelas estabeleceram fazendas, acredita-se que em função dessas terras já terem sido cultivadas e serem muito férteis, os Terena recorreram às autoridades, mas encontraram grande dificuldade em função do cenário político, dado ao fato que grande parte desses novos ocupantes eram ex-combatentes de guerra (OLIVEIRA; PEREIRA, 2012).

Nos trabalhos escritos sobre a história Terena, este período é denominado tempos de servidão, pois tem como principal característica a subjugação dos Terena ao trabalho escravo nas fazendas. Os Terena, despojados de suas terras e no único intuito de se manter enquanto povo e vinculado ao seu território, submetem-se ao trabalho nas fazendas (AMADO, 2020, p. 73).

Meu avô paterno contava que nascera na antiga fazenda Cutape, hoje denominada Santa Cruz, localizada logo após a Fazenda Esperança, antiga aldeia Naxe Daxe. Ele dizia que seu pai era cativo do Cutape e ele nascera e crescera ali e, juntamente com seu pai, realizava trabalho braçal, roçando e fazendo as cercas da fazenda. Este período de pós-guerra, chamado de “cerco aos Terena” pelo doutor Luiz Henrique Eloy Amado, fica bem evidente na história de vida do meu avô paterno, por exemplo, em descrições como:

[...] os Terena se encontravam fora de sua aldeia, trabalhando nas fazendas em condições de quase escravidão. Trabalhavam quase sem remuneração e muitas vezes os fazendeiros simulavam o acerto de contas e diziam, aproveitando-se dos índios: ‘você ainda está devendo, portanto tem que trabalhar mais um ano’. E a cada acerto de contas repetiam o mesmo (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000, p. 78).

Neste período, quando os Terena tiveram seus territórios originais arrancados, trabalharam subjugados nas fazendas. Creio que neste contexto histórico de camaradagem e o compadrio, como descreve Amado (2020), meu bisavô não tinha noção da exploração a qual fora submetido, porque meu avô dizia com orgulho que seu pai, meu bisavô sempre fora cativo do Cutape:

Os Terena são comumente explorados pelos fazendeiros. É difícil encontrar um camarada Terena que não deva ao seu patrão os cabelos da cabeça... Nenhum camarada de conta poderá deixar seu patrão sem que o novo senhor se responsabilize. E, se tem a ousadia de fugir, corre quase sempre o perigo de sofrer vexames, pancadas e não raras às vezes a morte, em tudo figurando a polícia como coparticipante em tais atentados (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000, p. 81).

Esta foi a Era da Servidão, e os fatos relatados datam por volta de 1890, momento em que os Terena, ao retornarem da guerra, já não tinha mais suas terras e se viram obrigados a trabalhar nas fazendas de gado e plantações em condições subumanas:

O pessoal daquela época tinha medo porque ainda se lembrava do patrão que os chicoteava na fazenda. Quem se atrasava para tomar café de manhã era surrado... foi o finado meu avô que me contou. Como castigo o pessoal tinha de arrancar o mato com as próprias mãos. Quando a comida estava pronta, eles mediam toda a tarefa. Eram quinze braças de tarefa e, mesmo não terminado a tarefa do dia, de manhã mediam outra tarefa, que acumulava (LADEIRA; BITTENCOURT, 2000 p. 78).

Os povos originários naquela época (tempos de servidão, após a guerra do Paraguai) eram obrigados a trabalhar apenas em troca de alimento, eram totalmente submissos à vontade e ordens do fazendeiro e julgavam-se cativos como mostra o relato de Genésio Farias (apud BITTENCOURT; LADEIRA, 2000, p. 79): “Meu pai, Belizário Rondon, era da aldeia Passarinho, foi cativo da fazenda Sucuri, para marcar o tempo, era orientado pela lua nova e para acertar a conta com o patrão ele fazia traços na batinha do facão, marcando os dias do mês”.

O período pós-guerra foi para os Terena tempos de servidão, enquanto para o resto do país foi um período de desenvolvimento acelerado. As principais cidades do país na época, Rio de Janeiro e São Paulo, começaram a receber as primeiras fábricas. Foi nesta época, também, com o fim da escravidão, que o governo brasileiro começou a incentivar a vinda de imigrantes estrangeiros europeus para trabalhar nas fazendas de café.

A principal via de escoamento do café para exportação era a navegação marítima, mas para chegar até o Porto Geral de Santos, precisava ser transportado pelas estradas de ferro, fato que demandou aumento das estradas de ferro e de novas técnicas de comunicação, no caso específico, as linhas telegráficas.

Em 1889, o imperador sofreu um golpe militar e perdeu o trono, tornando-se, assim, o Brasil uma República. A primeira medida do governo republicano foi ampliar a construção das estradas de ferro e linhas telegráficas, para melhorar e facilitar o acesso do interior do país ao litoral. Foi instalada a Comissão Construtora das Linhas Telegráficas, chefiada por Rondon, que tinha o objetivo de ligar Cuiabá com as fronteiras com a Bolívia e Paraguai (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000).

Todo grande projeto capitalista requer muita mão-de-obra, então Marechal convenceu os Bororo a ajudarem na construção, mas ao chegar às margens do Rio Taquari, estes não quiseram mais continuar em alegação de que dali em diante era território dos Terena e Kadiwéu. Os Terena, então, aceitaram trabalhar na construção das linhas telegráficas com a promessa de demarcação do seu território, como mostra o relato do sr. Félix da aldeia Cachoeirinha (apud BITTENCOURT; LADEIRA, 2000, p. 81):

Quando o finado Marechal Rondon passou por aqui, meu tio mais velho foi com ele. Meu tio se chamava José Henrique. E tinha outro tio meu que acompanhou o Marechal Rondon quando ele passou na terra de Cachoeirinha. Ele se chamava José Marques e era cozinheiro lá onde eles acampavam. Eles passavam na região de Cáceres, Barra dos Bugres, para lá de Cuiabá, onde meu tio passou acompanhando a medição de terra. Esse era o serviço de meu tio. Rondon gostava muito de andar com José Henrique, meu tio mais velho, porque ele trabalhava muito bem.

O primeiro contato de Rondon com os Terena foi em função da construção das Linhas Telegráficas e, ainda com esta em construção, foi fundada a Companhia Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Esta ferrovia tinha o objetivo de construir uma estrada de ferro ligando a cidade de Bauru à cidade de Corumbá. Este projeto foi diretamente responsável pelo aumento da população no estado do Mato Grosso que, mais tarde, viria a se dividir em dois: Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

A relação do Terena com a construção da rede de telégrafos foi muito importante por assegurar a proximidade com Rondon, que futuramente se tornou o Chefe do Serviço de Proteção aos Índios e, conhecendo a cruel realidade do sistema de servidão imposto aos Terena, se mobilizou para a assegurar algumas reservas para recolher a população dispersa pelas fazendas.

#### 1.6 OS TERENA E O S.P.I.

Os povos indígenas no Brasil, até início do século XX, não eram tidos como cidadãos, pois não havia nada na Constituição Federal que assegurava seus direitos e deveres. Somente após notícias de conflitos que apareceram em noticiários internacionais envolvendo os povos originários e posseiros de terras – por exemplo, quando muitas vezes eram caçados por capangas à mando de fazendeiros, os chamados “bugreiros<sup>19</sup>” –, é que o SPI foi fundado. Desta forma, o órgão governamental para atender a população indígena do país não foi fundado devido a consciência do governo brasileiro em garantir os direitos indígenas, mas em função da repercussão internacional; dos fatos polêmicos em torno da questão indígena, o que trouxe um certo desconforto para o Brasil perante os países mais desenvolvidos.

Rondon foi escolhido pelo Governo para fundar e dirigir o SPI porque havia estabelecido contanto amigável com os Terena e outros povos indígenas, já que necessitava de sua ajuda para a construção das Linhas Telegráficas. Dentre as várias ações propostas por Rondon junto à questão indígena, a mais determinante para o atual quadro, foi demarcar suas terras, criando “reservas indignas”, lotes de terras sempre inferiores aos territórios anteriormente ocupados pelos índios. A justificativa é que “pacificados” não precisavam mais “correr de um lado para outro” (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000).

Em Miranda, as aldeias Cachoeirinha e Lalima tiveram suas terras demarcadas em 1905, enquanto em Aquidauana as aldeias Bananal e Ipegue foram reconhecidas pelo SPI em

---

<sup>19</sup> Matadores de aluguel especializados em matar as primeiras nações.

1911. Talvez a intenção do Marechal Rondon tenha sido boa, mas é válido lembrar que ele fez muito mais pelo governo brasileiro do que fez pelos povos originários. O SPI foi de pouca eficácia no cumprimento de suas atribuições legais no que diz respeito a garantir a posse da terra pelos Terena, ou seja, o órgão não teve autonomia e nem poder para se contrapor aos interesses dos grandes proprietários de terras que também eram parte da elite política local, claramente contra a legalização de grandes extensões de terras para os indígenas (OLIVEIRA; PEREIRA, 2012).

Há que se mencionar que o território ocupado pelos Terena, como já foi dito anteriormente, não se restringia às regiões das fortificações militares e missões religiosas, pois parte das famílias no pós guerra se reorganizaram em aldeias junto às fortificações militares e missões religiosas e a outra parte passou a viver em fazendas, em um primeiro momento como agregados ou como cativos e depois na situação de camarada de conta<sup>20</sup>, um sistema que gerava dependência financeira do patrão sob o qual o dinheiro recebido nunca pagava a conta. Deve-se considerar, também, que muitos troncos lograram permanecer em seus territórios, nos locais menos pressionados pela ocupação das frentes de expansão agropastoril, mantendo o controle de parte de suas terras que ainda não tinham sido apropriados por fazendas. Isso ocorreu até a metade do século XX, mas aos poucos as terras foram sendo ocupadas e, nas últimas décadas deste século, todos os Terena forçados a se recolher em reservas (OLIVEIRA; PEREIRA, 2012).

De acordo com os registros de Roberto Cardoso de Oliveira, já na década de 50 o cenário ou quadro dos hábitos e costumes Terena estavam bastante modificados, pois, de acordo com suas fontes, das 127 famílias que constituíam a aldeia de Cachoeirinha, apenas 19 viviam exclusivamente da agricultura interna e do artesanato, enquanto 58 famílias viviam exclusivamente do trabalho externo e outras 50 combinavam o trabalho em suas roças com o trabalho esporádico externo.

Neste período ocorreu também a migração do Terena das terras indígenas para Campo Grande (capital do estado de Mato Grosso do Sul), em função do crescimento da população nas reservas e a falta de perspectivas de vida nelas, pois a terra tornou-se insuficiente para a demanda de pessoas vivendo nelas.

A cultura Terena sempre esteve arraigada a tudo que a terra “dá”, inclusive com suas crenças, costumes e religião. O povo Terena sempre foi agricultor, mas comprimidos em

---

<sup>20</sup> Os fazendeiros praticavam o sistema de barracão, em que a mercadoria retirada pelo trabalhador é anotada para depois ser descontada no pagamento do trabalho realizado. Via de regra isso gerava uma conta infundável, vinculando em caráter permanente o empregado ao patrão (OLIVEIRA; PEREIRA, 2012, p. 224).

pequenas reservas, se viram obrigados a deixar o hábito do cultivo de suas roças. Os Terena, exímios agricultores, sempre cultivaram a terra numa relação de respeito, por meio de técnicas próprias e sempre observando a natureza e interpretando-a, fato que se explica no capítulo seguinte.

## **2 OS TERENA E AS RELAÇÕES COM AMBIENTE E COM SERES VIVOS E MITOLÓGICOS**

Há mais de 200 mil anos a humanidade tem ocupado e colonizado o planeta Terra, modificando as paisagens e se expandindo geograficamente graças à habilidade de se reconhecer no meio e apropriação dos recursos naturais, corroborando para o processo de diversidade. Essa atividade é possível em função de uma memória individual e/ou coletiva que vem se mantendo e se transmitindo ao longo dos séculos de geração em geração: a chamada memória biocultural (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015)

Ao longo do processo evolutivo, a diversidade é primordial para dar novas formas ou resignificados a determinados elementos, conferindo variabilidade, propiciando o heterogêneo, o múltiplo, ou seja, a diversificação faz parte do processo evolutivo. De acordo com Toledo e Barrera-Bassols (2015), a diversificação teria ocorrido por partes, ondas como define os pesquisadores citados.

A primeira teria sido a diversificação biológica, ocorrida a partir do período Paleoceno, evento a partir do qual teria ocorrido uma diversificação de organismos em todo o planeta, aos quais estabeleceram relações intraespecíficas e interespecíficas e subsequentemente uma grande variabilidade biológica. A segunda teria sido a diversificação do ser humano que levou a uma expansão geográfica, e como já dito anteriormente, a partir deste evento a humanidade teria colonizado praticamente todo o planeta Terra. Vale ressaltar que a expansão agrícola se deu concomitantemente aliada com os hábitos dos povos nômades caçadores e coletores, o que gerou uma diversidade cultural fixada no tripé genética, linguística e cognitiva. A terceira teria sido a criação humana de novas espécies a partir da agricultura, que ganhou força e se expandiu por todo o mundo, gerando novas espécies. A quarta teria sido a criação humana de novas paisagens a partir da apropriação do espaço. Sendo assim, podemos entender que a biodiversidade é responsável por todas as diferentes formas de vida na Terra.

Ainda sob as perspectivas de Toledo e Barrera-Bassols (2015), a memória biocultural humana é constituída a partir das diversidades biológica, cultural e agrícola vinculadas às sociedades tradicionais. As sociedades tradicionais, também chamadas de Povos Indígenas, habitam áreas de convergência da diversificação biológica, linguística e agrícola, sendo neste contexto que eu me insiro enquanto Terena. Os povos indígenas são assim definidos por Toledo e Barrera-Bassols (2015, p. 69):

(1) são descendentes dos primeiros habitantes de um território que foi conquistado; (2) são povos intimamente ligados à natureza por suas cosmovisões, conhecimentos e atividades produtivas, tais como agricultores permanentes ou nômades, pastores, caçadores e coletores, pescadores e artesãos, que adotam uma estratégia de uso múltiplo de apropriação da natureza; (3) praticam uma forma de produção pouco excedente e opera por meio de sistemas com pouco ou nenhum aporte de insumos externos e baixo consumo de energia; (4) não mantêm instituições políticas centralizadas, organizam sua vida em nível comunitário e tomam decisões por consenso; (5) compartilham língua, religião, valores morais, crenças, vestimentas e outros critérios de identidade étnica, bem como estabelecem uma relação profunda (material e espiritual) com um determinado território; (6) têm uma visão de mundo diferente, e mesmo oposta à que prevalece no mundo (urbano e industrial), ao assumirem uma conduta não materialista de custódia da Terra, que consideram sagrada, e de apropriação dos recursos naturais por meio de trocas simbólicas; (7) geralmente vivem subjugados, explorados ou marginalizados pelas sociedades dominantes e, (8) são compostos por indivíduos que se autoidentificam como indígenas.

Nós, Terena, como está descrito em vários estudos e na perícia de Oliveira e Pereira (2012), sempre fomos excelentes agricultores desde os tempos pré-coloniais e, quando ocorria algum evento geralmente ligado à alguma epidemia grave interrompendo drasticamente o ciclo agrícola anual, os Terena sobreviviam da coleta, da caça e da pesca. Já naqueles tempos remotos, além das atividades corriqueiras, nós Terena já possuíamos o hábito de criar animais exóticos, como porcos, galinhas, bois e cavalos (OLIVEIRA; PEREIRA, 2012).

Figura 10 - Foto da Kuxa e do Kuxo



Fonte: arquivo pessoal.

A foto se refere ao momento em que eu limpo o chiqueiro da Kuxa e do Kuxo, alimento e dou água. Também é um momento de interação com eles, que gostam de cheirar minha mão e fuçam minhas roupas, minhas pernas. Toda atividade que faço na chácara, estou sempre acompanhada do Book e da Dama, meus cachorros, principalmente no trato da Kuxa e do Kuxo (a Dama ama). Às vezes, eles conseguem fugir e a Dama vai atrás e traz de volta: a Kuxa nesse momento está convalescendo, porque fugiu e Dama trouxe de volta literalmente nos dentes. Fiquei muito triste e frustrada, porque em parte me sinto culpada por não ter amarrado direito o chiqueiro, mas estou fazendo o melhor para a recuperação da Kuxa: apliquei antibiótico e estou passando remédio nas feridas.

Segundo Thomaz (1995, p. 427-428), podemos entender cultura:

[...] como um código simbólico – código que possui uma dinâmica e uma coerência interna, é compartilhado pelos membros de uma sociedade ou grupo social, e que, mediante um procedimento antropológico, pode ser decifrado e traduzido para membros que não pertencem a este grupo [...] este código simbólico não é dado [...] não recebemos como uma herança biológica as formas do nosso comportamento ou os significados que atribuímos às nossas ações ou ao mundo que nos rodeia. A cultura se refere pois à capacidade – e necessidade – que os seres humanos têm de aprender.

Aprendi com meu pai que devemos respeitar os animais. Quando criávamos galinhas, ele sempre fez questão de produzir um bom poleiro para que estas pernoitassem em segurança

dos animais predadores como a jaguatirica (*Leopardus pardalis*), gato-do-mato (*Leopardus guttulus*), lobinho (*Cerdocyon thous*) e a irara (*Eira barbara*), comum na região sul do estado de Mato Grosso do Sul. Na região do poleiro tinha os ninhos que ficavam suspensos e a casinha das galinhas com pintinho, para que pudessem se abrigar da noite. O mangueirão dos porcos tinha uma área coberta para os animais se abrigarem da chuva e havia muitas plantas nativas que serviam de abrigo do sol. Os carneiros também pousavam presos para se abrigar da onça-pintada (*Panthera onça*), mas, mesmo assim, a pintada chegou a matar 11 carneiros em uma única noite.

O alimento, chamado de trato pelo meu pai, a água e o local que viviam sempre foram preocupações do meu pai com relação aos animais que criava. Meu pai sempre me ensinou que enquanto vivessem, os animais deveriam ser bem cuidados e tratados, que não devíamos ser malvados, judiar da criação. Ele ficava indignado quando via em algum lugar porcos mal instalados, com o chiqueiro cheio de lama e nenhuma parte seca para dormirem e se abrigarem da chuva.

Para criar galinhas, assim como qualquer outro animal, são necessários certos cuidados: vermifugar os animais, tratar a água para evitar doenças contagiosas, como o gogo, muito comum nas galinhas. Ele sempre dizia que não devíamos criar além daquilo que nossas condições no permitissem tratar dos animais. Certa vizinha do meu pai criava muitas galinhas, mas não as alimentava o suficiente: desnutrido, o bico crescia além do normal, fica muito estranho e não raramente aparecia no quintal de casa do meu pai, que sempre comentava aquilo ser uma judiação com o bicho.

Para Tassinari (1995, p. 448-449) cultura é:

O conjunto de símbolos partilhado pelos integrantes de determinado grupo social e que lhes permite atribuir sentido ao mundo em que vivem e às suas ações. [...] O código simbólico que chamamos de “cultura” permeia todos os momentos da vida social. [...] a cultura diz respeito a uma capacidade comum a toda a humanidade. Esta é a condição básica para a possibilidade do “diálogo cultural”, ou seja, mesmo que eu viva e entenda o mundo a partir de um conjunto de significados próprios, posso compreender modos diferentes de viver e dar sentido ao mundo. [...] cultura é compartilhada, formulada e transformada por um determinado grupo social. [...] toda cultura é dinâmica, ou seja, vai se transformando através da história.

É importante ressaltar que a cultura também difere entre nós, Terena. É incomum, ainda na minha aldeia Ipegue, mulher gostar de atividades ligadas ao manejo de gado bovino ou qualquer outra espécie. A roça também é uma prática quase que exclusivamente masculina, no meu caso difere da regra, acredito eu porque o meu pai não teve nenhum filho homem e ele precisava garantir a continuidade de suas práticas, do seu saber.

Neste sentido, cultura é a relação da espécie humana com o mundo em que vive, pois está relacionada à aprendizagem das manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo, como: música, teatro, rituais religiosos, língua falada e escrita, mitos, hábitos alimentares, danças, arquitetura, invenções, pensamentos, formas de organização social, formas de dar sentido ao mundo e etc. (MARIA, 2011).

Para Freire (1979, p. 21):

Na medida em que o homem, integrando-se nas condições de seu contexto de vida, reflete sobre elas e leva respostas aos desafios que se lhe apresentam, cria cultura. A partir das relações que estabelece com seu mundo, o homem, criando, recriando, decidindo, dinamiza este mundo. Contribui com algo do qual ele é autor... Por este fato cria cultura.

A ação da espécie humana sobre o mundo é também uma relação cultural, não sendo possível pensar a natureza humana independente da cultura. Freire (1983, p. 25) ainda completa o sentido dessa ação da espécie humana sobre o mundo dizendo:

É homem porque está sendo no mundo e com o mundo. Este estar sendo, que envolve sua relação permanente com o mundo, envolve também sua ação sobre ele. Esta ação sobre o mundo, que, sendo mundo do homem, não é apenas natureza, porque é cultura e história, se acha submetida aos condicionamentos de seus próprios resultados. Desta maneira, as relações do homem, ou dos homens, com o mundo, sua ação, sua percepção, se dão também em níveis diferentes.

É evidente que ao interagir com meio ou “mundo”, a espécie humana o transforma e que essa transformação se dá de diferentes formas porque isso também depende da cultura e percepções de cada grupo, sendo isso muito subjetivo.

Dessa forma, a tradição religiosa judaico-cristã desenvolveu a concepção de que o ser humano dominou a natureza subjugando-a segundo suas ambições, sendo essa dominação um ordenamento divino, como está estabelecido nos capítulos iniciais da Gênese. Nas concepções indígenas fora da tradição acima mencionada, não se trata de dominação, mas de convivência entre diversas ordens de seres que dividem o espaço comum da terra. Dessa forma, ao longo do tempo, os povos indígenas ou tradicionais direcionaram suas percepções, observações e experimentos para produzir modos de existir no mundo, como veremos no próximo tópico, com o enfoque sobre os Terena.

O próximo tópico fala da relação dos humanos com o meio ambiente ao qual ele vive e, neste contexto, está inserido o Terena, que vive uma relação de mutualismo com a natureza. Nós, Terena, temos a habilidade de usar os recursos naturais respeitando o ciclo natural da vida dos outros seres que habitam a Terra. É possível observar hoje, nas retomadas, a criação de

gado bovino leiteiro, gado bovino para corte, porcos, etc., mas ali também vivem animais silvestres em uma relação de respeito com os moradores e seus animais. Os espaços também são compartilhados com muitas espécies de plantas, denominadas de nativas, cujas propriedades e usos são conhecidas pelos Terena, sendo muito valorizadas e utilizadas no dia a dia.

## 2.1 POVOS INDÍGENAS E ECOLOGIA

A teoria da biologia, ainda que esteja incompleta, modifica a ideia de vida, uma vez que a ecologia, embora ainda muito prematura, modifica o conceito de natureza. Ecologia é uma ciência natural que visa os estudos entre os seres de um ecossistema, ou bioma, e a interação entre os mais diversos e diferentes seres (MORIN, 1973).

Os povos indígenas ocupam territórios que quase sempre possuem uma rica biodiversidade em função da relação de respeito entre os indígenas e os outros seres que compartilham o mesmo espaço, ou seja, o meio do qual fazem parte e ocupam. A “natureza” representa para nós, povos indígenas, o sagrado: temos uma relação de respeito e reverência para com os seres que nela habitam, por tudo que eles nos oferecem. Meu pai sempre me ensinou a nunca tirar da natureza mais do que necessitamos. Quando era criança, meu pai não deixava a gente arrancar frutas verdes do pé ou a pegar mais do que podíamos comer. Eu não entendia o porquê da atitude dele, mas com o passar dos anos fui aprendendo a ter o mesmo respeito pela natureza, em especial pelas árvores frutíferas. Sempre tínhamos muita banana, mamão, goiaba, laranja, poncã, etc. Meu pai nunca deixava arrancar fruta verde e nunca deixava a gente arrancar as flores de nenhuma espécie. Hoje entendo que, ao fazer isso, meu pai estava respeitando e nos ensinando a respeitar o ciclo natural da vida, uma maneira de garantir as novas gerações, eu diria que meu pai tinha uma grande consciência ecológica mesmo quando essa ciência ainda não era moda. Os povos indígenas nunca precisaram a ser ensinados a ter consciência ecológica: é algo que está intrínseco em nós. Meu pai nunca nomeou os ensinamentos como ecológicos, apenas os ensinava.

Como está descrito acima, na minha experiência com os ensinamentos do meu pai, a natureza é para nós indígenas uma fonte de vida que além de nos alimentar, nos ensina, pois com ela aprendemos a nos relacionar com uma infinidade de seres. A natureza é para nós o reflexo de nós mesmos, a nossa identidade étnica. Meu pai sempre foi um homem muito caprichoso e orgulhoso de suas conquistas e modo de vida. Nos lugares onde moramos, ele sempre fazia questão de dizer aos donos da terra que trabalharia com eles, mas que no quintal

dele era ele quem mandava e sempre fazia questão de cultivar rama, melancia, banana e criar galinhas, porcos, ovelhas. Meu pai dizia que sua tropa tinha que ser bem cuidada e os bezerros das leiteiras tinha que ser gordinhos. Ele ficava indignado quando chegava algum vizinho de outra fazenda pedindo mandioca, ele dizia: “Mas tem mesmo hein! Porque eu não moro em cima da pedra!”

Ele sempre me ensinou a nunca ter mais do que aquilo que eu preciso ou posso cuidar. Ficava indignado quando via galinhas magras e com o bico grande; ele dizia que era falta de comida. Se chegasse em alguma fazenda ou sítio em que os bezerros das leiteiras eram magros, a pessoa já perdia o respeito dele. Ele sempre me ensinou que não devemos ser avarentos a ponto de tirar todo o leite da vaca e deixar o bezerro passar fome ou, por preguiça, não esgotar a vaca quando pari e deixar o bezerro mamar todo o colostro, causando diarreia no bezerro, porque o colostro é muito forte, ou seja, tudo tem que ser na medida certa, nem de menos e nem demais. Este modo de vida dos povos indígenas se explica muito bem a partir do ponto de vista biológico fundamentado por Morin (1973).

Muito recentemente, a ciência ecológica “reconheceu” que a comunidade dos seres vivos e seu nicho<sup>21</sup> constituem um ecossistema. Do ponto de vista de Morin (1973, p. 10), ecossistema se define como:

[...] conjunto das restrições, das interações, das interdependências no seio de um nicho ecológico constitui, apesar de, e por intermédio de acasos e incertezas, uma auto-organização espontânea. Com efeito, criam-se e recriam-se equilíbrios entre os índices de reprodução e dos índices de mortalidade. Estas regularidades, mais ou menos flutuantes, estabelecem-se a partir das interações. Estabelecem-se complementaridades a partir das associações, das simbioses<sup>22</sup>, dos parasitismos, mas igualmente entre o que come e o que é comido, entre predador e a presa; estabelecem-se hierarquias entre as espécies; assim, tal como nas sociedades humanas, em que as hierarquias, os conflitos e as solidariedades fazem parte dos fundamentos do sistema organizado, a competição (matching) e o ajustamento (fitting) contam-se entre os complexos fundamentos do ecossistema (MORIN, 1973, p. 10).

Por meio de todas estas relações, são constituídos os ciclos no ecossistema, cadeias ou teias alimentares. Todos os seres estão intrinsecamente ligados por meio de um enorme ciclo, que transforma a energia solar em nutrientes para todos os níveis tróficos. Nestas perspectivas, admite-se que o ecossistema é um sistema organizado, cabendo-lhe perfeitamente o título de mãe natureza, todavia, esta mãe age utilizando a ferramenta da destruição como caráter

---

<sup>21</sup> Porção restrita de um hábitat, onde vigem condições especiais de ambiente; espaço ocupado por uma espécie num ecossistema e seus hábitos alimentares.

<sup>22</sup> Associação de duas plantas, ou de uma planta e um animal, na qual ambos os organismos recebem benefícios; Associação de dois seres vivos que vivem em comum.

regulador, nas concepções de Morin (1973, p. 10). Hoje, sabe-se que o ser vivo não depende apenas de energia e matéria para se nutrir, mas de toda organização complexa de um ecossistema e sua informação. Todavia, as relações de ecossistema, não são isoladas, como se previa: trata-se da interação entre dois sistemas abertos, onde cada um é parte do outro, constituindo um todo. Fato interessante e relevante é que quanto mais independente é um organismo vivo, mais dependente ele se torna do ecossistema. Por sorte, a autonomia presume complexidade, culminando em uma grande riqueza de relações de toda ordem com o meio ambiente, ou seja, a autonomia é dependente das inter-relações, o que constitui uma independência relativa.

Neste contexto de relativa independência é que se insere a sociedade humana, que representa, do ponto de vista da ciência, tudo o que há de mais emancipado em relação aos demais seres vivos e, ao mesmo tempo, se apresenta com suas inúmeras dependências. Sendo assim, ao mesmo tempo em que a humanidade, sendo classificada como complexa na ordem do ecossistema, também é tida como capaz de nutrir a sociedade com os mais diversificados produtos, ou seja, de complexidade. Quanto mais complexa é uma comunidade, mais dependente ela se torna, em função das várias relações que precisa estabelecer e/ou desenvolver com o meio ao longo de um processo de dependências educativas, culturais e étnicas:

A individualidade humana, que é a flor final dessa complexidade, é ao mesmo tempo tudo o que há de mais emancipado e de mais dependente em relação à sociedade. O desenvolvimento e a manutenção da sua autonomia estão ligados a um número enorme de dependências educativas (longa escolaridade, longa socialização), culturais e étnicas. Quer isto dizer que a dependência/ independência ecológica do homem se encontra em dois graus sobrepostos e interdependentes, que são o do ecossistema social e o do ecossistema natural. Fato este que só agora começa a se descobrir (MORIN, 1973, p. 11).

A natureza não é desordenada, nem passiva, constituindo um meio sem forma, todavia, é um todo complexo. A humanidade não é uma instituição fechada em relação a esse todo complexo: é uma entidade aberta, com relações de autonomia e dependência em relação ao meio em que vive.

Os Terena são um exemplo dessa relação de interação com o meio ambiente em que vive, como é sabido e unanimidade entre antropólogos, cronistas, missionários religiosos, desde a Antiguidade até a contemporaneidade, sobre o que estudaram ou escreveram a respeito desse povo. Quando morávamos na fazenda Água Doce, meu pai tinha ceva de cateto, queixada, paca, etc. e ele tinha alguns amigos que iam do município de Naviraí para caçar na ceva do meu pai. Certa vez, um desses amigos matou sete catetos (*Tayassu Tajacu*) e meu pai precisou arrumar

a carroça com o burro para esse amigo buscar todos os catetos que ele havia abatido. Importante ressaltar que esse amigo era *purutuyé*. Então meu pai ajudou, buscou a caça e ajudou a courear<sup>23</sup> e a tirar as vísceras. Depois de tudo pronto, meu pai o chamou em particular e disse a ele:

Eu aprendi que a gente nunca deve matar além daquilo que podemos carregar, porque aquilo que você não consegue carregar, sinal de que você não precisa! Eu mato aquilo que eu vou comer, quando acabar, eu volto lá e mato outro, porque o mato está aí, a caça está aí, não vai acabar se a gente souber respeitar a natureza e os bichos, eles nunca vão acabar! (informação verbal, PAULO CÉZAR DOMINGO “PANCHO”, 1980)

Meu pai sempre me contou que na mata<sup>24</sup> existe o guardião, o Pai da Mata e que este guardião sabe das nossas necessidades. Então, se a gente vai caçar, pescar ou coletar algum fruto, não devemos abater, pescar ou coletar além daquilo que precisamos. Meu pai contava várias histórias sobre caçadores que apanhavam de cipó do Pai da Mata porque estavam com ganância. O Pai da Mata surra também os cachorros dos caçadores que não respeitam a natureza.

Para Toledo e Barrera-Bassols (2015, p. 72), “sociedades indígenas detêm um repertório de conhecimento ecológico que geralmente é local, coletivo, diacrônico e holístico”. “*Todos* esses ensinamentos que a mim foram repassados pelo meu pai por meio da linguagem oral, pelo exemplo e pela demonstração, únicos recursos que meu pai possuía para me ensinar, dentro de uma tradição oral de transmissão de conhecimento entre gerações.

## 2.2 A MEMÓRIA BIOCULTURAL TERENA

Este estudo dos hábitos e comportamentos dos animais (fora dos laboratórios) é chamado de etologia e revolucionou tudo o que se julgava conhecer sobre o mundo dos animais. Entretanto, como todo começo, nada foi fácil: os primeiros estudiosos observavam solitariamente o comportamento dos animais. Julgava-se que os animais se comportavam de modo automático e por reflexos, ou seja, acreditava-se que seus comportamentos eram meras reações influenciadas ou regidas pelo meio, quer por reflexos ou instintos, na tentativa de garantir a sua sobrevivência e a sua reprodução, ou seja, perpetuação da espécie (MORIN, 1973).

---

<sup>23</sup> Consiste em escalpelar, tirar todo o couro da presa.

<sup>24</sup> Floresta.

A etologia veio assegurar que o comportamento animal é sistematicamente organizado e organizador. Primordialmente, surgem as noções de comunicação e territorialidade. Os animais se comunicam, emitem mensagens e estas são interpretadas por uma espécie específica (MORIN, 1973).

Este registro de Morin (1973) vem ao encontro com a Teoria de Gaia que acredita que há uma interação orquestrada entre a biosfera e todas as formas de vida na Terra, como a geologia, que mantém a vida regulando todos os elementos químicos essenciais à vida. A teoria de Gaia:

Consiste na ideia de que a química, física e biologia presentes no planeta fizeram dela um organismo vivo, capaz de regular sua temperatura e seus elementos químicos, de modo a favorecer a vida; e vai além ao complementar a Teoria da Evolução que consiste na ideia central de seleção adaptativa dos seres diante do ambiente (LEÃO; MAIA, 2010, p. 2).

Dessa forma, Gaia mantém a sua composição atmosférica em condições adequadas para a presença de vida, tendo esses seres vivos como os responsáveis por controlar as condições atmosféricas, mantendo um clima propício à vida na Terra, ou seja, Gaia seria um sistema de autorregulação. Para que este sistema continue a funcionar harmoniosamente, o ser humano precisa rever suas intervenções neste sistema, porque de acordo com a teoria, este sistema reage tentando manter o clima adequado para a presença de vida. Quando a humanidade interfere nessa harmonia, causando o aquecimento global, há como consequência tragédias não tão naturais assim, como intemperismos que causam tornados, furacões, terremotos, tsunamis entre outros.

Os povos tradicionais parecem entender muito bem esse sistema, no qual é fundamental respeitar cada vida que compõe a natureza. O Terena faz isso magistralmente: cresci ouvindo meu pai comentar o comportamento dos animais, insetos, aves, peixes e a partir do comportamento dos animais, entender a natureza o meio ambiente que nos cercava. Quando morávamos na fazenda Água Doce, a fazenda tinha uma reserva de dois mil alqueires de mato e, às vezes, da casa onde morávamos, ouvíamos os bugios (*Alouatta*) roncando todos juntos: parecia um enorme coral. Aí meu pai dizia que choveria, que os bugios quando emitem este som, todos ao mesmo tempo ao ponto de parecer um ronco, é porque estão anunciando chuva. O ronco dos bugios, todos juntos, é hipnotizador e até hoje ecoa na minha memória.

Estas mensagens não são apenas sonoras, todavia podem ser visuais ou olfativas. No passado, acreditava-se que a comunicação entre os animais fosse uma coisa comum, de caráter exclusivo ou voltada apenas para a relação sexual. A etologia veio para desmistificar essa

verdade absoluta: os sons e gestos não se referem apenas ao ato de acasalamento, mas de cooperação, advertência, ameaça, submissão, amizade e brincadeiras. E o que acontece de mais extraordinário é que, às vezes, essa comunicação é simbólica, ou seja, um determinado comportamento, com um significado específico, às vezes é transportado para fora da situação, no intuito de exprimir uma mensagem simbólica: é como se os animais usassem as nossas figuras de linguagem.

Esta fala vem explicar o comportamento da minha cachorra (*Canis lupus familiaris*) Dama, ao abocanhar a Kuxa e o Kuxo (*Sus scrofa domesticus*) literalmente e os trazerem de volta para o chiqueiro quando eles escapam e fogem. Diretamente, eu nunca ensinei a Dama a cuidar e observar os porquinhos, mas diariamente ela me acompanha na limpeza do chiqueiro e trato dos porquinhos. Todas as vezes que eles fugiam, a Dama me acompanha na captura. Para minha surpresa, ao acordar certa manhã, notei que nem os porquinhos estavam no chiqueiro e nem a Dama estava em casa, logo ouvi os latidos dela na vizinhança e não demorou para que o Kuxo chegasse correndo e, logo depois, a Dama chegasse literalmente arrastando a Kuxa, abocanhada por ela. Trouxe até o chiqueiro de volta e eu socorri a Kuxa: claro que estava muito ferida. Entendo que a Dama não teve a intenção de machucar, mas apenas de trazer os dois fujões para a casa deles. A Dama não ataca os porquinhos quando estes estão dentro do chiqueiro e nem mexe com os porcos do vizinho, apenas pastoreia a Kuxa e o Kuxo, ela sabe que são nossos, que são de casa! Nesses sentidos:

[...] a brincadeira animal pressupõe uma comunicação sobre a natureza da comunicação (metacomunicação): morder parece-se com morder, mas significa o contrário, brincar, isto é, amizade, e não conflito; o pseudoconflito lúdico transforma-se em expressão de entendimento. Verifica-se assim que, naquilo que parecia tão evidente e tão simples, a brincadeira, emerge a complexidade comunicacional, a qual se pode desenvolver de outra maneira no estratagema, no disfarce, na camuflagem (BATESON, 1955 apud MORIN, 1973, p. 12).

Sendo assim, pode-se dizer que as comunicações entre os animais abrangem um patamar muito mais complexo do que se imaginava, muito além da relação sexual, na verdade, trata-se de uma variedade de relações interindividuais, dentre as quais se destacam a amizade, a proteção, a submissão, a intimidação, dentre outras. Trata-se, também, de outra questão bastante relevante para este trabalho: os fenômenos organizacionais básicos, tais como a regulação demográfica e a territorialidade (MORIN, 1973).

Claramente a Dama se impõe sobre a Kuxa e o Kuxo e o fato dela ir atrás deles quando não estão no chiqueiro é uma evidente demonstração de fenômeno organizacional no qual a Dama aplica sobre os porquinhos uma demonstração de territorialidade, pois identifica que os

porquinhos estão além do seu território. É muito interessante quando os porquinhos saem e permanecem no meu quintal: a Dama não os ataca, mas permanece atenta.

Outro dia, ao sair para fora de casa, a Dama veio me lambar, grunhiu e se direcionou para perto da caixa d'água, olhando para trás, como se estivesse me pedindo para segui-la e eu prontamente atendi. Quando dei a volta na casa e olhei, pude ver que a Kuxa e Kuxo estavam fuçando perto da caixa d'água. Então, os chamei de volta em direção ao chiqueiro, os recolhi sem maiores problemas e a Dama não os atacou. Pela quantidade de solo revolvido no entorno da caixa d'água, pude concluir que eles já estavam por ali há algum tempo e a Dama apenas os observava.

A etologia descobriu que a noção de território, para os animais, está aquém das atividades de um indivíduo ou espécie: trata-se, também, da relação com o outro, ou seja, está ligada às outras espécies, outros hábitos, outros nichos. Mesmo um galinheiro, uma alcateia ou uma colmeia que à primeira vista nos parece uma desordem total, sem sincronia, ao serem observados adequadamente, nota-se que todo movimento obedece a uma hierarquia, na realidade, muito rígida e organizada (MORIN, 1973).

O meu cachorro, o Book, tem um comportamento totalmente diferente do comportamento da Dama, pois ele quase não fica em casa e não se importa muito com os porquinhos, mas gosta de passear comigo e, se eu chamar, ele vai junto comigo atrás dos porquinhos. A Dama não precisa nem chamar, pois ela me acompanha e eu precisei até mesmo ser dura com ela para não me acompanhar ao trabalho. Ela é bastante ligada a mim: se vou tomar banho, me espera na porta do banheiro, se vou cozinhar, me espera na porta da cozinha, quando estou dentro de casa, deita-se na varanda próximo à porta. É minha companheira desde filhote, cuidei dela e desenvolvemos um vínculo: quando ela foi picada por uma cobra, por exemplo, eu tratei dela com muito amor. Ela ainda era um filhote e, a partir desse fato, ela só dormia sentindo meu cheiro. Como Dama chorava muito e grunhia não deixando ninguém dormir, a solução encontrada por mim foi colocar uma peça de roupa suja, com o meu cheiro, para ela dormir, o que funcionou.

### 2.3 SOCIOLOGIA ENTRE OS TERENA E OS ANIMAIS

Na fazenda Água Doce, havia um capão de mato próximo à entrada principal, bem próximo à porteira da divisa com a fazenda Jequitibá. Costumávamos passar por este local quando ainda íamos visitar nossos vizinhos, em um retiro distante da fazenda Água Doce, 6 km longe. Toda vez que passávamos por este capão de mato, meu pai pedia para que eu segurasse bem firme as rédeas do cavalo. Ao passar pelo local, percebia o cavalo tenso, hostil, costumava assoprar, o lombo ficava enrijecido e eu podia sentir e as orelhas ficavam muito atentas e frenéticas. Isso ocorria toda vez que passávamos por lá e, é claro, eu também ficava tensa, mas não sabia o porquê. Só mais tarde, anos depois, o meu pai me contou o motivo do comportamento dos animais ao passar por ali. É que há muitos anos, ali, havia morrido uma senhora - conta a lenda que ela estava procurando lenha, quando ventou muito e uma árvore seca caiu sobre ela, vitimando-a. Então, todos contavam que aquele lugar era assombrado e isso explicava o comportamento dos animais ao passar pelo local.

A sociologia humana julgava-se única no mundo humano, todavia, acreditava-se que tanto as sociedades das formigas, quanto das abelhas, dentre outras, na realidade, não passavam de instintos cegos. A biologia interpretava estas sociedades como sendo casos únicos, mas na realidade se tratava de comportamentos específicos da espécie, e não o desenvolvimento particular da sociologia.

Toda sociedade organiza e protege, logicamente, o seu território, estruturando-se hierarquicamente, ainda que esta resulte de conflitos e disputas que implicam em relações interindividuais. Estas relações implicam no quão grande é a riqueza da comunicação entre os animais, culminando em complexidade e diversidade. A diversidade dos símbolos de comunicação varia de espécie a espécie, de indivíduo a indivíduo, delineando e aumentando tal complexidade, portanto, a etologia fundamenta a sociologia.

A Dama e o Book estavam teimando em me acompanhar ao trabalho e, para não os deixar presos às correntes, resolvi fazer uma volta enorme para ir para o meu trabalho. Eles me acompanharam até certo ponto, porém, quando acelerei eles voltaram para trás. Logo depois, ao chegar ao trabalho, fui observar para ver se eles não teriam ido atrás de mim e para minha surpresa estavam chegando na escola não pelo mesmo caminho que eu fiz, mas pelo caminho inverso, mais próximo da minha casa à escola. Fiquei perplexa! Eles não somente sabiam o caminho, mas também sabiam que naquele horário eu estava indo para a escola e ao não conseguirem me seguir pelo caminho mais longo, tomaram a iniciativa de volta e pegar um

atalho! É evidente que eles se comunicam e se organizam em sociedade e nós, Terena, temos essa habilidade ou dom de conseguir nos comunicar com os animais domesticados.

A etologia tem fomentado e embasado estudos referentes ao comportamento animal e estes estudos =fundamentam a teoria de que a sociedade é amplamente difundida entre as espécies e assume formas diferentes em função de fatores diversos, porém toda sociedade é uma auto-organização dos sistemas vivos. É neste contexto que se insere a sociedade humana, que surge como uma variante e desenvolvimento de fenômeno social bastante geral. Ou seja, a organização em sociedade não é um fenômeno exclusivamente humano, mas a sociedade humana é que se insere como uma variante das diversas sociedades do mundo animal.

Deste modo, as conseqüências da etologia e da sociologia animal são igualmente mortais para o paradigma fechado do antropologismo. Chega-se à conclusão de que nem a comunicação, nem o símbolo, nem o rito, são exclusividades humanas, e de que têm raízes muito remotas na evolução das espécies (MORIN, 1973, p.14).

Sendo assim, pode-se afirmar que não foi o ser humano o pioneiro em realizar certos comportamentos, tais como o de namoro, submissão, hierarquia e nem tão pouco a noção de territorialidade, ou seja, a sociedade humana, não é uma invenção exclusiva de homens e mulheres.

Os cientistas conseguiram fazer o elo entre a evolução de determinadas espécies animais, mas não conseguem fazer a ligação entre nossos ancestrais primatas e o homem atual: existe aí uma lacuna de aproximadamente 10 milhões de anos. Utensílios, a caça, a linguagem, a cultura, são hábitos e costumes que podem ter aparecido antes mesmo da espécie *sapiens* e isso significa dizer que a sociedade humana é um processo complexo de desenvolvimento imerso na história, de onde emergiu a cultura. Acredita-se que é nesta lacuna que surge o homem, um animal humano, organizado em sociedade natural, bem como sua cultura ligada à evolução biológica (MORIN, 1973).

Certo dia, meu vizinho chegou em casa e me disse que a Dama costuma passar horas no período da manhã na casa dele e que surpreendentemente ela não ataca as ovelhas (*Ovis aries*). Foi muito engraçado quando ele me contou, a Dama logicamente estava ao meu lado e eu olhei para ela e disse para não acreditar e ela me olhou muito desconfiada e parecia estar com muita vergonha. Eu acredito que a Dama não ataca as ovelhas porque ela tem noção de territorialidade, pois sabe que está em território que não é o seu. A Dama só costumar sair de casa quando não estou. Se a dona dela pode sair, ela parece imaginar que também pode dar seus próprios passeios, por sua própria conta.

É neste complexo contexto que se inserem os indígenas, que têm uma estreita e íntima ligação com a natureza, produzindo memórias socioambientais elaboradas por meio de trabalhos e técnicas, artefatos e construções, deixando registros nas paisagens, objetos, alterações ambientais, bem como na agricultura.

Heranças resultantes de processos socioambientais e naturais portam signos construídos e relativamente autônomos, mas que conservam sintonia com o modo de pensar e agir de um povo. Sua análise gera conteúdos interpretativos úteis às sociedades atuais. Denotam maneiras dos povos se relacionarem com o ambiente, entre si e a sua construção (LOIOLA, 2010 p. 8-9 apud LOIOLA; OLIVEIRA; RATTS, 2011, p. 69).

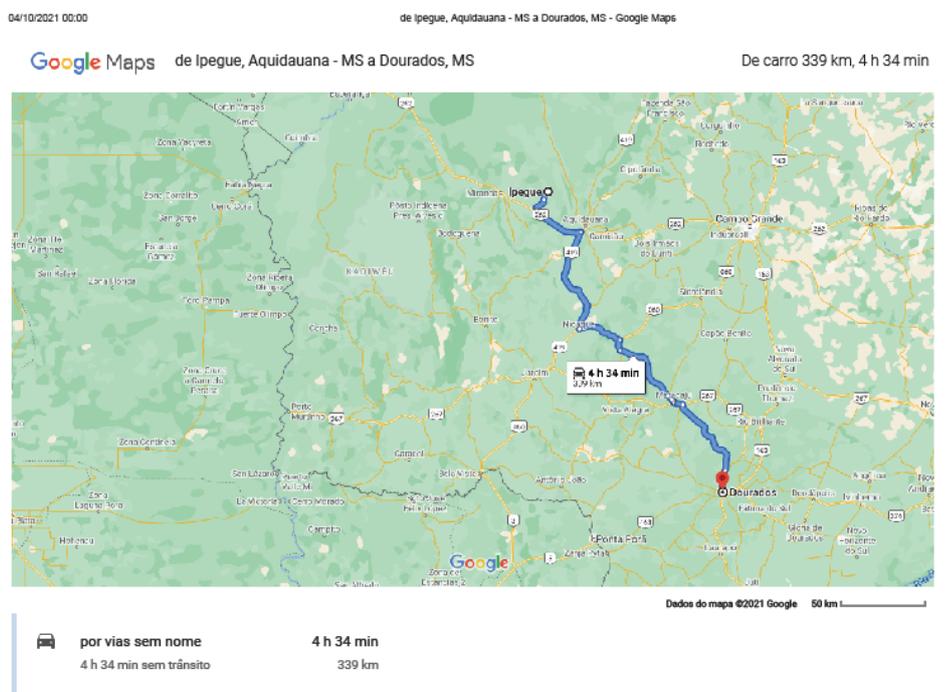
Desta forma, marcadores espaço-temporais se transformam em memórias sociais e ambientais, dando suporte às representações sociais, inclusive com a agricultura, promovendo as identificações étnicas e culturais. Esta afirmativa nos permite concluir que as produções dos marcadores territoriais e temporais são difundidas a partir de estreitas relações entre o momento histórico, social, ambiental e cultural, de acordo com as condições ambientais locais e de acordo com suas memórias, ou seja, são atribuídas às heranças do passado.

Para se localizar acerca do espaço e do tempo, as comunidades tradicionais recorrem aos processos histórico-sociais de acordo com a simbologia de cada cultura, constituindo, assim, marcadores ou referências espaço-temporais que podem ser orientadas por elementos celestiais/astronômicos e ambientais. Estes marcadores, como já foi dito, resultam de um processo contínuo de aprendizagem e acúmulo de saberes, vinculado ao modo de estruturação social, com a finalidade de orientação e regulação dos ciclos e ritmos sociais, em uma tentativa de perpetuar os costumes tradicionais. No caso terena, a transmissão destes conhecimentos se realiza de geração em geração, geralmente pela transmissão oral, e envolve complexos elementos da organização social e das relações gênero. Retomarei esses aspectos na parte final da dissertação.

### 3 TERRITORIALIDADE NO “ESTRADÃO”

Os Terena usam os marcadores espaço-temporais como forma de apropriação do espaço, transformando-o em seu território, e isto implica em significação, apropriação e construção do sentimento de pertencimento. Este capítulo trata do porquê de os pecuaristas utilizarem o peão Terena como mão-de-obra nas longas viagens de comitiva, transportando boi do Pantanal para as regiões altas do estado e para a Serra, como meu pai costumava dizer. Pouco tempo antes de falecer, meu pai me acompanhou na prova para a seleção do mestrado na FAIND. Fizemos o seguinte trajeto:

Figura 11 - Rota Aldeia Ipegue à Dourados.



<https://www.google.com.br/maps/dir/Ipegue,+Aquidauana+-+MS/Ipegue+-+Taunay,+Aquidauana+-+MS,+79200-000/Dourados,+MS/@-21.2197005,-56.5835566,8z/data=!4m2!4m1!1f1m1!1f160x94...> 1/2

Fonte: Google Maps (2022b)

Meu pai conhecia todos os km da estrada, cada pouso de boiada, até as árvores ele conhecia e possuía uma memória afetiva com o percurso, com o trajeto. Percebi que meu pai tinha se apropriado do espaço, transformando-o em seu território, ainda que perene. O Terena desenvolve essa relação de territorialidade independentemente do espaço reconhecido como terra indígena, ou seja, mesmo fora da reserva, da aldeia Ipegue, ele manteve os laços com o meio ambiente e isso faz parte da cultura terena, de sua territorialidade ampliada.

O conceito de cultura, até meados do século XX, estava fixado sobre ideologias europeias e norte-americanas de que toda cultura era obtida a partir do conhecimento científico sistematizado, bem diferente da sua língua de origem, o grego, de onde cultura, que deriva do *colere*, significa o hábito de cultivar a terra. Hoje sabemos que cultura tem outro significado.

O objetivo aqui é falar sobre cultura que se manifesta como marcas territoriais terena presentes no ambiente e que ainda não foi contada nos livros, mas que estão presentes no cotidiano de um povo, de um grupo por meio de suas manifestações para com o mundo e para si mesmo, o modo como veem o mundo e a si mesmos. De acordo com Raffestin (2008, p. 17):

O ambiente constitui a matéria-prima sobre a qual o homem trabalha, socialmente, para produzir o território que resulta, eventualmente, mais tarde, por intermédio da observação, “em uma paisagem”. Esta não é uma construção material, mas a representação ideal da construção. Isso significa que o território não resultará, obrigatoriamente, em paisagem, sem a intermediação da imaginação condicionada por um mediador peculiar. Existe uma observação utilitária que nem sempre se torna contemplativa.

Ainda nos dias atuais é bem comum enxergar os povos indígenas com os “olhos” românticos de José de Alencar. Tão comum como este fato é o de encontrar trabalhos que remetem à cerâmica; ao seu processo de assimilação da cultura do outro; à sua articulação política; aos trabalhos que falam sobre a Língua Terena; à educação indígena. Entretanto, não encontrei, ao longo de minha pesquisa, algo voltado a uma outra cultura que emerge dos pantanais do Mato Grosso Sul: a cultura de simples humanos Terena e a estrada.

Para tanto, é necessário recorrer aos tempos antigos para entender quem são os Terena, como se inserem na atual configuração sociocultural do Mato Grosso do Sul. Acredito que isto implica em mostrar um outro lado dos Terena que poucos conhecem. Os Terena são conhecidos como bons articuladores políticos e exímios agricultores, mas o peão é pouco mostrado e pesquisado. Ainda mais importante, é demonstrar como o desempenho dessa condição de peão se conecta com elementos de sua própria tradição cultural.

Os Terena são personagens ativos na história da conquista e progresso do estado, pois combateram junto com os não indígenas na Guerra do Paraguai, perderam suas terras para o

governo brasileiro, se reinventaram como peões trabalhando nas fazendas de gado sem se desprenderem de sua história e tradição.

Para tanto, foi necessária uma pesquisa de campo na aldeia Terena Ipegue, com os dois únicos peões que ainda se encontram vivos para contar suas histórias. Tais peões viajaram durante as décadas de 70 e 80 em comitivas, tocando gado pelas estradas pantaneiras. Contaram sobre suas experiências e o cotidiano da vida de um peão: costumes, hábitos, crenças, convicções e a importância da integração humanidade/natureza, respeito pelos animais e pelos companheiros de viagem e a importância de se respeitar a hierarquia e os mais “velhos” sábios.

Ainda nos dias de hoje, um bom número de trabalhadores da etnia Terena encontram-se empregados nas fazendas de criação de gado que ficam ao entorno da Terra Indígena Distrito de Taunay/Ipegue (MS). Devido ao progresso, as antigas viagens feitas por homens conduzindo o gado no estradão estão praticamente extintas; ainda assim é válido documentar o feito de bravos homens Terena que cruzavam este Pantanal e o impregnava de toda uma cultura exuberante e cheia de histórias, lendas e mistérios.

### 3.1 CULTURA, CULTURAS, IDENTIDADE E TERRITORIALIDADE

O termo cultura<sup>25</sup> deriva do latim *colere* e originalmente foi empregado ao ato de cultivar a terra. Todavia, assim como a humanidade modifica a natureza<sup>26</sup> biológica, a cultura também modifica a si própria, então, é possível falar de associação do termo cultura ao ato do humano modificar sua própria natureza humana. De acordo com Urquiza (2013, p. 168):

Desde os tempos primitivos, pela necessidade de sobreviver, o ser humano modificou e recriou a natureza, descobrindo e utilizando, de variadas maneiras, os materiais que nela se encontravam. Assim, desde muito cedo, essa ação sobre a natureza, foi produzindo cultura, e esse mesmo processo também foi inscrevendo no ser humano, novos elementos, na medida em que, ao transformar a natureza o ser humano transforma a si mesmo. Em outras palavras, o ser humano faz a cultura e, de certa forma, também é feito por ela.

---

<sup>25</sup> Pode-se afirmar que o conceito tradicional de cultura, como sendo o “efeito de cultivar os conhecimentos humanos e de afirmar-se por meio de exercício das faculdades intelectuais do ser humano”, ainda permanece no senso comum. Desse conceito tradicional vem a contraposição de uma pessoa culta diante do *inculto* ou ignorante. Nesse sentido, o termo cultura será reconhecido por títulos, diplomas e em lugar destacado na escala social (URQUIZA, 2013, p. 169).

<sup>26</sup> “1 Conjunto das coisas criadas. 2 Essência dos seres. 3 Conjunto das forças que obram no Universo. 4 Propriedades e caráter de cada coisa. 5 Qualidades, essência, ou modo de ser das coisas e das pessoas. 6 Condição do homem anteriormente à civilização. 7 Espécie, gênero. 8 Qualidade, classe. 9 Temperamento. 10 Funções fisiológicas. 11 Intestinos. 12 Partes pudendas. 13 natureza viva: os seres pertencentes ao reino vegetal e animal (DICIONÁRIO AURÉLIO, 2016a).

Esta afirmação vem contradizer o conceito absoluto de cultura que predominou até meados do século XX, no qual a ideologia norte-americana e europeia acreditava que a cultura era obtida por meio da aquisição da escrita e da literatura, aquela que retratava o homem culto ou aquela que só poderia ser escrita por homens cultos (SANTOS, 2009).

A partir de 1950, mediante estudos antropológicos, a palavra cultura tomaria um sentido mais amplo, abrangendo os diversos povos, seu modo de viver e realizar suas atividades corriqueiras (SANTOS, 2009). Assim, cultura passou a ser entendida como “a maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa. [...] Um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmos” (DAMATTA, 1986 apud AGUILERA, 2013, p. 171).

Dessa forma, cultura seria então criada pelos sujeitos que pertencem a determinado coletivo humano, em suas relações de interdependências, sempre a partir do seu contexto de vivência e de experiências adquiridas a partir do contato com outros povos, uma vez que, ao estabelecer relações interétnicas, estão adquirindo, somando, ou assimilando hábitos novos ao seu dia a dia.

Mas, aonde tudo isso acontece? Essas trocas que promovem a cultura acontecem em um espaço-tempo que a partir do momento que ele é domesticado, ele se torna um território caracterizado por marcas territoriais. Para Saquet e Sposito (2008, p. 74), espaço, tempo e território estão relacionados:

O espaço está no tempo e o tempo está no espaço. Tal relação é considerada, nos estudos geográficos, de diferentes maneiras: ora destacam-se os processos históricos, ora os relacionais, no entanto, trata-se, sempre, de traços do tempo histórico e do coexistente através das relações sociais. Isso significa que, às vezes, evidenciam-se, por exemplo, as fases ou períodos e, noutras situações, as relações sociais, sejam elas culturais, econômicas ou políticas espacializadas, regionalizadas ou territorializadas.

Tais manifestações estão bastantes presentes e caracterizadas no dia a dia Terena, por meio da pesca, da coleta, da caça, no cultivo da agrofloresta e, claro, na forma como o Terena se desloca pelo espaço, o territorializando, deixando ali suas marcas territoriais/culturais, como se constatará logo mais, nas falas do seu “Pancho” e do seu “Nilo”. Nas perspectivas de Saquet e Sposito (2008), não é possível dissociar cultura, espaço-tempo e território.

Quaini (1974 e 1974a), um dos principais expoentes internacionais da renovação da geografia nos anos 1960-80, entende o território como produto social constituído histórica, econômica, política e culturalmente. O território resulta das relações espaço-temporais. Em sua argumentação, os conceitos de tempo histórico, sincronia, espaço e território são centrais (SAQUET; SPOSITO, 2008, p. 75).

Estes marcadores espaço-temporais são marcas que um povo vai deixando, ao longo de sua existência e vivência em um determinado ambiente, à medida que vai ocupando este espaço - tais como trilhas no mato, lugares de pesca, armadilhas para caçar animais, ceva de peixes no rio, roçado para se plantar, etc. Saquet e Sposito (2008, p. 82) definem assim essa relação espaço-temporais/território:

O território é produto de ações históricas que se concretizam em momentos distintos e sobrepostos, gerando diferentes paisagens. O espaço corresponde ao ambiente natural e ao ambiente organizado socialmente, com destaque para as formas/edificações e para as formas da natureza. Há unidade entre natureza e sociedade.

Os Terena ocupam um espaço e o territorializam não por meio de mudanças agrárias, mas a partir da observação do meio, da fauna, da flora, da geografia do espaço, hidrografia e cosmologia. O território se torna um local de produção da cultura Terena, manifestada nas suas várias formas de acesso aos elementos presente no espaço (plantas, animais, etc.), sempre mediado por conhecimentos e necessidade de negociações com uma série de seres não-humanos, mas também dotados de capacidade de comunicação (e porque não dizer de cultura), como no caso dos *natiachas*, os seres guardiões das diversas espécies de animais e plantas que habitam a terra. O pai do mato, ao qual me referi anteriormente quanto tratei da matança dos catetos, é um desses guardiões. Desta forma:

Os territórios constituem o mundo material percebido e se tornam a “matéria-prima” oferecida à imaginação, para ser “trabalhada” e produzir imagens ou representações que podem ser manifestadas através de diversos tipos de linguagem: a língua natural para uma representação literária, a linguagem gráfica para o desenho e pintura, a linguagem plástica para a escultura, a linguagem sonora para uma representação musical, as diversas linguagens, simbólicas, lógico-formais e/ou matemáticas. (RAFFESTIN, 2008, p. 33).

É neste contexto que se insere o estudo sobre a cultura produzida a partir das marcas territoriais, os saberes do homem pantaneiro, vaqueiro<sup>27</sup> ou peão, proveniente dos Terena aqui residente antes da colonização do Estado de Mato Grosso do Sul.

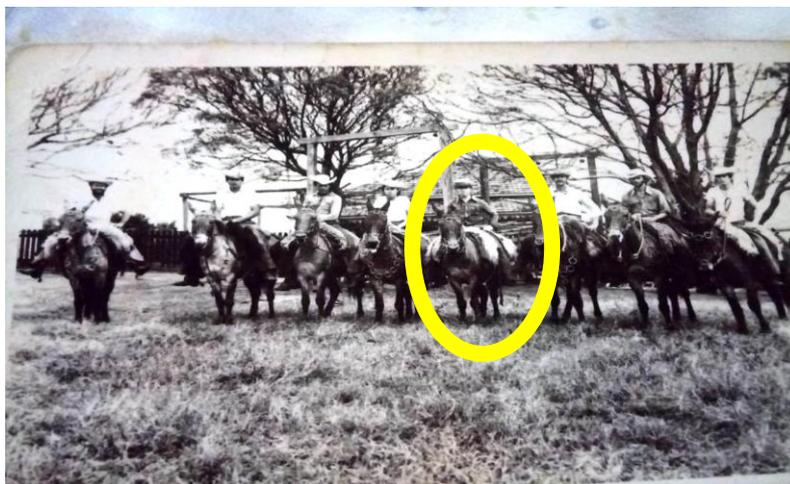
---

<sup>27</sup> “1 Pastor ou guardador de vacas. 2 Traje de pastor. 3 Antigo fardamento de tambores regimentais. 4 Relativo a gado vacum” (DICIONÁRIO AURÉLIO, 2016b).

### 3.2 O PEÃO DE BOIADEIRO DE MATO GROSSO DO SUL

Este tópico discorre sobre a cultura Terena, sua familiaridade com os animais domésticos tais como o cavalo, o boi e o ambiente do Pantanal, que alterna períodos de seca com períodos de enchentes, motivo pelo qual os pecuaristas geralmente contratavam peões Terena para a comitiva nas longas viagens de gado. A foto abaixo retrata peões da fazenda Jequitibá, na década de 70 no município de Naviraí (MS), antes de saírem de manhã para o trabalho com o gado. Dentre eles, está Paulo César Domingo, o “Pancho”, peão Terena oriundo da aldeia Ipegue no município de Aquidauana (MS) e meu pai.

Figura 12 - Dentre os peões, está “Pancho”, peão Terena.



Fonte: arquivo pessoal.

Segundo relatos de Sanches Lavrador e Francisco Aguirre, que datam de 1767 e 1793, respectivamente, os Terena já habitavam a região do Pantanal da bacia do rio Paraguai, conhecido como Chaco, quando os europeus aqui chegaram. Em um primeiro momento, os Terena viviam no Pantanal do lado Paraguai e, mais tarde, se deslocaram para a região que ocupam hoje, em função dos conflitos com espanhóis e outros povos indígenas (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000).

Embora os indígenas tenham resistido bravamente à invasão de espanhóis e posteriormente portugueses e bandeirantes, o resultado desse contato foi o quase extermínio total dos primeiros habitantes (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000).

Os europeus que chegaram ao Chaco navegando o rio Paraguai, com destino a Buenos Aires, foram atraídos pelas lendas das riquezas de prata e ouro na região dos Andes. Schimdel,

um europeu que aqui passava, deixou registrado o seguinte comentário: “Neste caminho achamos roças cultivadas com milho, raízes e outros frutos [...]. Quando eles colhem um roçado, outro já está amadurecendo e quando este está maduro, já se plantou num terceiro, para que em todo se tivesse alimento novo nas roças e nas casas” (BITTENCOURT; LADEIRA 2000, p. 38).

A descrição refere-se ao roçado<sup>28</sup> cultivado pelos Guaná no século XVIII, quando cultivavam várias espécies de milho nativo, batata doce, abóbora e mandioca que plantavam para sua própria subsistência; o excedente trocavam com os Guaicuru e posteriormente passaram a negociar com os novos habitantes da região (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000).

Os Terena que habitam hoje várias regiões do MS e interior do estado de São Paulo são remanescentes dos Guaná, da família Aruák<sup>29</sup>. Os Guaná sempre foram conhecidos por serem hábeis negociadores e possuir o poder da fala e da articulação política, em função da sua aliança com os Guaicuru e por “assimilarem” facilmente outras culturas, outros costumes (OLIVEIRA, 1977).

A região oeste do Brasil começou a ser ocupada por não indígenas a partir da primeira metade do século XVIII, impulsionada pelo movimento dos bandeirantes<sup>30</sup>. Norte e sul do antigo Mato Grosso desde a sua colonização receberam influências distintas, o que acarretou conflito de interesses entre as duas regiões (CORREA, 2013).

Enquanto o norte era ocupado por lavradores sem-terra e pequenos sítiantes que vendiam suas propriedades para aventurar-se numa região bravia e desconhecida à procura de minério, o sul, por sua vez, foi ocupado por homens que procuravam terras férteis, baratas e atraídos pela grande quantidade de gado marruá<sup>31</sup> existente na região. As atividades econômicas entre sul e norte sempre foram distintas e nunca se integraram (CORREA, 2013).

---

<sup>28</sup> “adj. e s.m. Terreno que se roçou para ser cultivado. Clareira no mato. Bras. (NE) Roça de mandioca. Bras. (CE) Terreno plantado de culturas próprias do inverno” (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, 2016a).

<sup>29</sup> O nome Aruák vem de povos que habitavam principalmente as Guianas, região próxima ao norte do Brasil e algumas ilhas da América Central, na região das Antilhas (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000).

<sup>30</sup> “Os bandeirantes eram homens, principalmente paulistas, que entre os séculos XVI e XVII atuaram na captura de escravos fugitivos, aprisionamento de indígenas e outras tarefas relacionadas. Atuaram também na procura de pedras e metais preciosos pelo interior do Brasil. Os bandeirantes foram responsáveis pelo desbravamento do território brasileiro. Expandiram o território brasileiro para além das fronteiras determinadas pelo Tratado de Tordesilhas. Tinham geralmente como ponto de partida as cidades de São Vicente (litoral paulista) e São Paulo. Caminhavam seguindo o curso dos rios como, por exemplo, o rio Tietê. As expedições de bandeirantes organizadas por particulares eram conhecidas como Bandeiras. As organizadas pelo governo eram conhecidas como Entradas” (HISTÓRIA DO BRASIL.NET, 2016).

<sup>31</sup> “s.m. Bras. Boi bravo; touro. Novilho não domesticado” (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, 2016b).

### 3.3 A PECUÁRIA NO MS E NO PANTANAL

A pecuária foi introduzida no estado do MS antes mesmo da sua separação política e administrativa do Mato Grosso (MT) por diferentes grupos humanos em diversos momentos. Fontes históricas afirmam que os Guaicuru, a partir dos primeiros contatos com os espanhóis, foram os primeiros criadores de gado na região, atual Mato Grosso do Sul (GRESSLER, 2008).

Os imensos campos limpos, entre as atuais cidades de Campo Grande e Ponta Porã, atraíram os gaúchos criadores de gado para o sudoeste do estado, expandindo a pecuária de corte<sup>32</sup>.

A expansão da pecuária no Pantanal ocorreu a partir de sua introdução nas áreas de povoamento mais antigo, com localização em Cuiabá. Os pecuaristas então desceram o curso do Rio Paraguai, ocupando novos territórios e se expandindo por todo o Pantanal sul-mato-grossense, já ocupado por vários povos, dentre eles, os Terena que já manejavam o gado. Segundo Hrušková (1984, p.16 apud PROENÇA, 1997, p. 63), “O vaqueiro se originou do índio: do guató, do guaná, do xamacoco e guaicuru, os primitivos donos da terra” que, por sua vez, originou o homem pantaneiro de Mato Grosso do Sul.

As fazendas começaram a se multiplicar na região do Mato Grosso do Sul, os Terena viram-se cada vez mais cercados pelas fazendas de gado. Os rebanhos das fazendas estavam sempre destruindo as plantações do Terena. A vida nas aldeias ficou muito difícil e boa parte dos Terena foi obrigada a se empregar como trabalhadores nas fazendas (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000, p. 77).

Como já sabiam lidar com o gado, os fazendeiros os empregavam nas fazendas para trabalhar como homens errantes, viajando pelas estradas boiadeiras de Mato Grosso do Sul em comitivas, transportando gado do Pantanal para leste do estado ou mesmo para a região do interior do Estado de São Paulo.

---

<sup>32</sup> “Pecuária de corte: destinada à criação de rebanhos com objetivo de produção de carne para o consumo humano. Na intensiva, o gado é criado preso ou em pequenos espaços, alimentado com ração específica. Neste tipo de criação, a carne produzida é macia e de boa qualidade para o consumo. Pode ser também pecuária extensiva (o gado é criado solto e alimenta-se de capim ou grama). A carne produzida é dura, pois o gado desenvolve uma musculatura rígida” (SUAPESQUISA.COM, 2016).

Figura 13 - Peões da fazenda Jequitibá, dentre eles “Pancho” década de 80.



Fonte: arquivo pessoal.

Acredita-se que o primeiro contato em relação ao uso e manejo de bois e cavalos por parte dos Terena datem da chegada dos espanhóis ao Chaco Paraguai (URQUIZA, 2013). De acordo com Vargas (2008, p. 54):

O cavalo e o boi foram introduzidos no Pantanal pelos aventureiros espanhóis no século XVI, quando de suas incursões pela região. Sabe-se que o gado bovino, de origem europeia, com o passar do tempo, foi adaptando-se ao ambiente pantaneiro, tendo sofrido uma degeneração, transformando-se no chamado tucura ou boi pantaneiro. Mais tarde houve inúmeras incursões de rebanhos bovinos, sobretudo o Zebuino (de origem indiana), que hoje vem se constituir na raça nelore, prevalecente no rebanho pantaneiro da atualidade.

Os Terena aprimoraram o contato com bois e cavalos por meio das relações de troca com os Guaicuru. Os Guaicuru aprenderam a utilizar cavalos trazidos da Europa para fazer guerra e protegiam as aldeias aliadas dos ataques dos inimigos Guarani e dos espanhóis. Os Guaicuru forneciam para os Guaná<sup>33</sup> facas e machados que eram utilizados na agricultura, além do cavalo para puxar o arado. Os Guaná forneciam aos Guaicuru os produtos que cultivavam

---

<sup>33</sup> Os Terena viviam antigamente no Êxiva, lugar conhecido pelos ocidentais como Chaco. As tribos que falavam a língua Aruák eram chamadas, na época em que os europeus chegaram ao Êxiva, de Guaná. (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000, p. 35).

nas roças, roupas de algodão e cobertores. Para consolidar estas alianças, os Guaná e os Guaicuru realizavam casamentos entre si (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000, p. 37).

#### 3.4 MARCAS TERRITORIAIS PRESENTES NA CULTURA DO ESTRADÃO

Para Saquet e Sposito (2008), o território é constituído a partir da produção social e determinada condição em espaço. A territorialidade, por sua vez, também é o produto do processo de territorialização. Quando o peão Terena saía para uma viagem levando boi, seu Pancho dizia expressões como “subir a Serra” ou “sair no estradão”. Também ocorria o processo de territorialização do espaço e, a partir deste momento, os lugares por onde passavam, os Terena se tornavam de certa forma, seu território.

O território é produto social e condição. A territorialidade também significa condição e resultado da territorialização. O território é o conteúdo das formas e relações materiais e imateriais, do movimento, e significa apropriação e dominação, também material e imaterial, em manchas e redes (SAQUET; SPOSITO, 2008, p. 90).

Na sua última viagem subindo a serra, da Aldeia Ipegue, município de Aquidauna até o município de Naviraí (MS), seu “Pancho” foi me mostrando e explicando cada ponto da estrada, onde passa até hoje a Boiadeira<sup>34</sup> os “posos<sup>35</sup>” ao longo da estrada. Ele conhecia milimetricamente cada pedacinho de chão, cada paisagem, cada lugar. Isso é uma evidência de territorialização por parte do peão Terena dos caminhos, estradas os quais percorreram ao longo de anos, décadas.

A territorialidade corresponde ao poder exercido e extrapola as relações políticas envolvendo as relações econômicas e culturais, indivíduos e grupos, redes e lugares de controle, mesmo que seja temporário, do e no espaço geográfico com suas edificações e relações. A territorialidade efetiva-se em todas as nossas relações cotidianas, ou melhor, ela corresponde às nossas relações sociais cotidianas em tramas, no trabalho, na família, na rua, na praça, na igreja, no trem, na rodoviária, enfim, na cidade-urbano, no rural agrário e nas relações urbano-rurais de maneira múltipla e híbrida (SAQUET; SPOSITO, 2008, p.90).

A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma análise crítica de caráter exploratório, descritivo e qualitativo. Segundo Ludke e André (1986), a pesquisa qualitativa prevê um contato direto do pesquisador com o meio e a situação investigada. O material coletado é rico

---

<sup>34</sup> Estrada de chão por onde o gado era conduzido.

<sup>35</sup> Nome dado pelos peões ao lugar em que se recolhe o gado ao longo da viagem à beira da estrada, para pernoitar.

em descrições, pois foi coletado por meio de entrevistas e depoimentos, na tentativa de conhecer a percepção dos participantes. Trata-se, portanto, de um estudo de caso porque visa a descoberta e a interpretação em contexto, buscando retratar a realidade completa e profunda (LUDKE; ANDRÉ, 1986). Por essa razão, a fundamentação teórica baseou-se em autores estudiosos da cultura e história indígena e pantaneira dentre eles Hrušková (1984), Martins (2002), Oliveira (1976), Urquiza (2013), Vargas (2009), entre outros.

O principal sujeito da pesquisa foi meu próprio pai, indígena remanescente dos peões de boiadeiro da década de 70, e o objeto de estudo a cultura do peão de boiadeiro Terena. A pesquisa tem sido desenvolvida por anos, a partir das minhas observações empíricas sobre o comportamento do meu pai e, também, de alguns peões remanescentes da época do meu pai. Meu pai nasceu na aldeia Ipegue, em três de setembro de 1956, e assim como seus pais, se empregou nas fazendas da região por necessidade financeira, onde aprendeu a rotina do trabalho do peão. Ele contava que fizera várias viagens em comitivas para transportar gado e estas viagens eram orientadas a partir dos marcadores espaço-temporais.

Dentre os costumes do pantaneiro estão o quebra-torto<sup>36</sup> ou véio<sup>37</sup>, após o chimarrão. Esta alimentação se faz necessária, pois, no Pantanal, as distâncias a serem percorridas no manejo com o gado, são longas além de o trabalho ser pesado gastando muita energia, o peão geralmente chega muito tarde para o almoço, quando não, no final da tarde. Sobre isso seu Pancho conta que:

Nas fazendas pantaneiras, a gente toma mate de madrugada, depois quebra o torto e sai para pegar a tropa. Quando amanhece o peão já está lá no fundo da fazenda, para reunir a vacada para trazer para sede onde há mangueiros e troncos para desmamar os bezerros e apartar em macho e fêmea. A gente chegava lá pelas 2 horas da tarde com a vacada no mangueiro onde o trabalho era feito. Depois de apartar a desmama, fêmeas e machos são levados para internadas diferentes. As fêmeas formadas por novilhas voltam para as internadas de recria, onde permanecem até os 2 anos, 2 anos e meio, depois deste período, são colocadas nas internadas de cria, pois já estão prontas para enxertar e reiniciar o ciclo. Os machos vão para as internadas de recria onde permanecem até dois anos, onde atingem a fase de garrote. Durante estas fases de cria e recria o gado é vacinado, as desmamas são marcadas e apartadas, os que já têm mais de 24 meses são vendidos para a engorda. O trabalho com o gado é constante, pois tem que verificar se estão comendo sal direito, bebendo água boa, se não estão bichados, etc. o trabalho nos cuidados com o animal é constante (informação verbal, PAULO CÉZAR “PANCHO”, peão Terena, 2016).<sup>38</sup>

---

<sup>36</sup> Consiste no desjejum logo nas primeiras horas da manhã, ao qual é servido o Arroz Carreteiro nas fazendas.

<sup>37</sup> Esta alimentação logo nas primeiras horas do dia é usada no estradão ou nas viagens de comitiva e consiste em ingerir as sobras da janta requeentadas.

<sup>38</sup> Dados obtidos de maneira informal a partir do conhecimento empírico do seu Paulo César Domingo, conhecido como “Pancho”, em 2016.

O trabalho com o gado é caracterizado de acordo com o tipo de criação existente numa determinada fazenda. No Pantanal, geralmente, as fazendas consistiam na cria<sup>39</sup>, recria<sup>40</sup>, e engorda<sup>41</sup> que costumeiramente era feita no interior de São Paulo e hoje também, na parte sul e sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul.

Segundo seu “Pancho”, havia muito gado tucura - boi cruzado, animal resultante da cruzada do nelore com uma raça leiteira - na região. Segundo ele, Minas Gerais era o estado onde predominava a criação de gado leiteiro e, por isso, os compradores vinham para o pantanal comprar o boi nelore, que é animal exclusivo para o abate, animal de corte.

No Pantanal não tinha muito na época boi cruzado, o Tucura, então tinha, mas aí tinha aqueles bois Nelore que exigiam mais um cuidado assim, porque por exemplo, tinha boi retardado que eles falavam, boi que tinha aí, 5, 6 anos de idade, até 8 anos, boi de 10 anos que era boi veiaço, lá no gado lá na fazenda acontecia de pegar e jogar na boiada, quando acontecia deles pegar, então esse tinha um cuidado especial, pra gente não perder ele, não estraviar ele, porque se ele já era bagueá lá na fazenda e se na estrada a gente perdia, então ficava bem mais difícil, então esses são os tipo de boi que exigia mais cuidado da parte gente, então todo mundo já “oh, esse boi ele é problemático, ele é veiaço, ele é arisco”, então ele exigia um cuidado de todos os companheiro, sempre a gente chegava a tarde e já via se ele tava na boiada pra entrar no mangueiro junto (informação verbal, PAULO CÉZAR DOMINGO “PANCHO”, 2016).

O boi nelore é mais valorizado devido à sua massa muscular, que é maior do que a do boi tucura. Os frigoríficos chegam a pagar até 54% do peso total. O boi tucura é uma mistura de raças onde predomina a leiteira, portanto, é menos valorizado, e os frigoríficos pagam por ele o preço de vaca nelore, ou seja, até 50% do peso total, dependendo da quantidade de arrobas. Em contrapartida, este boi, o tucura, é de custo mais barato para ser criado, é também mais rústico. As diferenças entre esses animais não se limitam ao preço de mercado, mas incluem também os hábitos, pois o tucura é um boi mais manso, enquanto o nelore é muito mais bravo, arredio e ligeiro (informação verbal, DOMINGO “PANCHO”, 2016).

---

<sup>39</sup> A cria consiste no termo designado para nomear os bezerros das vacas com até 12 meses, também chamados de desmama.

<sup>40</sup> Termo designado para nomear os bezerros acima de 12 meses até 24 meses.

<sup>41</sup> Fase em que o boi já tem mais de 24 meses e está pronto para ser engordado para o abate.

Figura 14 - Foto tirada na Fazenda Jequitibá, década de 70.



Fonte: arquivo pessoal.

A foto da década de 70 retrata o início da rotina de trabalho na fazenda Jequitibá. Dos sete peões na foto, três são Terena e meu pai é o quarto da esquerda para a direita. Além de conhecer muito bem o gado e a região, os peões possuem hábitos diferentes, conforme sua função na fazenda. Há peões que trabalham fixos em fazendas e outros que viajavam no estradão. Segundo seu Pancho, que foi peão tanto de estradão, quanto de fazenda, há muitas diferenças. Os peões que trabalham apenas na fazenda não usam o veio, somente o torto; já os peões do estradão comem o véio, que são as sobras da janta, uma vez que saem muito cedo dos pousos para seguirem viagem, não dando tempo de cozinhar de madrugada para prosseguir.

O peão de estradão é aquele que viaja em comitivas conduzindo boi de um lugar para o outro; geralmente, levavam boi do pantanal, que é uma região mais apropriada para criar e recriar, para a região sul e sudeste do estado, mais propícia a etapa de engorda do boi, devido às melhores condições de pastagens, livres das enchentes. De acordo com seu “Pancho” (2016), a comitiva é formada por no mínimo oito peões, mais o condutor, que é o patrão (o fazendeiro) e ainda o cozinheiro com todo seu apetrecho de cozinha e acampamento, como mostra o desenho abaixo.

A tropa da comitiva é formada somente por burros, pois por se tratar de animais mais rústicos que cavalos, resistem melhor às condições adversas da viagem. O cavalo não aguenta muito tempo na estrada: além de se cansar com muita facilidade, seu pelo não resiste ao suor do próprio corpo e à tralha de montaria, ficando muito machucado.

Uma função de grande importância em uma comitiva é a do cozinheiro e, segundo os entrevistados, este viaja meio-dia à frente da comitiva para preparar o almoço e posteriormente, na parte da tarde, a janta e o pouso. O cozinheiro tem suas regras, que obedece aos costumes rigorosos seguindo uma tradição - informações confirmadas por Gressler (2008). Pancho conta que a comitiva verdadeira tem cozinha, que também pode ser chamada de trempe.

O patrão<sup>42</sup> ia fazia a compra, a gente carneava a vaca né e a gente manteava, a mercadoria era arroz, naquele tempo era banha né, não existia óleo, era lata de banha, dependendo da viagem era até uns 60kg de arroz, até chegar num lugar pra comprar outro né, a gente tinha café da manhã também, a comitiva usa café da manhã e à tarde também, antes da janta os peão tem que tomar café, e a gente chegava por exemplo meio cedo, a gente ia lá comprava um frango, rapadura, um queijo pra turma, aí no outro dia o patrão ia lá, pagava pra nosso poso, e já pagava também o que a gente tinha pegado pra turma, assim que era. Antigamente a cozinha era muito organizada, era quatro cargueiros, hoje a gente vê aí boiadeiro com carrocinha, ficou mais fácil né, mas na época era difícil (informação verbal, DOMINGOS “PANCHO”, 2016).

Os mantimentos comprados pelo patrão e a traia da cozinha eram carregados nos burros que eram escolhidos da seguinte forma:

Os burros mais mansos pra carregar a traia da cozinha, porque ia as latas, a traia faz barulho né, os burros mais enjoados carregavam a carne porque não faz barulho, a gente carregava arroz, açúcar, banha, então geralmente nos burros mansos a gente coloca a traia da cozinha, leva a trempe, as panelas, a banha pra não derramar né, os burros também já sabiam os pontos né, chegava lá pelas dez horas da manhã onze horas, não adiantava a gente querer ir mais pra frente, que os burro empacavam, eles não iam mesmo, geralmente os burros conheciam os pontos. Ah! Eles não passavam não, de jeito nenhum, chegou! Conheciam o caminho mais do que a gente; às vezes a gente viajava por um lugar que a gente nunca passou, aí os burros levavam a gente! É, os burros que a gente colocava era os burros que os peão não dava conta mais, burro pulador, fazia de tudo para derrubar o peão, mordida, é, mordida! Passava debaixo da árvore para derrubar o peão mesmo, o dia inteiro, saía e já montava no burro maniado já, na época era assim, antes de apear já amarrava o burro para não escapar, era bem difícil mesmo, agora hoje em dia não tem mais esse tipo, era muito difícil e nem peão também quase não existe mais, que sabe conduzir boi, só tem aquele peão que sabe arrear malemá, é, não sabe, não conhece a luta que a gente fez né. (informação verbal, DOMINGOS “PANCHO”, 2016).

Ainda segundo ele, os animais também eram selecionados para uma função específica, pois, de acordo com a característica instintiva de cada animal, eles sabiam se poderiam

---

<sup>42</sup> O patrão era o condutor, ele viajava com a comitiva (informação verbal, DOMINGOS “PANCHO”, 2016).

desenvolver essa ou aquela função dentro na comitiva. O animal que carrega a tralha da cozinha geralmente não aceita ser montado, por se tratar de animais mais ariscos e segundo ele, pouco confiáveis.

O trabalho com o gado e montar os animais não era simples, quanto mais na estrada. Este trabalho exige muita prática e precisão dos peões, por isso mesmo toda a viagem obedecia a uma logística. O gado era transportado somente pelas comitivas, que eram compostas por peões que ficavam estrategicamente posicionados obedecendo a uma configuração geográfica. Os componentes de uma comitiva, de acordo com Gressler (2008), seriam:

Na estrutura da comitiva, cada homem ocupa uma posição estratégica: o ponteiro, montado na égua ou mula chamada madrinheira, é o peão que toca o berrante e conduz o rebanho; os fiadores respondem pela primeira metade do cortejo, nos dois lados; já o meeiro atua no coração da boiada. O último homem, responsável pela retaguarda, é o culatreiro, considerado, pela hierarquia dos boiadeiros, o posto mais baixo. Também faz parte importante da comitiva o cozinheiro, que geralmente vai meio-dia na frente, preparando a comida e o pouso (GRESSLER, 2008, p. 112).

Segundo os entrevistados, a estrutura da comitiva mostrada por Gressler (2008) está certa e, ainda, enfatiza a organização hierárquica de cada pião e sua posição estratégica, garantindo o fluxo da boiada. Realmente, o culatreiro é a primeira função de um peão aprendiz, uma função de menor prestígio. O peão berolo<sup>43</sup> ficava com o condutor que o orientava e ensinava o trabalho.

Todavia, os entrevistados discordam da autora Gressler (2008) sobre o ponteiro ir montado na madrinheira. Como vimos, o ponteiro é o peão mais prático, por isso está posicionado hierarquicamente na frente da boiada, mas jamais montado na madrinheira. Segundo seu Paulo César “Pancho”, se um peão ouvisse dizer isto, lhe soaria aos ouvidos como uma ofensa, pois montar na madrinheira<sup>44</sup> seria como um bobo da corte, pois ela usa um chocalho, que é para chamar a atenção da tropa e evitar sua dispersão.

Madrinheira ou polaqueiro é o animal usado como guia, tanto dos peões, pois com o chocalho no pescoço, o peão identifica de longe, pelo barulho, aonde a tropa se encontra de madrugada, quando ainda é escuro, ao sair para prender a tropa para prosseguir a viagem. Outra função também é que os outros ficam encantados com o barulho e sempre seguem o polaqueiro (informação verbal, PAULO CÉZAR “PANCHO”, 2016).

---

<sup>43</sup> Peão inexperiente, que ocupava geralmente a posição de culatreiro.

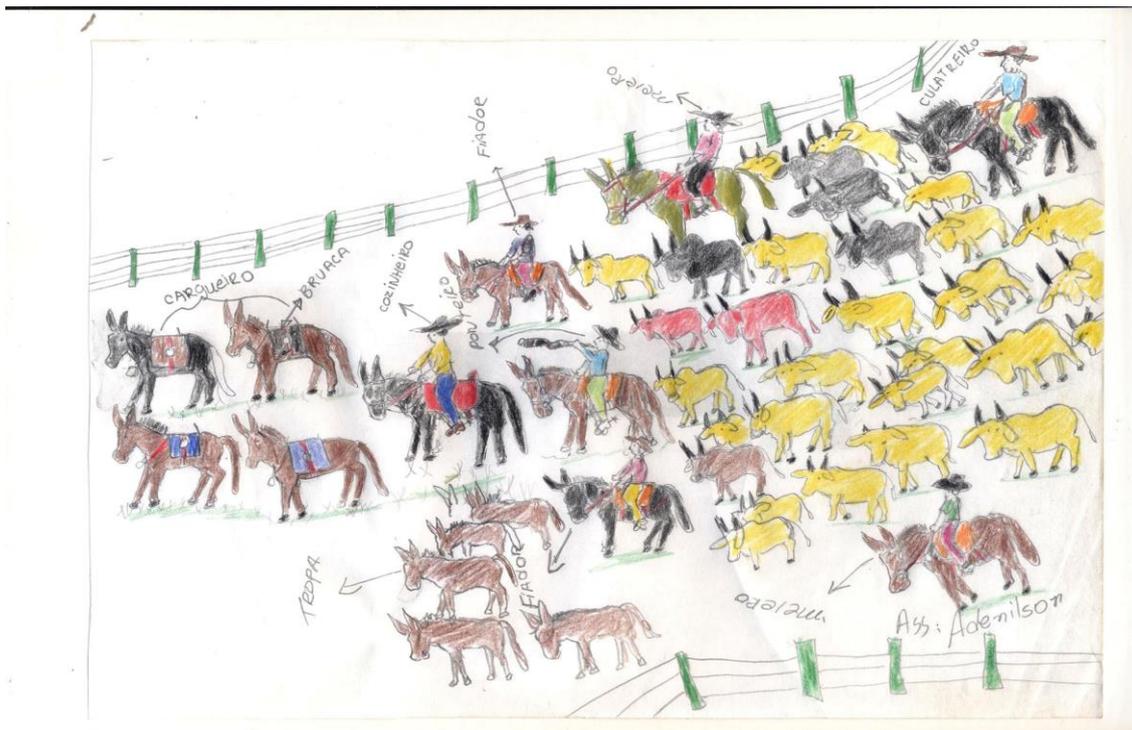
<sup>44</sup> A madrinheira também pode ser chamada de polaqueiro.

Seu Pancho ainda revelou que uma comitiva é formada apenas por “muare” e não por “equinos”; nesse caso, pode-se concluir que a madrinheira é sempre um burro e não uma égua ou cavalo. Quando questionado sobre o porquê ser apenas ‘muare’, ele explicou que se são animais mais fortes e resistentes em viagens de longas distâncias:

Olha, geralmente os burros que a gente colocava na carga era os burros mais enjoados, que não queriam amansar no arreo, eram os burros que davam muito trabalho pro peão, aí a gente colocava eles na carga. Então não havia por exemplo se ele, é, se ele era da carga, ele era só da carga, não era de arreo não, era difícil algum que era de arreo e carga ao mesmo tempo, ele tinha o serviço dele. É igual eu tava falando, os burros de carga geralmente era os burros pulador, dava muito trabalho pra peão, e muitas vezes dependendo da situação a gente é obrigado a ficar sozinho, então esses burros eram uns burros que não eram de confiança, então colocava eles na carga. Era assim, um serviço assim que exigia mais do animal, mas eles já eram assim, uns burros malvados que também, eles iam pra carga e não se trocava eles, eram eles mesmos que faziam esse serviço (informação verbal, PAULO CÉZAR “PANCHO”, 2016).

Os animais de carga, ou cargueiros, como são chamados ainda hoje pelos peões, eram aqueles animais que não dava monta por serem muito bravos. Por esse motivo, o trabalho com o gado na estrada exigia toda uma preparação e conhecimento por parte dos peões, pois eles percebiam só de observar no arreamento do animal, quando era pulador, mordedor, coiceiro, quando “negava” montaria, ou empacava. Como eles mesmos dizem, o peão tinha que ser malicioso para saber a malícia do animal e da boiada.

## Desenho 1 - Estrutura, organização espacial e função dos peões nas comitivas.



Fonte: Adenilson Ribeiro Lulu “Gabura” (2016).

Além de haver uma classificação quanto ao tipo de peão e animais, tanto da tropa quanto da boiada, ainda classificavam o tamanho da comitiva, como se vê na fala de seu Pancho:

Olha, geralmente, as comitivas de viagem era aquelas comitivas que iam nas fazendas e pegava boi aí, acima de mil boi. Essa era uma comitiva de boiadeiros! E acontecia, é um palvreado nosso, que esses caras, que viajava de garupa, fazia matula, fazia farofa, esses aí pra nós era uma comitiva né, nós chamava eles de Mangaveiro (risos). Eu não sei, é um palvreado de peão e peão tem tantas coisas que eles... então, você encontrou uma comitiva aí? Não! Eu encontrei uns Mangaveiro, a gente já sabia, porque no nosso entender não era uma comitiva, formada aí oito, dez peão, era aí, três, quatro, era então, você encontrou uma comitiva? Não! Encontrei uns Mangaveiro aí, então era, já sabia que era aí quarenta, cinquenta, trinta, até cem cabeças (informação verbal, PAULO CÉZAR DOMINGO “PANCHO” 2016).

Seu Paulo César Domingo “Pancho”, afirma que verdadeira comitiva conduzia mais de mil bois em quarenta e cinco dias e que havia toda uma organização desde os utensílios usados na cozinha de uma comitiva, a “tralha” do peão, características dos animais que conduzem a boiada, quantidade de gado a ser conduzida, e a prática e agilidade dos peões de boiadeiro, o que não ocorre segundo eles, com os mangaveiros:

Mangaveiro existia muito né. Agora nós, a organização já era diferente! Nós, eu assim, nunca viajei de Mangaveiro (risos)! Eu viajava mais assim com os patrão de quarenta, sessenta (dias). Eu, teve época que eu viajei cinco meses direto, sem parar! Desci pro

Pantanal, voltei né, até nós chegar na fazenda levei uns, mais de cinco meses, então eu era peão mesmo! Não era Mangaveiro (informação verbal, DOMINGOS “PANCHO”, 2016).

Durante as viagens de comitivas os peões encontravam paisagens exuberantes no pantanal, avistavam baías de água doce e salgada, animais como cervo do pantanal, onça pintada, onça parda. Tudo no Pantanal tem uma razão de ser para o Terena peão: quando o jacaré ou o bugio canta, é uma indicação de chuva. A presença de insetos na luz da fogueira significa que haverá muitos pernilongos, o vento norte que vai pro sul, volta trazendo chuva. As pessoas, nesse caso os peões, do campo vivem tão intensamente a natureza em seu cotidiano que a interpretam com destreza.

Os autores lidos a respeito do tema concordam quando o assunto é a intimidade do homem pantaneiro com a natureza: Vargas (2008, p. 53) cita Nogueira (1990) para ressaltar a qualidade do pantaneiro como sendo um “ambientalista nato”, em total conformidade com a fala do seu “Pancho” ao descrever como as rotas das grandes viagens eram traçadas. Paulo César Domingo assumiu o codinome de Pancho, pois todos o conheciam assim e muito até hoje não sabem o nome de registro dele; muitos pensam que se chamava mesmo Pancho. Sempre trabalhou com o seu padrasto que lhe deu o sobrenome, nas fazendas circunvizinhas. Ajudava seu pai a fazer cerca e se interessou pelo ofício de peão influenciado pelo seu tio Henrique. Aos treze anos saiu pela primeira vez de casa, em uma comitiva de gado rumo à fazenda Jequitibá. Saiu montado no pelo, como se diz quem não tem a traia de arreio e descalço, tinha apenas duas mudas de roupa. Com o dinheiro que recebeu dessa primeira viagem, comprou seu arreio completo, botina e o dobro que é a mala do peão, lonada e própria para colocar na garupa do burro ou cavalo.

Figura 15 - Dobro de peão.



Fonte: Google Imagens (2022).

Ainda, segundo “Pancho”:

Tem muito jeito da gente se comunicar com a natureza, através de nuvem, calor, insetos. Quando passava aí, dois, três meses sem chover, a gente via diferença na tropa, nos animais, eles começavam a esbramuçar, ficar alegre. O vento, tudo isso aí, envolvia muito, a gente prestava muita atenção né. O vento norte para nós por exemplo, a gente sabia, tava sem chuva aí a vinte, trinta dias, daí dava um vento norte, aí tocava aí dois, três dias do norte e aí quando voltava, já voltava com chuva o vento! A gente observava por exemplo a Saracura, olha, a Saracura cantando aí, gritando, vai ventar vento norte, mas depois do vento norte vem a chuva! É assim que a gente se orientava, via as nuvens, aqueles rabo de galo no céu, a gente sabia né. É circo na lua, circo assim mais perto, circo mais longe né. A posição da lua, se ela ta pensa, ou se ela ta direita né, então tem tudo isso aí, e a gente se orientava por isso. E os insetos né, o próprio pernilongo, os bichinhos de luz, a noite que eles avançava mais no nosso lampião a gente já sabia. OH! Esse tempo vai dar chuva, não vai demorar, tem muito bichinho de luz. Então era assim que a gente se orientava e já ia se preparando, aí dali uns três, quatro dias, chuva! (informação verbal, PAULO CÉZAR “PANCHO” 2016).

Na fala do senhor “Pancho” (era assim que ele gostava de ser chamado), fica evidente a produção de cultura por meio das marcas territoriais, que também chamo de marcadores do espaço e do tempo, uma forma Terena de territorializar o espaço, o ambiente. Como diz seu “Pancho”, eles se comunicavam com a natureza. Talvez por este motivo, a grande maioria dos peões de estradão fossem Terena. Pela destreza de lidar com o gado e por conhecerem profundamente o pantanal, eram os mais indicados, na visão dos fazendeiros, para desbravá-lo

em longas e ariscadas viagens. Assim como as longas viagens, abolidas em função do progresso, os velhos e sábios peões de estradão estão escassos.

Por outro lado, após a primeira retomada na minha região, que é a Terra Indígena Distrito de Taunay/Ipegue, município de Aquidauana/MS, em 2013, os Terena retomaram a prática de criar gado bovino e, hoje, já são muitos os que têm o gado bovino e cavalos. A minha filha Bruna Eduarda se formou em Técnico em Agropecuária e, aos poucos, estou inserindo ela na retomada, repassando os ensinamentos do meu pai.

Figura 16 - Bruna Eduarda, neta do Pancho e Técnica em Agropecuária.



Fonte: arquivo pessoal.

A foto retrata um momento de trabalho com o gado, da esquerda para a direita estão Jeú, jovem peão Terena; Milson Negão, peão Terena e antigo companheiro do meu pai Pancho, que também viajou muito em comitivas por todo o estado; Bruna Eduarda, Terena; e Miguelzinho, também peão Terena.

A foto logo abaixo retrata mais um momento de trabalho com o gado na retomada Poko'ó. Na ocasião, eu fui com os peões até a invernada Tarumã onde fica o meu gado para parar rodeio ou juntá-los no Maiadô, para depois conduzi-los até ao mangueiro para poder picotar os bezerros e ou bezerras ainda sem picote e sem marca. Parar rodeio significa juntar o gado próximo ao cocho de sal, onde geralmente o gado também escolhe para dormir: este local denominamos Maiadô. Para que a gente possa levar o gado para o mangueiro, não é de “qualquer jeito”: antes, é necessário fazer a vortiada, que significa dar uma volta em toda a

invernada e ir conduzindo todo o gado para um local comum, o Maiador e, dali, conduzi-los todos juntos e de uma só vez para o mangueiro. Parar rodeio serve para olhar como gado está, se nasceu algum bezerro, se tem algum bichado precisando de cuidados, etc. Não é recomendado levar o gado toda vez que for trabalhar com ele no mangueiro, porque isso estressa o animal, que pode se machucar e, também, o faz perder peso. Geralmente o picote é feito assim que o bezerro nasce, mas como eu atrasei para acompanhar o picote, foi necessário levar no mangueiro porque os bezerros já estão grandes.

Figura 17 - Trabalho com o gado na retomada Poko'o.



Fonte: arquivo pessoal.

O peão Terena entrevistado para a edição deste trabalho é remanescente da década de 70. Ele faz parte de uma geração de homens repletos de cultura pantaneira, que carregam em suas lembranças, fatos, acontecimentos e certezas de uma época não muito remota, sobre a qual se referem como “aqueles tempos”: colocam o verbo no presente do indicativo. Ao ouvi-lo contar suas histórias e recordar algumas passagens com tanto entusiasmo e emoção, foi impossível não me emocionar junto. É como se contasse um filme de suas lembranças sobre a antiga estrada Boiadeira repleta de uma branquidão interminável em longas marchas, do qual eram, os peões, personagens coadjuvantes.

### 3.5 MEMÓRIAS TERENA

A memória dos Terena não é estática: ela tem vida e é praticada nas festas ou em eventos importantes e pelos professores por meio de projetos nas escolas, como o Yunâkalu<sup>45</sup>, desenvolvido na Escola Municipal Indígena Pólo Marcolino Lili. Na gestão como diretora da professora Nilza, em 2013, o projeto desenvolvido na Escola Municipal Indígena Pólo Feliciano Pio, Maria Alexandra: o Koxunâkopoti Vitúkeovo<sup>46</sup>.

De acordo com Arilson, essa festa ocorria na Semana Santa. Ainda de acordo com levantamentos feitos por mim, essa festa foi transferida de outra época do ano para a Semana Santa, com a chegada dos padres Redentoristas. Arilson Candido é oriundo da aldeia Bananal, é liderança indígena e foi cacique da aldeia dentre um de janeiro de 2004 a 31 de dezembro de 2007. Também é uma liderança religiosa, cantor e compositor de hinos em Terena. Dos vinte e seis estados brasileiros já conheceu dezesseis, levando a cultura e a Língua Terena por meio de seus hinos:

Eu tinha seis ou sete anos de idade quando pela primeira vez eu observei a passagem da aldeia um homem com seus trajes e adereços no corpo todo na cabeça ele era conhecido como o Yunâkalu. Yunâkalu se trajava com máscara no rosto e algo cobria sua cabeça, pedaço de couro de animal ou kokar e seu pescoço, braços e pernas eram adornados com Caetano. O corpo todo com pinturas. Yunâkalu não era um Pajé, mas um colaborador escolhido pelos pajés para buscar ou procurar doações na comunidade para a refeição dos pajés e todos os participantes daquele dia que começa na Sexta-Feira Santa até ao meio dia de sábado, onde havia muita comida. Yunâkalu passava pelas ruas da aldeia ao amanhecer o dia com seu grupo de uns 6 ou 8 pessoas. Além de algo que cobria a cabeça, máscara, adornos e pinturas no corpo, Yunâkalu carregava um pedaço de pau, ou seja, galho de árvore de 1 metro que tinha forquilha na ponta. Com esse galho ou pedaço de pau com forquilha na ponta Yunâkalu apontava algo que ele desejava levar e os seus ajudantes eram responsáveis para pegar seja como abóbora, mandioca, batata, milho, feijão, arroz etc. e animais de criação como galinhas, porco, carneiro, pato etc. Nenhum morador da aldeia negava para o Yunâkalu aquilo que apontava com pedaço de pau com forquilha na ponta. Yunâkalu, ao perceber que já tinha o suficiente para a alimentação dos pajés e participantes levava para o lugar quase fora da aldeia, ou seja, na periferia da aldeia onde ficavam os pajés para demonstração de suas danças realizar pajelanças ou seja a invocação de seus guias. Yunâkalu ao chegar naquele local entregava para as pessoas responsáveis para a preparação do almoço. As vísceras dos animais serviam para um tipo de brincadeira dos pajés (*koixômoneti*), tipo jogar as vísceras na cara do outro. Essa brincadeira se chamava Yehepônoneokokoti. Isso era feito mais ou menos por volta de oito ou nove horas da manhã. Ao meio-dia era servido almoço para os Koixômoneti (pajés) e para todos (informação verbal, ARILSON CÂNDIDO, 2022).

---

<sup>45</sup> Evento realizado com a finalidade de arrecadar prendas, doações para realização da festa que homenageava os Koixômoneti (feiticeiros).

<sup>46</sup> Reafirmando nossa identidade.

De acordo com Bosi (1987, p. 17 apud LOIOLA; OLIVEIRA; RATTS, 2011, p. 9), a memória de um passado não é estática, pois está se manifesta por meio de ações; lembrar não se trata apenas de reviver, mas também resignificar o presente com as experiências passadas. A memória atua como uma matriz que atribui sentido aos eventos passados, mas também aos que fazem parte do tempo presente, servindo como referência para a ação, conectando as figurações sociais pretéritas com as atuais. Essa conexão assegura a continuidade da formação social, no caso Terena, como bem aponta Pereira (2009), inspirado nas contribuições de Nobert Elias.

A festa do Yunákalu acontecia em agradecimento à uma boa colheita, à fartura e à prosperidade. Era organizada pelos Xamãs ou feiticeiros mais respeitados e famosos. Essa narrativa vem a calhar com Acçolini (2015), ao conjecturar que a prática do xamã estaria relacionada com uma forma de enxergar o mundo, estando confiada ao xamã a missão de constituir um sistema que reconhecesse e organizasse um sistema econômico pautado na natureza:

Aparentemente, o xamanismo corresponde a uma visão de mundo que já foi da humanidade como um todo e que, por isso mesmo, fundamentou filosofias e religiões. Nas culturas que ainda não tinham desenvolvido o conceito de propriedade sobre animais e plantas, a necessidade fundamental para a reprodução de um sistema econômico caracterizado por 'punções' na natureza é a de pensar e insistir em um reequilíbrio, particularmente com a fauna, sendo o xamã o maior conhecedor dos desequilíbrios causados e, portanto, o elemento central de comunicação com os espíritos dos animais, das plantas e também dos ancestrais, mestres e auxiliares desta sabedoria. Esta visão de mundo pode se modificar, mas oferece uma grande resistência, pois é o cerne da religião de alguns povos, como os indígenas (ACÇOLINI, 2015, p. 138).

O Arilson me fez alguns esclarecimentos muito importantes. Segundo ele, nós indígenas, não usamos a palavra xamã para se referir ao *koixômoneti*. Achei bastante interessante quando ele me perguntou o que significava xamã<sup>47</sup> para os *purutuyé*. Me disse que a tradução para o Terena de feiticeiro é *koixômoneti* e o raizeiro ou raizeira, é *ipixâxoti*<sup>48</sup>. Ele me disse que o *koixômoneti* é o líder espiritual e que o *ipixâxoti* é o médico da comunidade e que as duas coisas estão dissociadas. Aqui no Ipegue, as duas funções às vezes estão associadas, mas aqui tem também, uma senhorinha chamada dona Mauricinha que é da igreja evangélica

---

<sup>47</sup> A palavra xamã é originária de povos siberianos e uralo-altiacos, para designar praticantes de rituais que conduzem a estados extáticos e acesso a estados alterados de consciência. Com o tempo a expressão ingressou no vocabulário da antropologia para designar processos similares entre povos das mais distintas partes do mundo.

<sup>48</sup> Aquele que faz remédio.

mas também dá remédios e “arruma” espinhela caída, arruma a perninha da criança quando está com quebrante<sup>49</sup>.

Quando eu era criança, uns oito ou nove anos de idade, ouvia falar pelos meus tios e primos mais velhos que eu sobre os pajés da aldeia. De que nas noites de quinta-feira, sextas-feiras de semana santa se reuniam para realização de suas pajelanças, ou seja, a invocação de seus guias que lhes permitiam demonstrar certos poderes sobre algum animal ou aves que denominavam como seus bichinhos de estimação. Durante a madrugada, em um certo momento o(a) pajé ficava em silêncio sentado(a) no chão ou em algum toco de árvore. E começava chamar com palavras ou assovios os seus bichinhos de estimação (guias). De repente, pousava na cabeça ou ombro do pajé um pássaro como, por exemplo, a coruja. No caso de mãe do meu avô conhecida pelo nome de Hahâ'oe (uma das pajés) em um certo momento de madrugada sentava no chão e se concentrava e logo dava uns assovios e de repente chegava até a ela uma cobra e colocava em seu colo, acariciava e colocava no chão e a cobra voltava para o mato. A pajé Hahâ'oe ficou famosa pelo fato de sobreviver quando a sua oca ou casa de sapé pegou fogo. As chamas consumiram toda a sua casa e inclusive com ela dentro da casa. Quando as chamas foram apagadas ela estava dentro da casa com muitas queimaduras pelo corpo, porém com vida. Não quis ser tratada por ninguém. Apenas pediu muitas folhas de bananeira pra forrar o chão e sobre as folhas deitar e se tratar das queimaduras. Assim foi por muitos dias até se curar totalmente (informação verbal, ARILSON CÂNDIDO, 2022).

A funções ou representações do *koixômoneti* e do *ipixâxoti* ainda me parecem complexas e associadas, porque no relato do Arilson, Hahâ'oe se curou sozinha, com seus próprios remédios, embora ela fosse *koixômoneti* e não *ipixâxoti*. Em concordância com Acçolini (2015), o xamanismo é capaz de influenciar diretamente uma comunidade, a sua cosmologia e organização social refletindo diretamente no seu cotidiano. Também é possível constatar neste relato a afirmação de Acçolini (2015), ao constatar que os Terena é uma das poucas etnias que aceitam pajés mulheres.

Antes da primeira retomada da T.I.-Taunay/Ipegue, em 2013, eu acreditava que hábitos e costumes Terena já não eram mais praticados, por isso as escolas desenvolviam projetos para não deixar a memória morrer, mas era uma forma de celebrar a cultura em outros espaços, já que nosso território original estava usurpado pelos grandes proprietários de terras. Costumes com a medicina tradicional, por exemplo, que eu julgava não estar sendo mais praticados, na verdade não encontravam espaço físico para que as anciãs ou anciãos fizessem a coleta das ervas ou raízes, uma vez que algumas só se encontram nos lugares em que, até 2013, estavam sob o domínio dos fazendeiros em suas supostas propriedades.

Meu pai me contou que, em janeiro de 1978, ele fazia uma viagem no Pantanal da Nhecolândia. Recordou que chovia muito e o pantanal estava cheio. Ele havia ido em comitiva

---

<sup>49</sup> O que demonstra para os Terena é possível combinar elementos de sua tradição ritual com elementos inseridos por outras tradições religiosas, no caso o cristianismo.

buscar uma boiada na fazenda Cruzeiro para levar para Rio Verde (MS) e lembrou com brilho no olhar que o percurso a ser percorrido até o destino era a Serra da Alegria. Relembrou, ainda, que a boiada continha 1.100 bois e que continha muitos bois erados,<sup>50</sup> que são frequentemente laçados para serem incluídos na boiada, e que dentre estes havia um boi osco<sup>51</sup> que precisou ser laçado e que por ter posado amarrado à um pedaço de pau, machucou a paleta e ficou mancando. Contou que, após uns cinco dias de Marcha,<sup>52</sup> enquanto estavam no ponto do almoço descansando, deitado não viu o boi, mas imaginou que ele tivesse no meio da boiada e seguiram viagem. Depois de alguns quilômetros, o condutor<sup>53</sup> também notou a ausência do boi e então pediu para meu pai voltar na companhia de um peão chamado Lino para procurar o boi. Meu pai lembrou que precisou andar muito quando, no pôr do sol, conseguiu encontrar o boi que, ao notar a presença do meu pai com o outro peão, correu. Lembrou, ainda, que tiveram que novamente laçar o boi e amarrar no pau e, enquanto isso acontecia, escureceu. Então seguiram viagem com o boi no intuito de alcançar a comitiva. Já era noite escura e os dois tentaram seguir a batida da boiada, mas com o Pantanal cheio, eles não conseguiam enxergar a bitola<sup>54</sup> e, então, tiveram que usar a experiência para seguir viagem.

Em viagens de longa distância em comitivas, só se usa burros, porque cavalos não aguentam o desgaste físico da viagem. Então, meu pai sugeriu ao companheiro que iria na frente, porque o Lino era de idade já avançada e a preocupação do meu pai era o perigo do burro pisar em um jacaré, pular e derrubar o Lino. Lembrou, ainda, que a noite estava muito escura e ele não enxergava nada à sua frente e, então, como ele sabia sem saber que sabia, soltou as rédeas do burro e deixou que este seguisse seus instintos no percurso de volta. Segundo meu pai, o burro não se perde; como ele já havia passado por ali na ida, ia saber voltar no caminho de volta. Meu pai recorda do seu Lino perguntar para ele se estariam perdidos e meu pai respondeu que não teria como saber, porque estava confiando no burro. Então após terem caminhado uns dois quilômetros, o burro olhou para o lado e deu uma orneda<sup>55</sup>, meu pai então, como não conseguia ver nada, se inclinou junto ao pescoço do burro e olhando para o lado esquerdo, mesmo lado que o burro tinha olhado, enxergou o capão<sup>56</sup> onde eles haviam almoçado - já era 22hs. Claramente o burro havia reconhecido o local, então meu pai disse para o Lino

---

<sup>50</sup> Boi muito grande, geralmente arredo e ligeiro.

<sup>51</sup> Boi avermelhado da cara preta.

<sup>52</sup> Uma marcha equivale à um dia de 24hs.

<sup>53</sup> Chefe da comitiva.

<sup>54</sup> Caminho que passa somente a cavalo ou carro de boi.

<sup>55</sup> Relinchou.

<sup>56</sup> Lugar mais alto e seco do Pantanal, utilizado pelos viajantes a cavalo, para ponto de almoço.

que olhasse o capão, pois havia sido ali que tinham almoçado. Lino, ainda preocupado, hesitou em reconhecer o local. Então, meu pai detalhou para o Lino que dali a uns 500 metros eles passariam por uma cimbra e desta no poso, que seria na fazenda Santa Zélia, em aproximadamente três quilômetros. O percurso se deu como o previsto, o problema é que antes de chegar no poso, tiveram que atravessar um corricho<sup>57</sup> e novamente tiveram que usar a experiência dos burros. O corricho continha lugares fundos que o ser humano durante, à noite, não consegue perceber; apenas os burros o fazem. Então, novamente deixaram que os burros se guiassem por si. Chegaram no poso quase às 23hs e se juntaram à comitiva. Ao amanhecer, seguiram viagem rumo a Serra da Alegria com destino a Rio Verde. Ele me detalhou o percurso da viagem: de Rio Verde seguiram para a fazenda Jequitibá, passando por Campo Grande, Sidrolândia, Dourados e Naviraí, município onde fica localizada até hoje a fazenda Jequitibá. Meu pai encheu a boca para me dizer qual o nome da sua função dentro da comitiva. Ele era arribador!<sup>58</sup> Ainda posso ouvir ele me dizer todo cheio de orgulho e satisfação.

Na fala do meu pai, é possível visualizar mentalmente a representação do espaço físico, dada a precisão do relato. Desta forma, ele se orientava em caminhos e trilhas por meio da batida, ou rastro dos animais. O Terena se orienta de acordo com suas referências espaço-temporais, neste caso, associadas com uma representação mental da realidade vivida por eles há poucas horas antes e com a ajuda dos animais, no caso, o burro. Seeman (2003, p. 270 apud LOIOLA; OLIVEIRA; RATTTS, 2011, p. 75) diz que para se orientar no espaço, o homem lança mão de uma base cognitiva ou mental baseada em imagens do ambiente guardadas na memória para encontrar caminhos, trilhas, ou mesmo artefatos físicos que registram a forma como percebem o espaço e os lugares; no caso do meu pai, ele se orientou tanto pelo instinto do animal quanto pelo capão de mato que havia gravado na memória. Os Terena usam os marcadores espaço-temporais como forma de apropriação do espaço.

Para nós, Terena, o território vai além do espaço geográfico, mas é, sobretudo, o lugar de produção e reprodução cultural, social e econômica. O território e vida social estão associados, sendo assim, a terra não pode ser objeto de propriedade individual, mas um bem coletivo (RAMOS, 1988).

Nessa relação íntima ocorre com o território e interação com o meio, com o todo; meu pai se orientava, ainda, por caminhos e trilhas, além de confiar no instinto animal e na sua memória fotográfica, por meio da cosmologia. Durante a noite, observava o Cruzeiro do Sul e

---

<sup>57</sup> Vazante do Pantanal, como se fosse um córrego.

<sup>58</sup> Peão prático, que voltava para arribar ou capturar o boi perdido.

do Norte, este último é menor que o do sul. Quando não havia estrelas, em noites escuras, se orientava pela memória fotográfica, como relatei acima. Contou-me, ainda, que não é possível ver a estrela D’Alva durante a noite e quando de madrugada, esta fica visível, por volta das 4hs da manhã, é sinal de que já vem vindo o sol trazendo o dia e então, já é hora de partir, seja para levantar poso quando estão em comitiva, seja para partir para o roçado. Durante o dia, meu pai se orientava pelo sol e à noite pela lua. Com meu pai aprendi que a lua faz o mesmo movimento que o sol, nascendo no leste e se pondo no oeste.

Nós temos nossa própria forma de marcar o tempo e as estações, uma vez que não nos relacionamos o tempo cronológico de acordo com o mundo ocidental, em horas, mas de acordo com o movimento do sol e durante a noite, com o movimento da lua e das estrelas. A Lua Nova durante o dia no sul e a noite é possível vê-la ao norte.

Ainda sobre a lua, no outono e inverno, mais precisamente nos meses de fevereiro, abril, maio, junho e julho, a Lua Cheia nasce às 18hs; nos outros meses, costuma nascer às 17hs. No outono e inverno, escurece mais cedo e quando a lua nasce já é noite. Se durante o dia nos orientamos com relação às horas à posição e sombra do sol, à noite, quando tem lua, nos orientamos pela posição da lua no céu. Contamos o período pela posição do Sol, que nasce no Leste e vai fazendo o movimento da direita para a esquerda, quando o sol está no meio do céu, sabemos que é meio-dia em ponto e, nesta hora, a manhã já se foi; no período da tarde, o sol vai descendo e costumamos dizer, no final do dia, que a tarde está caindo, porque o sol faz um movimento que parece se esconder. Então, depois que o sol passa do meio do céu, sabemos que a tarde começa a cair. Já as horas costumamos olhar pela posição da sombra das coisas projetada pela luz solar. Até o meio-dia, a sombra se projeta que para o lado nascente; ao meio-dia em ponto a luz solar não projeta a sombra das coisas; depois do meio-dia, a sombra fica para o lado poente.

Certo dia fomos “correr a cerca”<sup>59</sup> e, deixando a cerca, adentramos um pouco no mato para procurar madeira branca que servisse de lasca para consertá-la. Neste momento, observei que meu pai ora quebrava algum galho, ora batia o facão em alguma árvore e tirava uma lasquinha. Não precisei perguntar, porque entendi que ele estava fazendo isso para se orientar; por isso estava deixando marcas, marcando o caminho por onde voltar. Estes cortes horizontais ou galhos quebrados são usados para caminhar no mato, tanto na caça, pesca ou coleta e até mesmo quando o trabalho exige que se entre no mato. Meu pai me disse que tem um cipó

---

<sup>59</sup> Significa andar ao lado da cerca do início ao fim para verificar se tem algum arame rebentado ou mesmo alguma lasca quebrada ou caída.

encantado no mato e que se a gente passar embaixo dele, ficar desorientado, não consegue achar o caminho de volta. Por isso, sempre marcam o caminho que fazem ao entrar no mato para não se perderem ao voltar.

Eu sempre me encantava com meu pai ao andar por caminhos e trilhas no meio do mato, pois ele sabia exatamente quais animais selvagens frequentavam determinada área pelos dejetos no chão e caroços de frutas chupadas e, ao observar as árvores frutíferas, ele sempre sabia quais animais apreciam determinada fruta e sabia reconhecer de quais animais eram os dejetos no chão. A maioria dos bichos e peixes gostam de Tarumã, então aprendi que onde tem Tarumã na beira do rio, também tem peixe.

Quando a maré<sup>60</sup> está baixa, é propício para a pesca de peixes de escama, como o piavuçú, pacu, piranha, piraputanga, etc. Maré alta é propícia para a pesca de peixes de couro, como o pintado, o jaú, a cachara, por exemplo. Sei que agora tem um projeto de lei e que não é mais permitido pescar o dourado, mas isso não me tirou o conhecimento de que o dourado é um peixe carnívoro e que o lambari é a presa predileta deste peixe e que se pescava o dourado mais facilmente no cardume de lambari.

Os frutos comestíveis são repassados de geração em geração por meio da memória biocultural, porém, meu pai me ensinou que basta observar ao entorno da árvore que dá frutos, caso haja restos de frutas no chão, caroço das frutas nos dejetos dos animais, pássaros e outros animais comendo a fruta, é porque nós humanos também podemos comer. Alguns também são remédios, como a guavira, o jenipapo, o jatobá, o maracujá do mato, etc.

Quando meu pai e os peões saíam em expedições, fosse para a caça, coleta e/ou, principalmente, em comitivas, sempre procuravam um pernoitar em um capão de mato, porque geralmente fica numa área mais elevada e seca. Dormiam em redes cobertas por toldo, para se proteger dos insetos, cobras e outros animais peçonhentos. Sempre observavam o entorno para armar a rede, inspecionavam se não havia folhas cortadas no chão ou fezes de lagartas, porque havendo formigas e lagartas, também observavam se não tinha muitas rãs por perto, porque onde tem rãs tem cobra também. Caso verificassem a presença de algum desses animais, trocavam o lugar de pouso.

Além do período da quaresma de restrição à caça, os Terena também não caçam nos meses de outubro e novembro e os outros três meses subsequentes, pois nestes meses é o período de parição e as matrizes estão amamentando seus filhotes. De acordo com Marques (2009), para não perderem os seus costumes e rituais, os Terena “concordam” em reajustes de

---

<sup>60</sup> Rio cheio, geralmente depois do período de chuvarada.

acordo com o cenário político, social e cultural contemporâneo, como a chegada do catolicismo e cristianismo nas aldeias. Por isso, incorporaram o período de quarentena da quaresma, momento em que não se pode caçar. Entretanto, os Terena não seguem o calendário ocidental para se localizar no tempo; o período de restrição à caça é associado à coleta de guavira, ou seja, na época de guavira não se caça, com exceção do porco, que pari o ano todo. O período de restrição à pesca também é associado à coleta da guavira.

Este conjunto de regras e responsabilidades que são repassados de geração em geração tem caráter moral e, segundo Ramos (1988), ao sair para caçar, os povos originários levam consigo, além dos apetrechos de caça, uma gama de direitos e obrigações agregados na vida familiar e comunitária que refletem diretamente na vida econômica.

Meu pai me ensinou que a melhor época para caçar a paca é geralmente dois ou três dias após a lua cheia, porque pacas gostam de noites escuras. Eu aprecio mais a carne do tatu peludo ou peba, mas há restrições para a sua caça. Não se pode caçar o tatu peludo, o peba, no mês de agosto (período de plantio da rama da mandioca), pois ele se encontra “empesteado”, assim como o lagarto, devido ao fato de ainda não haver mandioca para comer. No período da seca,<sup>61</sup> muitos animais morrem doentes, desnutridos por falta de água e alimento, então o tatu e o lagarto alimentam-se dos restos em putrefação destes animais que morreram em função da seca e doenças, por isso diz-se que nessa época estão “empestiados” e por esse motivo eu não como o tatu peludo nesse período.

Assim como marcamos o período da caça e pesca associados ao período de coleta, as estações do ano também são caracterizadas de acordo com a época de plantio e colheita de cada espécie.

---

<sup>61</sup> Período de longa estiagem.

Tabela 1 - Estações do ano relacionadas à época de plantio Terena da Terra Indígena Taunay-Ipegue, município de Aquidauana(MS).<sup>62</sup>

Chuvarada: Verão	Época de plantar e colher o arroz, coletar guavira, colheita da manga, melânica, abóbora, maxixe.
Folhas Secas: Outono	Época de plantar o feijão, tanto o convencional quanto o miúdo, sendo este um pouco depois e colher o milho.
Seca: Inverno	Época de colher o feijão, mandioca e cana-de-açúcar.
Florada: Primavera	Plantio da abóbora, melancia, maxixe.

Fonte: dados colhidos em campo mediante observação empírica com membros da comunidade.

O plantio é orientado de acordo com os marcadores espaço-temporais Terena, baseados nos movimentos lunares e, também, de acordo com o tempo, os ventos, insetos, etc. Cada lua conta com um período de sete dias e geralmente ocorre mudança de tempo na lua nova. Na força de qualquer lua, ou seja, nas mudanças de lua, ocorrem os nascimentos, tanto de seres humanos quanto parição de animais. Meu pai costumava dizer que quando a lua está pênsil, é porque ela está quase transbordando, sinal de chuva, aí chove, a lua derrama. Ensinou-me que geralmente chove na lua nova ou na quarta crescente. Não é bom colher, plantar, tirar madeira ou fazer castrações na lua nova, porque caruncha e se castrar animais, geralmente infecciona, causando a bicheira. Papai dizia que a lua nova traz a chuva.

Como já mencionei, embora eu use o trator para arar a terra, observo o período de plantio de cada espécie, como também a florada, as chuvas, os períodos de estiagem e os ventos. Quando eu empreito um trabalho, o custo ou valor do serviço eu meço em tarefas. A tarefa pode ser de braça: uma braça significa dois metros e os Terena utilizam-se dos braços abertos, sendo considerada de uma ponta dos dedos à outra, para fazer esta medida. Por exemplo, tarefa de enxada mede doze braças e significa um quarto de hectare. Já a tarefa de foice mede vinte e cinco braças e significa meia hectare de terra. Para plantar milho e arroz, utilizamos a tarefa de foice, já a melancia, abóbora e feijão miúdo utilizamos a tarefa de enxada.

<sup>62</sup> Uma versão anterior deste calendário foi publicada na revista Interações (DOMINGO; MARIA, 2017). Os dados são aqui retomados e expandidos.

Para medir a plantação de rama, utilizamos outra medida, as covas, que são aberturas no solo, também chamada de berço, pelos agricultores Terena mais novos. Então, para plantar um hectare de rama, fazemos cem covas, sendo um metro de distância uma da outra em uma área quadrada, então, utilizando-se dessa medida, sabemos se temos meia hectare de mandioca, uma, duas, etc. Aprendi com meu pai, que geralmente quase toda espécie plantada se colhe com aproximadamente com cento e vinte dias, com exceção do feijão miúdo, que pode ser colhido com sessenta dias, mas tudo isso depende do tempo, das condições climáticas.

Tabela 2 - Calendário agrícola Terena.<sup>63</sup>

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Preparo do solo			Orange	Orange				Orange	Orange			
Plantio de rama							Purple	Purple				
Colheita de mandioca		Purple	Purple									
Plantio de batata doce										Dark Purple	Dark Purple	
Colheita da batata doce						Dark Purple	Dark Purple					
Plantio de feijão convencional *			Green	Green								
Colheita do feijão convencional						Green	Green					
Plantio do feijão miúdo **				Yellow	Yellow							
Colheita do feijão miúdo						Yellow	Yellow	Yellow				
Plantio de milho										Blue	Blue	
Colheita do milho		Blue	Blue									
Plantio de arroz											Grey	
Colheita do arroz	Grey	Grey										
Plantio de cana-de-açúcar								Red				
Colheita da cana-de-açúcar					Red	Red	Red					
Plantio de abóbora									Dark Blue	Dark Blue		
Colheita da abóbora	Dark Blue											Dark Blue
Plantio de melancia									Pink	Pink		
Colheita da melancia	Pink											Pink
Coleta de Guavira											Purple	Purple
Coleta de manga											Brown	Brown

Fonte: Miranda (2006, adaptado); dados de campo obtidos pela autora por meio de observações empíricas e entrevista direta com agricultores da aldeia Ipegue e Colônia Nova, município de Aquidauana (MS).

<sup>63</sup> Uma versão anterior deste calendário foi publicada na revista Interações (DOMINGO; MARIA, 2017). Os dados são aqui retomados e expandidos.

Na primavera, já é possível ter uma noção de como será a coleta da manga, do arroz e da melancia. Na verdade, a produção de cada espécie dá para se observar por meio da florada. Meu pai costumava dizer que chuva boa é a de verão. O verâncio é um período de seca no mês de novembro: verão sem chuva. Se tem verâncio no ano, sinal de que o inverno do ano seguinte será rigoroso. O período de longa estiagem é observado pela temperatura do solo que, por sua vez, é medido pelos pés, ou seja, se durante o verão não der para andar descalço no solo, sinal de que o ano vai ser muito quente e de longa estiagem. Vento norte no mês de agosto seca muito a terra. O vento sul é frio e úmido. O vento norte vai para o sul e volta trazendo chuva. O vento leste traz muita seca e o vento oeste vindo do oceano traz fortes chuvas, tempestades.

As mudanças de tempo são associadas à aparição ou presença de alguns insetos ou mesmo ao comportamento de alguns animais, como por exemplo, rã coaxando, sinal de chuva; presença da paquinha, capivarinha ou ainda cachorrinho (família *Gryllotalpidae*), sinal de chuva por perto. Associamos a aparição de alguns animais como a aranha caranguejeira (família *Theraphosidae*), formiga correição (subfamília *Ecitoninae*) com chuva. Acredito que a umidade relativa do ar faz com que esses animais saiam de suas casas ou esconderijos. Associei também a mudança de temperatura com pernilongos, por exemplo, quando vai esfriar ou chover, os pernilongos atacam, ficam agitados e aparecem insetos na luz, nas lâmpadas quando vai chover. Os jacarés (família *Alligatoridae*) também costumam bufar, prevendo a chuva. Os cavalos e bois/vacas no pasto também ficam eufóricos, correndo e pulando muito.

Os últimos ensinamentos do meu pai, pouco antes de sua partida, foi de que os meses que terminam em R não são bons para chocar ovos, perde-se muito. Certa tarde, estávamos sentados na varanda da nossa casa na aldeia e meu pai notou na região dos meus tornozelos uma certa irritação/vermelhidão e ele então me perguntou sobre e eu respondi que era alergia dos pendões da grama. Ele então não disse nada. Uns dois ou três dias depois, novamente em casa, ele pensou em voz alta: “É, esperar a sementeira pra cortar essa grama!” E assim ele o fez: esperou a sementeira e só depois aparou a grama e uma semana depois de tê-lo feito meu pai deixou esse mundo. Então no outono, antes de aparar a grama, eu primeiro observo se a grama já sementeou.

A cultura Terena, tem sobrevivido ao tempo, às lutas, às mazelas do governo público, do mundo ocidental e estes são os signos de uma cultura secular viva, dinâmica e permeável, cujo percurso descreve os seus marcadores espaço-temporais, signos de suas memórias sociais e ambientais que funcionam como marcas territoriais.

## CONCLUSÃO

Para entender minha própria história e o porquê de ter nascido longe da aldeia, no sul do estado, é o motivo pelo qual, desde a graduação venho desenvolvendo essa pesquisa e, desde então, minha percepção sobre vários aspectos e questões fundamentais para entender minha própria trajetória vem se reformulando ou se aprimorando. Foi em busca do meu eu, de mim mesma, que comecei esta pesquisa: comecei a escrever na graduação, mas as inquietações e os porquês já permeavam minha mente desde criança. Entender minha própria história me levou a sentir necessidade de conhecer a história de meu próprio povo e o modo como ele foi impactado pelas frentes de expansão agropecuárias que expropriaram os territórios tradicionais Terena e impuseram a necessidade de ingresso nas fazendas como mão de obra.

Meu pai sempre me encantou. O saber do meu pai me encanta e me fascina. Eu sempre quis saber quem era meu pai, pois sempre me encantei em como ele sabia tanto e como era lindo e admirável o seu saber. Ele sabia praticamente quase tudo! Sabia sobre os pássaros, os peixes, animais silvestres, sobre os insetos, os répteis, sobre o céu, a lua, as estrelas, as nuvens, sabia sobre remédios do mato, sobre qual madeira usar e para quê, sabia como andar no mato, sabia sobre os trovões, sobre os tipos de solo, qual servia para plantar arroz, qual servia para plantar rama. Qual fruta podia comer, sabia qual boi era bravo, qual era manso, sabia qual cavalo ou burro podia pular, qual eu podia montar.

Então eu fui crescendo e observei que as pessoas possuem diferentes tipos de saber e que, no nosso convívio, poucos sabiam como o meu pai: uns sabiam sobre um tipo de coisa, outros, sobre outras, mas meu pai sabia sobre praticamente sobre todas as coisas. Então, aos poucos, eu fui tendo consciência sobre quem era meu pai e já com mais de vinte anos de idade, fui me dar conta que meu pai não era como os outros peões das fazendas, mas era Terena da aldeia Ipegue, Distrito de Taunay, município de Aquidauana (MS) e que eu também sou indígena! Porque até então, eu não sabia direito quem eu era, porque lá fora da aldeia me chamavam de paraguaia (estou rindo agora, porque eu ouvia, mas não entendia e ficava pensando o porquê das pessoas me chamarem de paraguaia). Hoje, eu entendo que assim como meu pai, eu sou diferente também, sou diferente porque sou Terena. O instigante é que, quando voltei para a aldeia, eu continuei sendo diferente, seja por minhas características físicas, seja por não falar o Terena. Essa foi uma fase muito difícil para mim, porque eu não tinha lugar no mundo, porque fora da aldeia me chamavam de paraguaia e na minha aldeia me chamavam de *purutuyé*. Fiquei pensando: quem eu sou, então?! Então foi por questões assim que comecei a pesquisar sobre os Terena, sobre o porquê de o meu pai ter nascido diferente da maioria, ter

nascido ruivo, embora fosse falante fluente da língua Terena. Aos poucos, fui descobrindo que as características físicas do meu pai e as minhas, se conectam com nossa história enquanto povo. No caso do meu pai, a socialização enquanto criança permitiu que ele acessasse o aprendizado da língua terena e muitos dos seus saberes tradicionais, quanto a mim, mesmo sendo criada em ambiente de fazenda, meu pai se empenhou em me repassar muitos costumes Terena, embora eu não tenha tido a oportunidade de aprender a língua terena, dada a ausência de falantes nas fazendas.

De acordo com a linguística, pertencemos ao tronco linguístico Aruák e, mesmo antes da Guerra com o Paraguai no século XIX, os grupos pertencentes a este tronco linguístico já moravam margeando o rio Paraguai e falavam diversos dialetos oriundos do Aruák, dentre eles, o Terena. Os Guaná mantinham uma relação de aliança com os guerreiros Mbayá em troca de proteção contra outros povos indígenas e até mesmo contra os espanhóis e isso garantiu a sobrevivência desse povo nos tempos coloniais.

A guerra contra o Paraguai foi um divisor de águas para muitos povos indígenas que viviam na região até então de fronteiras indefinidas e como não podia deixar de ser, para os Terena. Os Terena lutaram na guerra ao lado da Coroa Portuguesa contra os espanhóis com a promessa de garantia de suas terras, mas segundo Amado (2020) já começam a perder seus territórios originais pelos grandes proprietários de terras, estes, incentivados pela Coroa no intuito de guardar e manter as fronteiras. A participação dos Terena foi decisiva para a guerra, pois os Terena são exímios agricultores tradicionais e descendentes dos primeiros habitantes, assim como todos os povos indígenas; intimamente ligados à natureza por um modo diferente de enxergar o mundo, o da cosmovisão e detentores de muitos saberes e atividades produtivas, como registra Toledo e Barrera-Bassols (2015). Foi ouvindo o meu pai e acessando os conhecimentos que ele dominava que eu vim a entender e saber quem era ele e obtive a resposta de uma pergunta que carreguei por 40 anos! Entendi que o seu saber vem da memória biocultural Terena.

A guerra foi decisiva para o processo de desterritorialização dos Terena e é neste período que muitos indígenas se empregaram nas fazendas, agora antigo território original dos Terena. Foi neste contexto que meu pai nasceu, pois era filho de “pai desconhecido”, filho do patrão da casa onde minha avó trabalhava e foi criado até os treze anos pelo então companheiro de minha finada avó, que lhe deu o sobrenome. Certa vez, perguntei ao meu finado avô por consideração, pois criara meu finado pai, onde ele havia nascido e ele me respondeu que era

dali mesmo do Cutape<sup>64</sup>, que seu pai era cativo do Cutape, que nascera lá e sempre vivera lá. Para mim essa fala é uma evidência de duas coisas, a primeira que a referida fazenda sempre foi território Terena e que depois da guerra meu bisavô virou “escravo” do fazendeiro/posseiro, também conhecido como período da caboclicização do Terena. Meu pai nasceu e se criou no contexto de negação da identidade, acredito que tenha sido por isso que ele nunca quis me ensinar o idioma, como ele se referia à língua Terena.

A história de meu pai evidencia o grau de violência ao qual os Terena foram submetidos pelos representantes das frentes de expansão agropecuária no pós-guerra. Tal violência atingiu a todos, os homens submetidos ao trabalho análogo a escravidão na implantação das fazendas, as mulheres obrigadas a realizarem os trabalhos na sede e retiros das fazendas, não raro sofrendo violência sexual por parte dos proprietários ou de funcionários não indígenas - *purutuia*.

Papai me contou que nunca passara fome, pois sempre tinha mandioca, batata doce, abóbora e chá feito da erva-mate, mas ele me disse que não se conformava com aquela vida, queria ter um calçado e roupas melhores para usar. Foi então que, aos trezes anos, na década de 70 ele saiu em sua primeira viagem de comitiva levando gado para a fazenda Jequitibá no Município de Naviraí e de lá só retornou 30 anos depois. Foi lá que ele conheceu e se casou com minha mãe e foi lá que eu nasci. Até hoje, eu sonho com a fazenda Água Doce - hoje é dia 22 de Maio de 2022 e ao amanhecer ontem, sonhei com a fazenda Água Doce. Eu estava muito feliz lá, lavando a roupa do meu pai na lavanderia que eu carinhosamente chamava de “arinha”, no mesmo ambiente a gente almoçava. Eu lavava a roupa e dizia o papai não morreu, porque ele usou a roupa dele, vejam!

Entendo hoje que nós, indígenas, mantemos uma profunda relação com o território e apropriação desse território material e espiritual e é por isso que não consigo esquecer este local e sinto tantas saudades, pois lá vivi os melhores anos da minha vida e fui muito feliz com o meu pai. É por causa dessa relação que meu pai cuidava daquela fazenda como se fosse dele; cuidou por décadas cada centímetro de chão e me ensinou também a conhecer e cuidar cada centímetro de chão daquela fazenda. Eu conhecia tudo, a vegetação, as nascentes, os triedros<sup>65</sup>, as divisas, lá tinha coquinho pindó, que delícia! Foi também devido ao sentimento de apropriação do espaço que a partir da sua ocupação se torna um território, que meu pai se destacou nas comitivas, pois esta característica o diferenciava dos demais, tanto que ele chegou a fazer

---

<sup>64</sup> Atual Fazenda Santa Cruz.

<sup>65</sup> Caminho estreito feito por gado ou por animais silvestres.

viagens sozinho conduzindo a tropa: uma missão de grande responsabilidade. Meu pai também viajou carregando o pagamento do pouso e dos peões da comitiva e era Arribador! Sempre guiado pelos marcadores espaço-temporais Terena uma ferramenta para a apropriação do espaço, tornando-o seu território.

Desde quando cheguei à aldeia, em 2007, eu sempre ouvira falar que um dia o governo ia devolver as nossas terras e que a gente não podia reaver as terras à força, porque isso faria com que perdêssemos o nosso direito sobre as terras. Então, em 2012, tive a oportunidade de participar da Primeira Grande Assembleia Terena na aldeia de Imbirussu, pois foi único cacique, então o cacique Cláudio que ousou a enfrentar os fazendeiros e aceitar um movimento grande que falava da retomada das terras originárias. Neste período, eu estava cursando minha graduação e minha preocupação era registrar o maior número possível de conhecimentos que meu pai detinha e verificar quais troncos além do meu pai detinham aquele tipo de saber e/ou saberes. Eu ainda nem sabia o nome desta forma de conhecer e se apropriar do espaço/território, ao longo da pesquisa descobri que são marcadores-espaço temporais, que consistem em uma maneira própria e peculiar e entender e se colocar no mundo/espaço/território. Já na pós-graduação, na minha Especialização em Educação, Direitos e História Indígena surgiu a preocupação em saber se esses conhecimentos estavam sendo repassados para os mais jovens. Colei grau, em 2015, e me especializei, em 2016. Nesta época, após três anos da primeira retomada aqui na minha região, comecei a observar em sala de aula durante as minhas aulas de ciências que meus alunos comentavam e discutiam comigo e com os colegas fatos do seu cotidiano nas retomadas que remetiam às práticas tradicionais Terena, tanto do cultivo, quanto da caça, pesca e coleta. Então, em um projeto da escola, resolvi elaborar juntamente com os alunos do 8º Ano o Calendário Tradicional Terena.

Então, desde essa época eu esperava um mestrado diferenciado em que eu me identificasse e que pudesse cursar no mesmo regime ao qual cursei a graduação. Neste período eu já sabia que meu pai possuía muitos conhecimentos denominados pela cultura ocidental com marcadores espaço-temporais, porém ainda não havia respondido meus questionamentos sobre como ele sabia. Foi no mestrado que obtive as respostas de quase todos os meus questionamentos, que este saber com o qual parecia que meu pai já havia nascido sabendo - porque até onde eu me lembre ele sempre soube - é devido à memória biocultural que acompanha um povo ao longo dos séculos e perpassa de geração em geração, que esta é uma característica dos povos tradicionais e que estes saberes são uma forma de apropriação do espaço. No decorrer da minha pesquisa, observei, ainda, que cada tronco é detentor de um determinado campo de saber, às vezes até mais de um, como o artesanato, a prática da medicina

tradicional, do cultivo, quase sempre associado à pesca, à caça e à coleta e surpreendentemente ainda há vários troncos que detenham a prática de ser peão! Fique muitíssimo feliz e orgulhosa e imagino que meu pai ficaria muito feliz também em ver que ainda há jovens montando, trabalhando com o gado, criando seu próprio gado bovino, ovino e suíno nas retomadas.

Por estes dias, estive na retomada Cristalina e vi um jovem tirando o tento para fazer um laço puro de couro bovino. Ele cortou tudo em uma única corda e esticou na cerca. Lembrei do trecho da música Cavalo Preto de composição de Anacleto Rosas Jr.: “um laço de doze braças do couro de uma novilha”. Aqui na aldeia Ipegue e região agora têm até eventos de competição de laço, vejo que esta prática é decorrente da prática cotidiana nas retomadas. Eu sempre ouvi meu pai dizer que já não se fazem peões como antigamente, que agora já tinha peão “beroula”: termo com o qual ele se referia ao peão com pouca ou nenhuma prática no manejo com o gado, com a tropa, com fazenda. Hoje, porém, vejo jovens aprendendo e praticando e montando burros e cavalos redomões e imagino que eles estão recomeçando para a minha geração e começando na geração, no tempo deles. Fico imaginando como seria a surpresa e satisfação do meu pai. O meu coração se enche de alegria em saber que o peão Terena não acabou e que, de alguma forma, esses conhecimentos estavam sendo repassados e guardados a sete chaves e que magistralmente nós, Terena, estamos nos apropriando do nosso território original, praticando o cultivo, a caça, a pesca, a coleta e o manejo com o gado.

Em 2006, eu já estava concursada há dois anos na prefeitura do município de Taquarussú (MS), mas eu não estava completa. Faltava algo e eu estava à procura de algo que no momento não sabia explicar, mas hoje entendo que eu estava em busca de mim mesmo, acredito que em busca de ocupar o meu lugar na minha própria sociedade, como registra Miranda (2006). Embora eu já ocupasse um espaço em Taquarussu, só na minha aldeia eu podia ser eu mesma, eu podia acrescentar àquele espaço a minha identidade, o meu eu, enquanto em Taquarussu eu não conseguia me apropriar daquele espaço.

A descoberta mais surpreendente para mim e que se torna um divisor de águas na minha trajetória é que eu não precisei necessariamente pesquisar mais ninguém, além de visitar e relembrar as memórias de meu pai. De certa forma, a pandemia do COVID-19 contribuiu para esta descoberta, pois fiquei impossibilitada de realizar as visitas e estabelecer laços, uma relação com os meus entrevistados, porque mesmo me conhecendo, os anciãos não costumam falar assim de peito aberto: é tudo no tempo deles e isso demanda um tempo, tempo esse que eu não tive por causa da pandemia. Então, o professor Levi me orientou a falar sobre minhas memórias, sobre os meus conhecimentos adquiridos por meio da memória biocultural

do meu pai e da minha comunidade e foi aí que eu levei um choque, porque eu nem sabia que sabia!

No decorrer do meu trabalho, ao ir escrevendo e observando o que estava acontecendo à minha volta, fiquei muito surpresa e incrivelmente feliz ao descobrir que o conhecimento tradicional nunca se perdeu, pois sempre esteve entre nós, guardado e mantido pela “brasa viva”: os troncos velhos e só precisavam de espaço, do território original para se reascender! É fascinante, é um sentimento que não posso explicar, ao ver meus alunos estalando o reinador no desfile cívico do município de Aquidauana por exemplo, ao ver meu primos caçando o queixada, ao ver as pessoas plantando e colhendo, vendendo ou trocando o produto aqui mesmo na aldeia, ao poder montar novamente depois de dezoito anos e ir ao campo cuidar o meu gado: o que mais amo fazer nessa vida, aprendizado herdado do meu sábio pai. Toda essa rotina que mistura velhos e novos conhecimentos só se tornou possível depois das retomadas. Precisamos do território original para continuar deixando nossas marcas espaciais e territoriais, mantendo nossas raízes, saberes e forma própria de existir.

O meu território é aqui na aldeia Ipegue, local em que eu trabalho e não preciso esconder quem eu sou. Posso ser a professora Sandra que gosta de porcos e calça botinas; meus cachorros vão para meu trabalho comigo e nos feriados e aos finais de semana eu posso ir para a retomada, olhar e cuidar do meu gadinho, a paixão, o sonho do meu pai. Meu pai me contou que o sobrenome original do meu avô era Apapa e que depois ele adotou o sobrenome Domingos. Aprendi, ainda na graduação, que houve uma época em que ser Terena era um perjúrio e que para sermos aceitos e garantir um futuro melhor para os filhos, meus antepassados davam os filhos para os não indígenas batizar e já registravam os filhos com os sobrenomes dos padrinhos. Quanto menos características indígenas tivessem, melhor. Que bom que isso ficou no passado, ainda que eu seja uma evidência dessa época e, embora minhas características físicas digam ao contrário, minhas raízes estão aqui nessa terra: tias, tios, primas, primos. Hoje eu sei quem eu sou: sou uma sementinha que meu pai gerou e cuidou por anos, regando com seus conhecimentos para que não morresse finalmente ele me trouxe de volta e me plantou aqui neste chão do Ipegue.

## REFERÊNCIAS

ACÇOLINI, Grazielle. **Protestantismo à moda Terena**. Dourados: Editora UFGD, 2015.

AMADO, LUIZ HENRIQUE ELOY. **Vukápanavo**: O despertar do povo terena para os seus direitos. Movimento indígena e confronto político. Rio de Janeiro: e-papers, 2020.

BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. **A história do povo Terena**. Brasília: MEC, 2000.

CORREA, Línive de Albuquerque. **História, Imprensa e Política**: A divisão do Estado do Mato Grosso nas páginas da Folha de S. Paulo. Monografia (Graduação em História). Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2013, 70 p.

DICIONÁRIO AURÉLIO (2016a). **Natureza**. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/natureza>. Acesso em: 18 jul 2016.

DICIONÁRIO AURÉLIO (2016a). **Vaqueiro**. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/vaqueiro>. Acesso em: 18 jul 2016.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS (2016a). **Roçado**. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/rocado/>. Acesso em: 04 fev. 2016.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS (2016b). **Marruá**. Disponível em <http://www.dicio.com.br/marrua/>. Acessado em 03 fev. 2016.

DOMINGO, Sandra Ventura; MARIA, Elisangela Castedo. Análise do comportamento socioambiental terena por meio de marcadores espaço-temporais: uma contribuição para a conservação da cultura. **Interações (Campo Grande)**, [S. l.], v. 18, n. 1, 2017. DOI: 10.20435/1984-042X-2016-v.18-n.1(05). Disponível em: <https://interacoesucdb.emnuvens.com.br/interacoes/article/view/1318>. Acesso em: 4 out. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GOOGLE IMAGENS (2022). **Dobro, a mala do peão de boiadeiro**. Disponível em: [https://www.google.com/imgres?imgurl=https%3A%2F%2Flookaside.fbsbx.com%2Flookaside%2Fcrawler%2Fmedia%2F%3Fmedia\\_id%3D2442397429204642&imgrefurl=https%3A%2F%2Fpt-br.facebook.com%2Fferrerinhatraieiro%2Fposts%2Fdobro-a-mala-do-pe%25C3%25A3o-de-boiadeiro-era-levado-nos-cargueiros-de-comitiva-nos-tran%2F2442403285870723%2F&tbid=7UvkYaADn603hM&vet=1&docid=Ox82sG08wCiYM&w=960&h=720&itg=1&source=sh%2Fx%2Fim](https://www.google.com/imgres?imgurl=https%3A%2F%2Flookaside.fbsbx.com%2Flookaside%2Fcrawler%2Fmedia%2F%3Fmedia_id%3D2442397429204642&imgrefurl=https%3A%2F%2Fpt-br.facebook.com%2Fferrerinhatraieiro%2Fposts%2Fdobro-a-mala-do-pe%25C3%25A3o-de-boiadeiro-era-levado-nos-cargueiros-de-comitiva-nos-tran%2F2442403285870723%2F&tbid=7UvkYaADn603hM&vet=1&docid=Ox82sG08wCiYM&w=960&h=720&itg=1&source=sh%2Fx%2Fim). Acesso em: 04 out. 2022.

GOOGLE MAPAS (2022a). **Aldeia Ipegue**. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-20.2337939,-56.0557034,3121m/data=!3m1!1e3>. Acesso em: 04 out. 2022.

GOOGLE MAPAS (2022b). **Rota aldeia Ipegue-Dourados**. Disponível em: <https://www.google.com/maps/dir/Dourados,+MS/-20.2303574,-56.0451629/@-21.2254656,->

[56.3738275.8z/data=!3m1!4b1!4m9!4m8!1m5!1m1!1s0x9489a825ba544f99:0xd96ef82be62e-dddc!2m2!1d-54.8130758!2d-22.228023!1m0!3e0?hl=pt-BR](https://56.3738275.8z/data=!3m1!4b1!4m9!4m8!1m5!1m1!1s0x9489a825ba544f99:0xd96ef82be62e-dddc!2m2!1d-54.8130758!2d-22.228023!1m0!3e0?hl=pt-BR). Acesso em: 04 out. 2022.

GRESSLER, Lori Alice; SOUZA, Zelia Peres de; VASCONCELOS, Luiza Mello. **História do Mato Grosso do Sul**. 1ª ed. São Paulo: FTD, 2008.

HISTÓRIA DO BRASIL. NET, 2016). **Bandeirantes – resumo**. Disponível em <http://www.historiadobrasil.net/bandeirantes>. Acessado em 03/02/16.

HRUŠKOVÁ, Lucie. **Os símbolos contemporâneos da cultura pantaneira do Mato Grosso do Sul**. Monografia (Comércio Internacional). Vysoká škola ekonomická, Fakulta mezinárodních vztahů. Brno (República Tcheca), 1984. Disponível em: <https://premioiberoamericano.cz/predchozi-rocniky/>. Acesso em: 05 out. 2022.

CARNEIRO LEÃO, Igor Zanoni Constant; MAIA, Denise Maria. A Teoria de Gaia. **Revista Economia & Tecnologia**, [s.l.], v. 6, n. 2, jun. 2010. ISSN 2238-1988. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/ret/article/view/26995>. Acesso em: 05 out. 2022. doi: <http://dx.doi.org/10.5380/ret.v6i2.26995>.

LOIOLA, Sérgio Almeida. Do espaço e tempo ao espaço-tempo: dimensões e marcas. Geografia, Associação de Geografia Teorética. **AGETEO**, Rio Claro, v. 35, n. 1, p. 5-20, jan./abr. 2010. eISSN 1983-8700.

\_\_\_\_\_; OLIVEIRA, Sandra de Fátima; RATTI, Alessandro J. P. Objetos, ações e processos naturais: de marcadores espaço-temporais às memórias socioambientais. **Revista do Departamento de Geografia – USP**, São Paulo, v. 21, 2011.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MARIA, Elisângela Castedo. **Entrelaçando conhecimentos e saberes: educação ambiental na escola indígena Marcolino Lili – Aquidauana(MS)**, 2011. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 2011.

MARTINS, Gilson Rodolfo. **Breve Painel Etno-Histórico de Mato Grosso do Sul**. 2ª ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2002.

MIRANDA, Claudionor do Carmo. **Territorialidade e práticas agrícolas: premissas para o desenvolvimento local em comunidades Terena de MS**. 2006. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, 2006.

MORIN, Edgar. **O paradigma perdido - a natureza humana**. Mem Martins: Editora Europa América, 1973.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de; PEREIRA, Levi Marques. **Terra indígena Buriti: perícia antropológica, arqueológica e histórica sobre uma terra terena na Serra de Maracaju**. Dourados: Ed.UFGD, 2012.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Do Índio ao Bugre: o processo de assimilação dos Terena.** Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

PEREIRA, Levi Marques Pereira. **Os Terena: formas organizacionais e representação da identidade.** Ed. UFGD. 2009.

RAFFESTIN, Claude. A produção das estruturas territoriais e sua representação. *In:* SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos.** 1.ed.-- São Paulo: Expressão Popular, 2008.

RAMOS, Alcida Rita. **Sociedades Indígenas.** 2ª ed. São Paulo: ed. Ática, 1988.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos Santos. **Literatura e Práticas Culturais.** Dourados: Editora UFGD, 2009.

SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos.** 1.ed.-- São Paulo: Expressão Popular, 2008.

SEGATEL, Ana Julia Fernandes. **O Pantanal Sul-Mato-Grossense sob o olhar de Augusto César Proença.** I Congresso Nacional e II Regional do Curso de História da UFG/Jataí & I Simpósio do GT de História Cultural da ANPUH/GO, 2008, Jataí. "Uma Corte Européia nos Trópicos", 2008.

SILVA, Jovam Vilela da. **A Divisão do Estado de Mato Grosso: Uma Visão Histórica - 1892-1977.** Cuiabá: EdUFMT, 1996.

SUAPESQUISA.COM. **Pecuária.** Disponível em:  
<http://www.suapesquisa.com/pesquisa/pecuaria.htm>. Acessado em 04/02/16.

THOMAZ, Omar Ribeiro. A antropologia e o mundo contemporâneo: cultura e diversidade. *In:* SILVA, Aracy Lopes; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus.** Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

TOLEDO, Víctor M.; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A memória biocultural: A importância ecológica das sabedorias tradicionais.** São Paulo: Expressão Popular, 2015.

URQUIZA, Antônio Hilário Aguilera (org.). **Culturas e Histórias dos Povos Indígenas em Mato Grosso do Sul.** Campo Grande: Ed. UFMS, 2013.

VARGAS, Icléia Albuquerque de. **Porteiras Assombradas do Paraíso: Embates da Sustentabilidade no Pantanal.** Campo Grande: Editora UFMS, 2009.